

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS

LÁZARO MOREIRA GOMES JÚNIOR

APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO
FUTEBOL

GOIÂNIA
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Lázaro Gomes Moreira Júnior

3. Título do trabalho

Apareceu o Margarida: Liminaridades e masculinidades no futebol

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Luciene De Oliveira Dias, Professora do Magistério Superior**, em 15/06/2020, às 11:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LAZARO MOREIRA GOMES JUNIOR, Discente**, em 15/06/2020, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1381888** e o código CRC **45D04D41**.

LÁZARO MOREIRA GOMES JÚNIOR

APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO
FUTEBOL

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Performances Culturais, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Espaço, materialidades e Teatralidades.

Orientadora. Prof^a. Dr^a. Luciene de Oliveira Dias

Goiânia
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gomes Júnior, Lázaro Moreira
Apareceu o Margarida: Liminaridades e masculinidades no futebol
[manuscrito] / Lázaro Moreira Gomes Júnior. - 2020.
120 f.

Orientador: Profa. Dra. Luciene de Oliveira Dias.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Performances Culturais, Goiânia, 2020.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Futebol. 2. Liminaridades. 3. Masculinidades. I. Dias, Luciene de Oliveira, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 1 da sessão de Defesa de Dissertação de **Lázaro Moreira Gomes Júnior**, que confere o título de Mestre em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos doze dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte, a partir das dezoito horas, na sala de defesas AS-01 da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “Apareceu o Margarida: liminaridades e masculinidades no futebol”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Luciene de Oliveira Dias (UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Djalma Rodrigues Lima Neto (UFBA), membro titular externo; Professor Doutor Eduardo José Reinato (UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Luciene de Oliveira Dias (UFG), Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Luciene De Oliveira Dias, Professora do Magistério Superior**, em 25/06/2020, às 08:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Djalma Rodrigues Lima Neto, Usuário Externo**, em 25/06/2020, às 20:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo José Reinato, Usuário Externo**, em 26/06/2020, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1401952** e o código CRC **4E19C290**.

Referência: Processo nº 23070.048491/2019-60

SEI nº 1401952

Dedico esse trabalho a Milena Jezenka, mãe de meus filhos, senhora de meu destino, companheira de boemia e também a duas pessoinhas fruto desta união, Benício e Vicente, que nos ensinam dia após dia o significado de felicidade.

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar meus agradecimentos com outras pessoas que não sejam Lázaro Moreira Gomes (*in memória*) e Vanilda Silva Gomes, meu pai e minha mãe, que passaram noites dentro da boleia de um caminhão para me oferecer uma educação que julgavam e que realmente foi de excelente qualidade.

Antes que me esqueça, agradeço a todos que esquecerei de agradecer, mas que contribuíram de alguma forma com meu aprendizado.

Por entender que a trajetória acadêmica, não se inicia na universidade e sim desde os primeiros anos de escolarização, agradeço a quase todos professores que tive, destacando Elaine Batista, Sandro Ramos di Lima, Reginaldo José Saddi e Marília de Goyaz.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da UFG e em especial a minha orientadora Luciene de Oliveira Dias, que compreendeu o “caos” pedagógico de meu processo de ensino aprendizagem e foi essencial nas reflexões que balizaram essa caminhada.

Aos momentos vivenciados na disciplina conduzida pelo Alex Ratts durante o processo de pós-graduação.

Não teria chegado até aqui sem os “irmãos e irmãs” da Cia de Teatro Nu Escuro, não só os atuais integrantes, mas todos e todas que nos últimos vinte e quatro anos, dividiram o palco comigo, estabelecendo laços de fraternidade.

Tenho que agradecer também as vovós, tios e tias que colaboraram demais nos momentos de desespero e de entrega de trabalhos e cuidaram de meus filhos com todo carinho e dedicação.

Aos colegas do mestrado e doutorado em Performances Culturais da UFG, que eram ruins de copo, mas bons de papo.

Ao Google tradutor, que mesmo não podendo confiar 100% em seu resultado, sem ele seria difícil.

Aos amigos da Escola Municipal Laurindo Sobreira do Amaral, pelo incentivo desde o momento que iniciei o processo de seleção ao mestrado. Não poderia deixar de destacar os professores de inglês que foram atenciosos e prestativos, me livrando nos momentos decisivos do tradutor digital.

Aos companheiros de luta no campo das artes cênicas que participaram do Grupo Focal. Suas colaborações foram essenciais na finalização desta pesquisa.

A Oficina Cultural Geppetto que abriu as portas para a realização do Grupo Focal.

A minha sogra Ângela Jussara, que cedeu seu computador quando naquelas “coincidências” do destino, tive meus dois computadores inviabilizados de serem utilizados.

Ao professor da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG, Ari Lazarotti e o grupo de pesquisa coordenado por ele que abriu espaço para apresentar meu trabalho, como preparação para o exame de qualificação.

A Fernanda Pimenta que no segundo tempo da prorrogação, contribuiu com uma tradução.

A banca de qualificação pela generosidade e apontamentos que influenciaram este trabalho.

Para finalizar, a todos os gays, lésbicas e pessoas trans que cruzaram minha vida e me ensinaram e continuam ensinando o sentido do respeito às diferenças e assim contribuem com o desenvolvimento de minha alteridade. Alguns se tornaram amigos e amigas que tenho enorme admiração e carinho.

A todos acima citados *Mucha Gracias*.

Sei que, em razão de meu voto e de minha conhecida posição em defesa dos direitos das minorias (que compõem os denominados “grupos vulneráveis”), serei inevitavelmente incluído no “Index” mantido pelos cultores da intolerância cujas mentes sombrias – que rejeitam o pensamento crítico, que repudiam o direito ao dissenso, que ignoram o sentido democrático da alteridade e do pluralismo de ideias, que se apresentam como corifeus e epígonos de sectárias doutrinas fundamentalistas – desconhecem a importância do convívio harmonioso e respeitoso entre visões de mundo antagônicas.

José Celso de Mello Filho – Ministro do Supremo Tribunal Federal

RESUMO

O trabalho que segue buscou realizar um diálogo entre o futebol, esporte presente e constituinte da sociedade e da cultura brasileira, com os estudos de performances e de gênero. Tivemos como ponto de partida dois árbitros de futebol profissional que atuaram entre a década de 1980 e 1990 do século XX. Jorge José Emiliano dos Santos, homossexual assumido e Clésio Moreira dos Santos, heterossexual que criou um personagem gay, para atuar como árbitro, ambos apelidados de Margarida. O estudo buscou analisar o futebol como um ritual, através dos conceitos desenvolvidos por Victor Turner e Richard Schechner, tensionados com o processo de construção das masculinidades dentro de uma sociedade misógina e homofóbica, pautada pela heteronormatividade. Os resultados obtidos através de um estudo bibliográfico de natureza qualitativa, associado a realização de um grupo focal, demonstram que a liminaridade presente em um jogo de futebol, podem produzir fissuras nos conceitos de masculinidade hegemônica e tóxica.

Palavras chaves: futebol, liminaridades, masculinidades.

ABSTRACT

The work that follows sought to carry out a dialogue between soccer, a present and constituent sport in Brazilian society and culture, with studies of performance and gender. We had as starting point two professional soccer referees who acted between the decade of 1980 and 1990 of the twentieth century. Jorge José Emiliano dos Santos, an assumed homosexual and Clésio Moreira dos Santos, a heterosexual who created a gay character, to act as referee, both nicknamed Margarida. The study sought to analyze soccer as a ritual, through the concepts developed by Victor Turner and Richard Schechner, strained by the masculinities construction process within a misogynist and homophobic society based on heteronormativity. The results obtained through a qualitative bibliographic study, associated with the realization of a group, demonstrate that the liminality present in a soccer game can produce cracks in the concepts of hegemonic and toxic.

Key words: soccer, liminalities, masculinities.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Jorge José Emiliano dos Santos: Margarida 1	64
FIGURA 2 - Armando Marques: Armandinho	65
FIGURA 3 - Roberto Nunes Morgado: Pantera cor de rosa	68
FIGURA 3 - Clésio Moreira dos Santos: Margarida 2	74

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Perfil dos Interlocutores do Grupo Focal	84
TABELA 2 - INTERLOCUTOR 1	86
TABELA 3 - INTERLOCUTOR 2	87
TABELA 4 - INTERLOCUTOR 3	88
TABELA 5 - INTERLOCUTOR 4	89
TABELA 6 - INTERLOCUTOR 5.....	90

LISTA DE SIGLAS

FIFA	Fédération Internationale de Football Association
VAR	<i>Video Assistant referee</i>
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero
ONU	Organização das Nações Unidas
FA	Football Association
GGB	Grupo Gay da Bahia
ADO	Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
GF	Grupo Focal
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	O FUTEBOL ABRE AS CORTINAS DE SEU PALCO	22
	1.1 Elementos rituais no futebol.....	23
	1.1.1 Espaço - Tempo	28
	1.1.2 Objeto	31
	1.1.3 Regras	33
1.2	Um palco para disputas e representações	36
1.3	Um palco normativo	40
2	UMA “NOVA” VELHA ERA: REPENSANDO AS MASCULINIDADES	48
2.1	Gênero e masculinidades no futebol brasileiro.....	57
2.2	Os árbitros gay do futebol brasileiro e o sindicato.....	63
3	UMA PLATEIA RETORCIDA	76
3.1	Grupo focal: uma plateia para Margarida	80
	3.1.1 Escalando nossa plateia	83
	3.1.2 Margarida visto por nossa plateia	91
	3.1.3 Desdobramentos sobre Margaridas	95
	CONSIDERAÇÕES	99
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
	ANEXOS	111

INTRODUÇÃO

Viajemos no tempo e retornemos à década de 1980.

As idas ao comércio da rua de baixo de minha casa, com meu Kichute, calçado misto de tênis e chuteira, para comprar meu chocolate predileto, vendido em uma embalagem que imitava um cigarro, são lembranças de um tempo que marcaram minha pessoa.

Retornar à década de 1980, me faz lembrar meus tempos de criança, assim como o fim da Ditadura Militar no Brasil, o Plano Cruzado, os ternos com ombreira, as polainas que minha irmã usava inspirada pelo filme *Flashdance*, o sucesso de Michael Jackson com o clipe e o álbum *Thriller*, bandas como Legião Urbana, Titãs e Barão Vermelho, a poesia de Cazuza, o aparecimento da Aids, a queda do muro de Berlim e o Margarida, dentre outros personagens e acontecimentos.

Mas quem foi Margarida?

Jorge José Emiliano dos Santos, tornou-se árbitro de futebol profissional no ano de 1988, porém, já carregava o apelido com o nome popular de uma flor da família da *Asteraceae*, desde os tempos que apitava jogos de futebol de areia, na praias cariocas, onde iniciou sua carreira como árbitro ainda na década de 1960. Gay assumido, chegou a ser considerado a sensação do campeonato carioca de futebol.

No mesmo ano que Margarida começava sua carreira como árbitro profissional, Clésio Moreira dos Santos na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, ingressava em um curso de formação de árbitro. Heterossexual, ele criou um personagem gay para atuar como árbitro, recebendo posteriormente a alcunha de Margarida.

Portanto, a pergunta deveria ser: Quem foram os Margaridas e refletir sobre suas performances atuando como árbitros em um esporte machista e excludente é um dos objetivos desse trabalho.

Como estamos na década de 1980, preciso ir ao encontro do ano de 1982.

Foi nesse ano que iniciei meu processo de escolarização, assim como foi o ano que criei laços afetivos com o futebol, fatores que de alguma forma se interligam na gênese desse trabalho.

Na escola onde iniciei minha vida escolar, um professor me chamou a atenção desde o primeiro momento que o vi. Suas roupas, seu caminhar, sua risada, dentre outras marcas corporais, que compreendemos como sendo sua performatividade de gênero, eram motivos de conversas sigilosas entre alunos e alunas.

Atualmente, revivendo minhas memórias, consigo afirmar que foi um prazer tê-lo como professor, no entanto, nos anos que convivemos naquele ambiente escolar, o prazer podia ser nomeado como medo e desprezo, devido conversas que espalhavam pelos corredores da escola e que afirmavam ser ele gay.

Os anos de ensino fundamental me colocaram diante de um espelho, revelando o preconceito que em mim habitava, pois, “quando nos vemos no espelho, o que vemos refletido é a imagem do Narciso que está em nós, mas não do vampiro que nos habita: este sempre escapa, mas escapa como viajante nômade” (SOUZA, apud, TUCHERMAN, 1999, p. 13).

Sim, a homofobia era um dos meus vampiros.

Colling nos diz que o conceito de homofobia pode ser controverso, pois,

... a ideia de fobia está, queiramos ou não, dentro do campo das patologias. Enquanto isso, sabemos que aprendemos no dia-a-dia quem deve ser respeitado e quem pode ser injuriado, portanto, não estamos falando de uma patologia em sentido estrito/inato, mas de um problema social/cultural e, se for o caso, de uma patologia produzida pelas normas hegemônicas em torno das sexualidades e dos gêneros. (COLLING, 2018, p. 42)

Durante o ensino médio, alguns de meus vampiros foram combatidos e a estaca a ser cravada em seu peito chegou até minha pessoa através do contato que tive com o universo teatral, onde alguns desafios como a necessidade de encenar um beijo com outro homem, serviram como rito de passagem.

O teatro! Como ele me ensinou e continua ensinando. Foi nele que, aos poucos, os preconceitos de gênero e das sexualidades foram sendo decepados. Sem ele, o professor acima citado, ainda povoaria minhas lembranças despertando sentimentos odiosos. Sem ele, me pautaria pela negação à alteridade. Sem ele, não teria conhecido homens e mulheres, gays e lésbicas que através do convívio e da cumplicidade modificaram o reflexo de meu espelho.

Devo também ao teatro a possibilidade de ter viajado por todo o Brasil, mas quando criança o meu sonho era viajar por todo o mundo. Não apenas viajar, mas morar em cidades como: Madri, Barcelona, Milão, Roma, Berlim, Monique, Manchester, Londres, dentre outras. Sonhava com os olhos abertos e fechados que seria jogador de futebol de um time europeu e que marcaria um gol na decisão de campeonato.

Preciso de uma pequena pausa, para destacar que tal sonho de criança como me foi alertado em minha qualificação, demonstra o sucesso da matriz colonial do poder, pois o mundo que sonhava em viajar e morar se resumia ao continente europeu, sendo que precisamos questionar e até mesmo romper com o centro hegemônico de poder.

Em nossa sociedade, este centro tem como articulador o homem branco e heterossexual, para o qual,

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando poder. (RIBEIRO, 2019, p. 79)

Um outro sonho que frequentemente habitava meus pensamentos de criança era a possibilidade de um dia ser convocado para a seleção brasileira de futebol, sonho este que iniciou no dia 05 de julho de 1982, quando essa seleção, no Estádio di Sarriá, em Barcelona, foi eliminada da Copa do Mundo na Espanha.

Foi nesse dia que, pela primeira vez, vivenciei um sentimento de tristeza, disparado por um evento esportivo. Lágrimas correram em meu rosto, assim que o árbitro encerrou o jogo e a seleção italiana venceu a brasileira com três gols de Paolo Rossi.

Nunca esqueci esse nome, Paolo Rossi. Creio que enquanto viver e caso não venha a ser acometido pela doença de Alzheimer, nunca me esquecerei.

No dia seguinte, o extinto Jornal da Tarde, de São Paulo, publicou a foto¹ de um garoto chorando, em pleno Estádio di Sarriá. Choramos com ele.

Após conter minhas lágrimas, decidi que seria jogador de futebol e que um dia disputaria uma Copa do Mundo. Desejo alimentado durante anos ao acompanhar meu pai nas tardes de domingo, para assistir aos jogos do Atlético Clube Goianiense.

Não me tornei jogador de futebol, mas os sonhos podem se viabilizar seguindo outras rotas e essa dissertação é uma delas.

Hoje, meus sonhos não se restringem em marcar gols somente em solo europeu, mas em qualquer campo de futebol espalhado pelos terrenos baldios das

¹ Anexo A – O garoto na foto era José Carlos Vilella Rabelo Júnior e ela foi tirada por Reginaldo Manente. Essa foto ganhou o Prêmio Esso de fotojornalismo em 1982.

quebradas brasileira, no meio acadêmico e artístico, na escola de ensino fundamental onde atuo como professor de Educação Física e vejo meus antigos sonhos se repetirem em alguns de meus alunos e em todos os espaços de discussão e reflexão nos quais questões de gênero e sexualidades venham à tona, nunca deixando de sonhar, pois,

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado pelos sonhos nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não conseguem discernir, cujas escolhas não conseguem fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. (KRENAK, 2019, p. 52)

Realizemos um salto no tempo e no espaço e nos desloquemos para o dia 16 de julho de 2018, quando a seleção masculina de futebol da França conquistava, pela segunda vez, o título de campeã mundial de futebol, ao vencer a seleção da Croácia, na cidade de Moscou, na Rússia.

Poderíamos aqui refletir sobre o futebol eficiente e coletivo da seleção francesa ou sobre seu técnico, Didier Deschamps, que naquele dia alcançou um resultado que apenas outros dois homens² haviam atingido. Também poderíamos falar sobre o jogador sensação da Copa, o francês Mbappé³ e a partir dele refletir sobre a imigração africana na Europa, que levantou e vem levantando debates, como os vistos durante as eleições presidenciais francesa, em 2017, onde a xenofobia mostrou sua cara.

O que dizer então da performance denominada “*Policeman enters the Game*”⁴, realizada por integrantes da banda de *punk rock* feminista Pussy Riot, que invadiram o jogo da final da Copa, em um protesto contra o governo de Vladimir Putin, ou da performance-protesto, “The Hilded Flag”⁵.

² Além de Didier Deschamps, o brasileiro Mario Jorge Lobo Zagallo e o alemão Franz Anton Beckenbauer são as únicas pessoas a vencer a Copa do Mundo de Futebol FIFA como jogador e técnico.

³ Kylian Mbappé, na Copa do Mundo de 2018 se tornou, ao lado de Edson Arantes do Nascimento mais conhecido por Pelé, os únicos jogadores com menos de 20 anos de idade a marcar gol em um jogo de final de Copa do Mundo.

⁴ Anexo B – Imagens da invasão de campo denominada como performance “*Policeman enters the Game*”.

⁵ A Federação Nacional de Lésbicas, Gays, Transsexuais e Bissexuais, instituição espanhola que atua nos direitos à comunidade LGBTQIA+, enviou seis ativistas para a Rússia durante a Copa do Mundo. Cada um deles vestiu a camisa das seleções de seu país de origem (vermelho - Espanha, laranja - Holanda, amarelo - Brasil, verde - México, azul - Argentina e roxo – Colômbia), se perfilaram formando a bandeira do arco-íris em diversos locais de Moscou. Produziram fotos e vídeos que foram postados na internet. Ver anexo C

Foi uma Copa performática e dois temas amplamente debatidos nela, estão diretamente relacionados com nossa pesquisa.

O primeiro foi a estreia em uma competição oficial de futebol do recurso tecnológico de vídeo-arbitragem conhecido popularmente por VAR – Video Assistant Referee, para auxiliar a decisão dos árbitros em campo.

Ao ver a utilização do VAR, me coloquei na experiência de um roteirista de ficção científica à la Black Mirror⁶, imaginando a possibilidade de implantar no corpo de todo jogador um chip capaz de paralisá-lo sempre que uma jogada duvidosa fosse detectada pelos árbitros do VAR. Após ser analisada e julgada, eles enviariam um comando aos chips, liberando os movimentos dos jogadores e orientando-os a continuar o jogo, de acordo com a análise do lance.

Estaríamos diante do fim dos árbitros e auxiliares que atuam dentro do campo de futebol?

Abandonemos o exercício de futurologia e nos direcionemos ao outro tema.

O medo e ao constrangimento dos membros da comunidade LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, para acompanhar o mundial de futebol na pátria de Dostoiévski⁷.

Precisamos de um aparte, para nos reportarmos ao modo como nomearemos a comunidade LGBT nesse trabalho. Colling (2018) nos diz que, “por enquanto, a sigla oficial que o movimento social brasileiro usa é LGBT. Em outros países... o movimento usa uma sigla bem mais extensa”. (p. 21)

LGBTQQICAPF2K é um exemplo de como o movimento em alguns lugares pelo mundo, vem buscando ampliar a nomeação de suas identidades de gênero e sexualidades, se referindo às Lésbicas, Gays, Bissexuais, Pessoas Trans, Queer, Questionado-se, Intersexuais, Asexuados, Sem Gênero, Simpatizantes, Curiosos, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, Dois-espíritos e Kink.

Não utilizaremos o exemplo da sigla acima para nos referirmos à comunidade ou movimento LGBT, no entanto, passaremos a utilizar LGBTQIA+, buscando ampliar a nomeação das identidades de gênero e sexualidades, para além de lésbicas, gays,

⁶ Série de televisão britânica de ficção científica, que roteiriza seus episódios a partir das consequências imprevistas do uso das novas tecnologias. No Brasil pode ser visto pela provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*, Netflix.

⁷ Fiodor Mikhailovitch Dostoiévski, escritor e jornalista Russo, nascido em 30 de outubro de 1821, na cidade de São Petersburgo, autor de reconhecidas obras literárias, dentre elas: Crime e castigo, O idiota e Irmãos Karamazov.

travestis, transexuais e transgêneros, pois concordamos com Ribeiro (2019), que nos diz que,

melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade ou, como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. (RIBEIRO, 2019, p. 40-41)

Retornando para a Copa da Rússia, uma matéria publicada no portal UOL/Espportes⁸, quatro dias após a abertura da Copa, trazia a seguinte manchete: “Gays admitem medo na Copa: Tento parecer o mais hétero que consigo”.

Futebol, arbitragem e enfrentamentos da comunidade LGBTQIA+ compõem o arcabouço da pesquisa: Apareceu o Margarida: liminaridades e masculinidades no futebol.

Em linhas gerais, buscamos refletir sobre as relações, tensões, paradoxos, intersecções, conflitos e diálogos presentes no futebol, a partir dos estudos de performances e de gênero, tendo os Margaridas como fio condutor.

O apelido dado a Jorge José Emiliano dos Santos e Clésio Moreira dos Santos, serviu como inspiração para o título dessa pesquisa, no qual “jogamos” com a expressão popular “Apareceu a Margarida” que é empregada quando alguém que não é visto há algum tempo surge repentinamente.

Também conhecíamos essa expressão através de brincadeiras de cantigas de rodas, embalada pelo o seguinte refrão: “Apareceu a Margarida? Olê, Olê! Apareceu a Margarida? Olê, seus cavalheiros!”.

Como uma pessoa de teatro, não poderia deixar de registrar que a expressão Apareceu a Margarida, foi o título escolhido pelo dramaturgo Roberto Athayde, no ano de 1973, para nomear seu texto teatral, interpretado em 1974 pela atriz Marília Pêra, dirigido por Aderbal Freire Filho e mesmo que a princípio esse espetáculo teatral não tenha ligação com a pesquisa desenvolvida, achamos importante o registro, pois foi um trabalho realizado em plena ditadura militar brasileira que questionava as relações

⁸ Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo/2018/noticias/2018/06/18/sao-petersburgo-vira-refugio-de-torcedores-gays-estrangeiros-durante-a-copa.htm>. Acesso em: 10 outubro 2018.

de poder. Relações presentes quando nos referimos aos estudos de gênero e sexualidades.

Assim como um ator ou uma atriz representam outras vidas nos palcos, quando pensamos nas questões de gênero, vemos uma analogia pois ela “prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero”. (ADICHIE, 2015, p. 36-37).

A troca do artigo definido “a” pelo “o” no título desse trabalho, também foi um recurso utilizado pelo jornalista Carlos Orleti, em entrevista publicada na Revista Placar⁹, na edição de número 894 de 20/07/1987, com Jorge José Emiliano dos Santos, apresentando este como um novo e agitadíssimo árbitro que estava deslumbrando o futebol carioca.

Para a realização da pesquisa, algumas perguntas balizaram nossas reflexões: Qual o espaço destinado na sociedade e no futebol para termos a presença de outros Margaridas? Clésio Moreira, ao assumir sua identidade heterossexual e representar um personagem homossexual contribui para diminuir ou aumentar os preconceitos relacionados aos gêneros e às sexualidades? Qual corpo e qual performance são aceitos e valorizados no meio esportivo e, principalmente, no futebol? Como seriam vistos os Margaridas se atuassem no futebol na contemporaneidade? Os corpos performatizados pelos Margaridas, representam quais valores dentro do universo esportivo? O riso que Clésio Moreira dos Santos busca atingir no público de futebol, ao realizar sua performance com um personagem gay, não estaria indo contra valores e princípios defendidos pela comunidade LGBTQIA+? Como os Margaridas conseguiram atuar dentro do esporte de maior projeção na sociedade brasileira, sendo este esporte machista, heterossexista, excludente e violento com as práticas não normativas?

Essas foram as questões que orientaram o desenvolvimento deste estudo, que foi estruturado a partir da tríade teatral: Palco/Ator/Plateia, sendo que, no primeiro capítulo nos debruçamos sobre o futebol e seu palco, estádios, campos, várzeas e demais locais destinados para a prática deste esporte.

⁹ A Revista Placar iniciou sua publicação no ano de 1970 e se constituiu como a principal revista comercial de circulação nacional sobre esporte, sendo que o foco de suas publicações era o futebol.

No segundo capítulo tivemos os árbitros como nossos atores-personagens e o terceiro através de um grupo focal constituímos uma plateia-torcedores.

Assim como um árbitro interrompe o fluxo de um jogo, ao apitar uma falta gerada pelo encontro físico desproporcional entre dois jogadores adversários, interrompemos nosso fluxo para destacar um encontro, não de dois adversários, mas de pensadores fundamentais para os estudos de performances.

Nos referimos, ao encontro entre Victor Turner e Richard Schechner, que juntamente com outros pensadores e pensadoras, desenvolveram a partir dos anos 1960, os *Performances Studies*.

Exercitando a capacidade imaginativa, vislumbramos as elucubrações a partir desse encontro, tendo os Beatles, corrida espacial, guerra fria, bomba atômica, guerra do Vietnam, movimento hippie, feminismo, revolta de Stonewall, crise mundial do petróleo, Andy Warhol, The Doors, dentre outros acontecimentos e personagens, daquele período.

De acordo com Marvin Carlson (2011), no ano de 1966 Schechner em um editorial para a revista "*The Drama Review*", intitulado "*Approaches to Theory/Criticism*", apresenta uma importante contribuição na perspectiva de diálogo entre o campo do teatro e das ciências sociais. No entanto, é somente na década de 1970 que ele e Turner definitivamente se encontram.

Enquanto Turner trilhou um caminho do ritual ao teatro, Schechner o fez em sentido inverso. A perspectiva adotada por esses dois autores, contribui para o desenvolvimento de um campo de estudo interdisciplinar, valorizando diversas áreas do conhecimento.

No primeiro capítulo utilizamos os estudos sobre ritual-performance de Turner e Schechner, relacionando o conceito de liminaridade com o futebol, através da interação entre jogadores e torcedores.

Esta perspectiva foi importante para as análises realizadas no segundo capítulo, no qual, discutimos a relação entre futebol, gênero e sexualidade, com foco nas masculinidades, a partir da presença de nossos personagens.

Buscamos refletir sobre os conflitos, tensões e contradições geradas pela presença deles no futebol, que consideramos como um espaço representante de uma masculinidade hegemônica e tóxica, que é sustentada e regida pelos conceitos de heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade.

A procura foi por levantar possíveis fissuras nessa perspectiva de masculinidades a partir dos momentos liminares presentes em uma partida de futebol. Para isso, dialogamos com pensadoras e pensadores como Butler, Louro, Segdwick, Goelner e Connell.

Como fonte de dados, esse capítulo contou com a Revista Placar, para fornecer informações e apontamentos sobre nossos personagens.

No terceiro capítulo, realizamos um grupo focal, constituído por homens gays e heterossexuais, com mais de 40 anos, que tenham alguma relação com o universo das artes cênicas. Acionamos as lembranças dos participantes, através da exibição de fotos e vídeos dos Margaridas e com os dados levantados, dialogamos com autoras que discutem memória, como Eclea Bosi e Teresinha Bernardo.

Os participantes do grupo focal foram por nós compreendidos como sendo o terceiro elo da tríade teatral, a plateia.

Essa pesquisa foi desenvolvida utilizando o referencial da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, associado a realização de um grupo focal. Utilizamos como palavras-chave, futebol, performances, masculinidades, gênero e sexualidades em buscas nas bases de dados, Google Acadêmico, Scielo e Academia.edu, com o intuito de conhecer as contribuições científicas sobre os temas. Também buscamos obras disponíveis na Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás e também compartilhadas por professores, professoras e estudantes com os quais nos deparamos durante os meses para conclusão do curso de mestrado.

Apita o árbitro, que comece o jogo.

1 – O FUTEBOL ABRE AS CORTINAS DE SEU PALCO

O mundo pode ser um palco. Mas o elenco é um horror.
Oscar Wilde

O futebol é um jogo para cavalheiros jogado por bárbaros.
Oscar Wilde

Paixão nacional, ópio do povo, a pátria de chuteiras, vinte e dois marmanjos correndo atrás de uma bola, sonho de menino, a taça do mundo é nossa, caiu no horto está morto, o anjo das pernas tortas, diamante negro, à sombra das chuteiras imortais, ao sol e à sombra, danças dos deuses, veneno remédio, onze em campo e um banco de primeira, abrir o placar, ao apagar das luzes, arrumar a casa, cai-cai, caixinha de surpresas, camisa doze, carimbar a rede, chapulexada, onde dorme a coruja, sacudir o filó, sair do jejum, tapetão, tapete-verde, última volta do ponteiro, zona de perigo, na boca do túnel.

Poderíamos escrever dezenas, talvez centenas, de expressões, frases, gírias, jargões e palavras que representam o futebol. Partimos do entendimento de que ele apresenta histórias, narrativas, personagens, enredos, dentre outros elementos que se formam uma dramaturgia. Assim, pensamos no futebol como um drama, um espetáculo, um ritual.

No teatro, uma dramaturgia pode ser concretizar em diversos tipos de palco. Temos as arenas gregas, o palco do Teatro Elisabetano, o palco Italiano, a silhueta urbana, onde ruas e praças podem se configurar como palcos, dentre outras possibilidade de espaços destinados à realização de um espetáculo.

No futebol também vemos essa diversidade de espaços destinada para sua prática. Locais que entendemos como palcos, nos quais, a dramaturgia de uma partida de futebol será vivenciada.

Esses palcos vão desde um estádio construído para milhares de pessoas que se constituem em plateia-torcedores, passando por quadras, campos em terrenos de várzea, praias, ruas onde chinelo se transformam em traves e o meio fio nos limites do campo.

Porém, uma apresentação teatral ou competição esportiva não se restringe apenas em sua performance diante do público. Devemos considerar as relações surgidas nos bastidores, os ensaios, treinamentos, acontecimentos vividos após ato cênico ou jogo, todo conjunto de ações sociais e domínios culturais que nos levam a

pensar o futebol “como palco de explicitação de conflitos mais profundos que envolvem considerações de ordem social, política e racial” (HOLANDA, 2005, p. 76).

No entanto, como aponta Santos (2003), o futebol como um dos mais importantes fenômenos coletivos do século XX, se “apresenta-se como o palco não apenas de comunhão e carterse mas também de violência entre os torcedores” (p. 01), e aqui necessitamos pontuar uma diferenciação do palco do futebol para os demais palcos destinados as manifestações das artes cênicas, pois enquanto no teatro, na dança e no circo o público em vias gerais se envolve como apreciador de uma performance estética, no futebol temos uma relação de pertencimento entre os torcedores e o time, que pode caminhar para uma relação de comunidade.

Palco de alegria, sofrimento, dor, decepção, êxtase, vibração, raiva, violência, preconceitos. Palco capaz de revelar heróis, carrascos, guerreiros, vilões e “deuses”. Palco de transformação, de guerra e de paz. Palco para rituais e performances.

1.1– Elementos rituais no futebol

Segunda-feira, em um lugar qualquer.

Alguns destemidos guerreiros retornam aos seus lares para descansar da batalha travada no dia anterior, em um campo demarcado por retângulos e círculos, seguindo regras conduzidas por três homens igualmente uniformizados. A batalha foi acompanhada por seguidores de ambas as partes.

Terça-feira, em um lugar qualquer.

Os seguidores das tribos que disputaram a batalha se juntam aos de outras tribos e travam uma batalha simbólica no campo das provocações, utilizando das artimanhas linguísticas para macular a imagem de seus oponentes e elevar a de seus bravos guerreiros. Esses, aos poucos, retornam de seu descanso. Alguns serão conduzidos aos xamãs que farão uso de substâncias mágicas, capazes de recuperar o vigor físico e a disposição corporal, para as próximas batalhas. Outros participarão de uma reunião, uma espécie de conselho de guerra onde avaliarão o sucesso ou fracasso da peleja travada, prevendo recuperar o terreno perdido ou manter a posição que conquistaram.

Quarta-feira, em um lugar qualquer.

A rotina dos seguidores não se altera em relação ao dia anterior, nesse momento provavelmente os seus mantos sagrados, utilizados no dia da batalha, devem estar limpos. Enquanto isso, os guerreiros começam a preparar seus corpos para a próxima batalha campal.

Quinta-feira, em um lugar qualquer.

Os guerreiros intensificam a preparação corporal e internalizam táticas elaboradas pelo cacique e que serão usadas na próxima batalha. Os xamãs mais do que nunca são consultados para um parecer sobre os guerreiros lesionados. Enquanto isso, os seguidores de ambos os lados começam a se provocar.

Sexta-feira, em um lugar qualquer.

Os guerreiros que foram recuperados pelos xamãs são reintegrados ao grupo. Os seguidores mais apaixonados entoam cânticos ufanistas e provavelmente desrespeitosos para com seus rivais, na tentativa de injetar um ânimo em seus guerreiros, demonstrando que pertencem ao mesmo grupo.

Sábado, em um lugar qualquer.

Os guerreiros, caciques e xamãs são retirados do convívio social de sua tribo e isolados em algum lugar onde não terão contato com o mundo exterior, uma espécie de limbo espaço-temporal, onde pelo menos hipoteticamente estarão conectados apenas com a batalha que se aproxima. Os seguidores mais ansiosos provocam os rivais e em alguns chegam a partir para o confronto físico.

Domingo, em um lugar qualquer.

Os guerreiros se direcionam para o campo de batalha e lá vestem seus uniformes. Antes de iniciarem o confronto formam um círculo e seus líderes utilizam uma oratória motivacional, visando obter ajuda divina. Os seguidores se deslocam para o campo e aos poucos se conectam uns com os outros. Cantam, gritam, xingam, bebem e comem em demasia. Quando os guerreiros surgem diante de seus olhos, fogos são estourados, bandeiras balançadas, cânticos e gritos se amplificam. Ao entrarem no campo, os guerreiros de ambas as tribos se perfilam lado a lado, para ouvir uma música identitária. Em seguida, eles se cumprimentam e cada tribo segue para seu lado no campo de batalha. Um dos três homens igualmente uniformizados pega um objeto esférico e o coloca no centro do campo de batalha. Esse mesmo homem fará uso de um objeto sonoro para que a batalha seja iniciada.

Segunda-feira, em um lugar qualquer...

Essa narrativa de uma batalha, pode ser considerada a metáfora de uma partida de futebol, onde os guerreiros são os jogadores, os seguidores são os torcedores e as tribos os times. Eduardo Galeano (2004) retrata o futebol como sendo a sublimação da guerra, onde os jogadores se tornam guerreiros sem armas que “exorcizam os demônios da multidão e confirmam sua fé: em cada confronto entre duas equipes, entram em combate velhos ódios e amores herdados de pai para filho” (p. 24)

Para Wisnik (2008), um campo de futebol “está a um passo da arena de guerra. Mas uma arena que se presta mais à visibilização do combate, isto é, à sua espetacularização e sua simbolização, do que à sua realização literal”. (p. 61)

Uma partida de futebol pode ser relacionada a uma guerra, mas também pode ser com a religião.

José Ortega y Gasset percebeu que “a religião do século XX é o futebol”, Eric Hobsbawn acompanhou-o e definiu o futebol como “religião laica da classe operária”. A sugestão do filósofo espanhol e do historiador inglês é preciosa, embora necessite ser dissecada e matizada. É inegável que, da mesma maneira que o futebol expressa um mundo bélico e incorpora sua terminologia ele o faz em relação à religião. Os jogadores são “ídeos”, a camisa e a bandeira do clube, “manto sagrado”, os gols aparentemente ilógicos, “espíritas”, gestos religiosos (ortodoxos ou não) cercam todo o ambiente futebolístico. As defesas incríveis são “milagrosas” e seus autores “santos”. O Maracanã é o “templo sagrado do futebol brasileiro”, o velho estádio do Barcelona (Les Corts) era chamado de “catedral”, como hoje o estádio da Luz, do Benfica. Sintetiza tudo isso um cartaz exibido por um torcedor durante a Copa de 1994: “USA learn! Soccer is religion”. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 258-259)

A relação do futebol com o universo bélico ou religioso, pode nos auxiliar a compreender esse esporte como uma atividade ritualizada.

Victor Turner partiu das definições das fases de rito de passagem (separação, transição e reagregação) de Van Gennep, para delimitar os três períodos presentes no ritual, preliminar, liminar e pós-liminar, sendo que no período liminar, as hierarquias encontram-se em suspensão e os sujeitos atravessam fronteiras, transformando-se simbolicamente ou concretamente no âmbito cultural em que estão inseridos,

(...) os indivíduos – privados de *status* social, diferenciação sexual, hierarquia de classes, obrigações de parentesco, vaidades e posições de poder – no momento liminar são inclinados a um forte sentimento de grupo e são, assim, amalgamados pelo ritual, pois há um grande

sentimento de pertença a um grupo de integração e igualdade entre as pessoas. Estes laços são as *communitas*, como sugere Turner. (VELOSO, 2014, p. 199)

Raposo (2017) aponta que Schechner também se utiliza de Van Gennep, para atribuir o modelo de rito de passagem ao padrão processual da performance cênica, estabelecendo a ela um aspecto ritualizado, no qual, “o período preliminar equivale à fase de ensaios, onde se remove o *habitus*, o liminar à performance em si e o pós-liminar ao relaxamento após a 2ª fase, quando se regressa ao quotidiano” (RAPOSO, 2017, p. 10)

Conforme apresenta Marcos Alves Souza, em uma partida de futebol, os jogadores permanecem em um estado de liminaridade, que pode ser observado pela delimitação espacial, onde o jogo possui significação, em oposição aos acontecimentos, além das linhas demarcatórias do campo,

Qualquer contato com o exterior, bem como o livre trânsito são interditados aos jogadores. A mediação com o exterior é feita, predominantemente, pelos gandulas, freqüentemente crianças, ou seja, seres mais adequados para a relação entre dois universos distintos, devido à sua socialização incompleta. O renascimento e a reagregação social começa com a troca de camisetas, permitindo o câmbio dos papéis e a mistura das funções dos jogadores, e vai se completar com a saída do estádio, “à paisana”... Nesta perspectiva, os jogadores e os árbitros são os oficiantes do “ritual futebolístico”, e os torcedores seriam os fiéis (leigos)... Portanto, além de jogo, por ser esporte, o futebol é também um espetáculo ritualizado. (SOUZA, 1996, p. 28)

Schechner (2012) descreve que o ritual e o jogo levam as pessoas a uma “segunda realidade”, separada da vida cotidiana “por isso ritual e jogo transformam pessoas, permanente ou temporariamente”. (p. 50)

Essa separação da vida cotidiana é uma das características do jogo observada por Huizinga, capaz de produzir uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria.

Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o “lugar sagrado” não pode ser formalmente distinguido do terreno de jogo. A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos,

isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial. (HUIZINGA, 2018, p. 13)

Turner aponta que o liminar está implícito nos rituais sagrados, enquanto que o liminoide aparece nos gêneros performativos que ganham espaço no debate a partir da industrialização, surgindo ou fortalecendo o que ele define como secularização,

Poderíamos dizer que, com a industrialização, a urbanização, a crescente alfabetização, as migrações de mão de obra, a especialização, a profissionalização, a burocracia e a separação, pelo relógio da empresa, entre a esfera do lazer e a esfera do trabalho... a qual um dia constitui o ritual, explodiu, dando origem a muitos gêneros performáticos... Esses gêneros de lazer industrial incluem o teatro, o balé, a ópera, o cinema, o romance, a poesia, as exposições de artes plásticas, a música clássica, o rock, os carnavais, as procissões, o drama folclórico, os grandes eventos esportivos e dezenas de outros. A desintegração tem sido acompanhada pela secularização. (TURNER, 2015, p. 121)

Schechner, ao analisar as características do conceito de liminar e liminoide, reflete o seguinte;

Se o que é liminar inclui uma “comunicação” sagrada, “inversões e recombinações lúdicas”, o liminoide inclui todos os diferentes tipos de arte e entretenimento populares. Geralmente atividades liminoides são voluntárias, enquanto ritos liminares são obrigatórios. (SCHECHNER, 2012, p. 66)

Refletindo sobre as colocações de Turner e Schechner, nos perguntamos se os envolvidos em um jogo de futebol estariam envolvidos em características liminares ou liminoides?

A linha que separa o ritual-performance e o entretenimento é muito tênue e frequentemente cruzada. Nem sempre é possível definir o que é ritual e o que é entretenimento.

Entendemos que o futebol quando vivenciado a partir do entretenimento, pode estar inserido em ambas as possibilidades, dependendo do objetivo de suas ações, e recorreremos a Turner, para maior entendimento,

[...] os gêneros supostamente “de entretenimento” da sociedade industrial por vezes são subversivos ao satirizar, difamar, caricaturar ou desqualificar sutilmente os valores centrais da sociedade baseada

na esfera do trabalho ou pelo menos alguns setores específicos de tal sociedade. Aliás, a palavra “entretenimento” vem do francês arcaico *entretenir*, “colocar à parte”, ou seja, criar um espaço liminar ou liminoide em que as performances possam acontecer. (TURNER, 2015, p. 55)

Schechner atenta para o fato de pensadores ocidentais dividirem o ritual das atividades provenientes do entretenimento, privilegiando o ritual, como se esse tivesse historicamente e conceitualmente surgido primeiro, fazendo do entretenimento uma derivação ou deterioração do ritual. Para o autor, afirmações de que o ritual é “sério”, enquanto o entretenimento é “frívolo”, são conclusões preconceituosas. Ele descreve que um pode se transfigurar para o outro dependendo da situação na qual estão inseridos e este movimento pode ser percebido durante uma partida de futebol.

No ritual-performance, quatro elementos são fundamentais para entendermos como se consolida o rito. Nos referimos ao espaço, ao tempo, aos objetos utilizados e as regras. Passamos a partir de agora a analisar tais elementos e como eles se relacionam com o futebol.

1.1.1 Espaço – Tempo

Franco Júnior (2007) destaca que na Europa medieval as maiores construções de uma cidade eram as igrejas, enquanto que na atualidade os estádios de futebol são os maiores espaços públicos fechados. Ele defende que “a eficácia simbólica do rito não depende da qualidade da igreja ou do oficiante. Toda missa é missa, mesmo não sendo rezada pelo papa. Toda partida de futebol é partida de futebol, mesmo se não jogada por Pelé” (p. 271).

Jogadores e torcedores, durante a realização de uma partida de futebol, seja disputada em estádios oficiais ou em terrenos baldios, encontram-se fora da vida cotidiana, característica presente nos rituais.

Huizinga (2018), refletindo sobre o jogo, demonstra essa separação,

Verificamos que uma das características mais importantes do jogo é sua separação espacial em relação à vida cotidiana. É-lhe reservado, quer material ou idealmente, um espaço fechado, isolado do ambiente cotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade. (p. 23)

Roger Caillois (2017), autor que debruçou sobre os estudos dos jogos, compartilha com Huizinga, sobre a separação espacial dos jogos, sendo que estes são, “essencialmente uma ocupação separada, cuidadosamente isolada do resto da existência, e geralmente realizada dentro de limites precisos de tempo e lugar”. (p. 37-38)

O poder de envolvimento de um jogo de futebol se configura pela instalação de um espaço-tempo liminar entre os torcedores e os demais envolvidos com o ritual-performance do futebol, de tal forma que independentemente de estarem em um estádio onde a arquitetura foi pensada para isolar os torcedores de interferências externas ou em campos de futebol instalados em espaços públicos, os torcedores direcionam o foco para o campo de jogo, assim como uma plateia direciona para o palco durante uma apresentação teatral.

Esse momento liminar, no qual há uma separação da vida cotidiana, é delimitado pelas marcações das linhas do campo de jogo.

Com relação ao tempo, observamos três possibilidades de sua atuação no ritual-performance:

a) Tempo do evento - quando todas as etapas do evento necessitam ser realizadas, independente do tempo do relógio. Exemplo: corridas ou rituais de curas xamânicas;

b) Tempo determinado - quando um padrão de tempo arbitrário é imposto ao evento e ele finaliza no limite do tempo determinado. Exemplo: futebol;

c) Tempo simbólico - quando o período da atividade representa outro período de tempo do relógio. Exemplo: teatro e cinema.

Um jogo oficial possui dois tempos de 45 minutos, divididos por um intervalo de 15 minutos e tendo em cada ciclo de 45 minutos, alguns minutos de acréscimo, de acordo com a interpretação do árbitro.

Esse tempo extra adicionado pelo árbitro, o senso comum o justifica como sendo um acréscimo em relação ao tempo que a bola ficou parada no decorrer da partida. Mas Franco Júnior (2007) argumenta que se trata de uma imposição mercadológica, pois o torcedor é um consumidor que pagou para ver o jogo e deve ter seu investimento valorizado.

Seja para acrescentar um tempo extra pelos momentos em que a bola ficou parada ou como maneira de justificar o investimento realizado pelos torcedores na

compra do ingresso, esses dois ciclos de tempo de 45 minutos cada, se configuram como os períodos liminares, presentes em uma partida de futebol.

A respeito da disputa do jogo, entendemos que há uma dupla disputa em relação ao tempo. Uma na qual as equipes se articulam para obter uma quantidade numérica, expressa na relação entre gols marcados e gols sofridos, dentro do tempo pré-determinado pela regra oficial ou pelo tempo acordado entre os jogadores, antes do início da partida.

A outra se configura quando os jogadores adotam táticas para reterem a posse da bola, utilizando artimanhas que atrimam com o *fair play*¹⁰, como simular uma agressão não existente, ou ficar deitado em campo com se estivesse machucado a espera de atendimento médico.

Além da relação espaço e tempo presente durante a realização de um jogo, temos o período que antecede aos jogos e que geralmente os jogadores e a comissão técnica são retirados de seu convívio social, se configurando no período pré-liminar, apresentado por Turner e que se encerra no momento de início do jogo, com o apito do árbitro, passando para o período liminar.

O torcedor vivencia um processo parecido de transição do período pré-liminar para o liminar. Durante toda a semana espera a chegada da hora de ir para o estádio. Coloca o uniforme do time, ou uma camiseta com as cores que simbolizam seu time, entra no estádio antes do início da partida, come, bebe, grita, xinga e, no momento do apito inicial, se sintoniza com os jogadores do seu time, estabelecendo uma liminaridade entre ambas as partes.

Tendo que permanecer fora das linhas que demarcam o campo, o torcedor acredita que pode contribuir positivamente para o resultado do jogo. Assim é recorrente a afirmação de que a torcida é o décimo segundo jogador¹¹.

Essa sintonia entre jogadores e torcedores, a partir de um estado de liminaridade, desperta um sentido de união, de igualdade, onde eles deixam de ser eles e se tornam nós, o time. “Os indivíduos compartilham um sentimento de união, um laço, que é estabelecido a partir do princípio de uma igualdade que é

¹⁰ O *fair play* consiste na adoção de prática no campo desportivo que busca uma postura ética, traduzido para o português de jogo justo.

¹¹ Cada equipe em um jogo oficial de futebol é formada inicialmente por onze jogadores, desta forma uma torcida participativa é considerada o décimo segundo jogador.

compartilhada no instante liminar. A este sentimento de união, Turner denominou *communitas*” (COSTA & CAMARGO, 2015, p. 78-79).

Avaliamos que não somente no futebol, mas em qualquer outra modalidade esportiva, assim que partida seja iniciada, estamos diante uma liminaridade que pode confluír em uma *communitas*, desde que os torcedores se envolvem em um sentimento de pertencimento com a equipe que torcem.

O momento da vibração durante a comemoração de um gol, onde abraços, beijos e demais demonstrações de afetividade são vivenciadas entre os torcedores é por nós compreendido como sendo a configuração de uma *communitas* espontânea, que poderá se estender após o término da partida.

Assim que o árbitro encerra a partida, jogadores e torcedores abandonam o período liminar do jogo e adentram na fase pós-liminar, que Schechner denominou como esfriamento. Aqui, são restabelecidos ao convívio da sociedade, retornam à vida cotidiana.

No entanto, alguns torcedores tendem a permanecer ligados em um sentimento de *communitas*, principalmente quando estabelecem laços em torno de organizações como torcidas organizadas. Nesses momentos, a união entre torcedores, a solidariedade grupal pode gerar situações capazes de romper com a ordem estabelecida e desenrolar para atos de violência concreta ou simbólica.

Assim o sentimento e pertencimento a uma *communitas* pode extrapolar o espaço-tempo destinado à realização de um jogo de futebol.

Devemos ter em mente que liminaridade e *communitas*, possuem uma relação direta, mas uma não depende da outra.

1.1.2 – Objeto

Ao competirem com-contra o relógio, conforme já mencionado, os jogadores de um time o fazem “valorizando” a posse de bola, ela se torna um dos elementos centrais em um jogo de futebol.

Desta forma, a bola perde seu valor enquanto um produto comercial e assume um valor simbólico adquirido no contexto da ação do ritual ou da performance.

In everyday life objects are valued for their practical use... In the performance activities all objects – except certain ritual implements

and relics – have a market value much less than the value assigned to the objects within the context of the activity. Balls, pucks, hoops, batons, bats – even theatrical props – are mostly common objects of not much material value and cheaply replaced if lost or worn out... But during the performance these objects are of extreme importance, often the focus of the whole activity. Sometimes, as in theater and children’s play, they are decisive in creating the symbolic reality. (SCHECNER, 2004, p. 11)¹²

Wisnik (2008) declara que “o poder de irradiação do futebol é impensável sem uma fenomenologia da bola: esse objeto distinto de todos os outros – sem quinas, pontas, dorso ou face, igual a si mesmo em todas as direções de sua superfície” (p. 57).

Ela assume distintas simbologias, podendo ser configurada como uma arma de ataque e defesa ou como objeto de valor sentimental, algo que deve ser tratado com muito carinho. A bola “não suporta que a tratem a patadas, nem que batam nela por vingança. Exige que a acariciem, que a beijem, que a embalem no peito ou no pé” (GALEANO, 2004, p. 28).

De fato, a bola é misteriosa e mágica, capaz de atrair a atenção de uma pessoa desde a mais tenra idade. Durante uma partida de futebol os olhos dos torcedores acompanham ela praticamente o tempo todo, no entanto, a bola não é um objeto exclusivo do futebol, muito menos foi criada somente para a prática deste esporte e nem sempre foi ou é um objeto esférico, como a conhecemos na atualidade.

Diz uma lenda que na China, entre 2000 e 1500 a.C., guerreiros inventaram uma curiosa e macabra diversão para relaxar após a tensão das batalhas: chutar o crânio de um inimigo procurando fazê-lo ultrapassar duas estacas de bambu fincadas no chão. Essa cruel comemoração derivou no século III a.C. para um exercício militar chamado *tsu-chu*, literalmente “chutar a bola” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 15).

O escritor Luís Fernando Veríssimo, em uma crônica intitulada “Futebol de Rua”, elabora um conjunto de regras para o futebol praticado nas ruas das cidades.

¹² Na vida cotidiana os objetos são valorizados pelo seu uso prático... Nas atividades de desempenho todos os objetos - exceto certos implementos rituais e relíquias - têm valor de mercado muito menor do que o valor atribuído aos objetos dentro do contexto da atividade. Bolas, discos, bastões, cassetetes, - até mesmo adereços teatrais – são principalmente objetos comuns de pouco valor material e substituição barata se perdida ou desgastada... Mas durante o desempenho esses objetos são de extrema importância, muitas vezes o foco de toda a atividade. Às vezes, como no teatro e nos jogos de crianças, eles são decisivos na criação da realidade simbólica. (SCHECNER, 2004, p. 11 - tradução nossa).

Ao se referir à bola, ele escreve:

A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. No caso de se usar uma pedra, lata ou outro objeto contundente, recomenda-se jogar de sapatos. De preferência os novos, do colégio. Quem jogar descalço deve cuidar para chutar sempre com aquela unha do dedão que estava precisando ser aparada mesmo. Também é permitido o uso de frutas ou legumes em vez da bola, recomendando-se nestes casos a laranja, a maçã, o chuchu e a pera. Desaconselha-se o uso de tomates, melancias e, claro, ovos. O abacaxi pode ser utilizado, mas aí ninguém quer ficar no gol. (VERÍSSIMO, 2016)¹³

A fascinação que uma bola desperta, nos adeptos do futebol, seja como objeto ritualístico ou para fins lúdicos e recreativos, faz dela desde a tenra idade uma espécie de fio condutor da vida, pois, “a atração pelos jogos de bola é quase sempre uma marca de infância... Pode-se dizer que funciona como um fio que liga a infância e a vida adulta sem que um corte inevitável as separe” (WISNIK, 2008, p. 59).

1.1.3 – Regras

O último elemento constituinte do ritual-performance que abordaremos são as regras. Nossas vidas, são geridas por elas, leis, códigos e normas, que se estruturam em diversos e distintos campos.

No campo físico somos submetidos às leis como as representadas pelas equações: $E = MC^2$ ou $F = MA$ ¹⁴. No jurídico nossa sociedade é estruturada, regida e fiscalizada por um conjunto de códigos e no campo sócio-cultural temos por exemplo, a imposição da heteronormatividade, que mais à frente abordaremos.

O jogo, o ritual e os esportes utilizam um conjunto de regras para que todos os envolvidos tenham um canal de comunicação e juntamente com o espaço, o tempo e

¹³ Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/futebol-de-rua-cronica-de-luis-fernando-verissimo>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

¹⁴ $E=MC^2$ é uma equação da física moderna utilizada como parte da Teoria ou Princípio da Relatividade. Desenvolvida pelo físico Albert Einstein a equação determina a relação da transformação da massa de um objeto em energia e vice-versa, sendo que “E” é a energia, “M” a massa e “V” velocidade. $F=MA$ a 2ª Lei de Newton diz que a força é proporcional ao produto da aceleração de um corpo pela sua massa, “F” é a resultante de todas as forças que agem sobre o corpo (em N), “M” é a massa do corpo a qual as forças atuam (em KG) e “A” é a aceleração adquirida (em m/s²).

os objetos, criem códigos e símbolos específicos, capazes de conduzir os gêneros performativos.

Huizinga (2018) descreve que todo jogo tem suas regras e “são estas que determinam aquilo que ‘vale’ dentro do mundo temporário por ele circunscrito... O apito do árbitro quebra o feitiço e a vida ‘real’ recomeça” (p. 14).

Para Caillois (2017), todo jogo “é um sistema de regras que definem o que é ou o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido... Não podem ser violadas sob nenhum pretexto, a menos que o jogo acabe no mesmo instante e esse fato o destrua” (p. 18).

O futebol que praticamos na atualidade, se originou em meados do século XIX, na Inglaterra, durante a Revolução Industrial, período no qual para controlar o interesse individual em nome do bem comum, fez-se necessário a introdução de todo um aparato jurídico, com o surgimento de novas instituições, procedimentos, leis, regras e códigos criminais.

O lançamento do livro “Origem das espécies”, de Charles Darwin, que defendeu a ideia de sobrevivência dos mais fortes, foi contemporâneo ao período da Revolução Industrial.

Influenciado por tais concepções e mudanças sociais, práticas corporais populares passaram por um processo de transformação, principalmente no interior das Publics Schools¹⁵ britânicas.

A adoção de regras escritas a tais práticas foi um ponto de convergência para o surgimento do futebol moderno, “é inegável que o futebol moderno visava forjar elites aptas a governar. Em 1864, o jornal londrino *The Field* definia-o como preparação para futuros governantes do país. O futebol moderno nasceu como instrumento do darwinismo social.” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 27)

Connel e Pearse (2015) destacam que o “darwinismo... popularizou a ideia de uma base biológica para todas as formas de diferença social, incluindo a divisão de gênero na metrópole e as hierarquias raciais que, à época, estavam elaboradas pelos impérios em expansão”. (p. 124)

O período do surgimento do futebol, assim como de diversos outros esportes, em confluência com o darwinismo social e com outras teorias inspiradas nessa, deixou

¹⁵ Escolas destinadas aos filhos da elite inglesa. O termo público é usado para indicar que o acesso a elas não era restrito com base na religião, ocupação ou local de domicílio, mas eram pagas, o que impossibilitava os filhos das camadas populares de frequentar.

marcas no modo como a sociedade travou e vem travando questões relacionadas ao gênero e às sexualidades.

Do mesmo modo que a teoria contemporânea do darwinismo social serviu, conforme sublinha G. Chauncey (1985), para legitimar o racismo e o colonialismo, ao defender a ideia de uma hierarquia racial do desenvolvimento social baseada na biologia, assim também as primeiras teorias sexológicas justificaram a subordinação das mulheres ao afirmar seu caráter biologicamente determinado; e, paralelamente, em razão de seu destino anatômico, os homossexuais acabaram sendo situados em uma posição marginal no âmago da 'hierarquia sanitária' dos sexos e das sexualidades. (BORRILLO, 2016, p. 65-66)

Retornando ao futebol. Com o passar dos tempos, ele rompeu as fronteiras inglesas, no entanto, manteve em diversos países algumas características intrínsecas ao seu surgimento.

De acordo com Souza (1996), no Brasil inicialmente foi praticado por funcionários ingleses aqui estabelecidos e pelos filhos de uma aristocracia urbana que estudavam na Europa, assim, o futebol “era utilizado por esses grupos como símbolo de distinção social. A introdução do futebol no Brasil compartilha aspectos de ‘invenção de tradições’ da sua gênese inglesa”. (p. 15)

Foi necessário disciplinar o futebol, para que ele disciplinasse seus praticantes. Assim, foi introduzido um conjunto de regras com esse intuito e que com o passar dos tempos evoluíram de acordo com o pensamento e a necessidade de cada época.

O surgimento do árbitro ocorreu em 1868, devido a necessidade de se garantir a regra do *offside*¹⁶, criada no ano anterior. Essa regra consistia na necessidade de haver no mínimo três jogadores adversários entre a linha de fundo e o atacante.

Os historiadores italianos Antonio Papa e Guido Panico, lembram com razão que um evento central na história inglesa foi a revolução de 1689, que, sem a virulência da revolução francesa de cem anos depois, desembocou num compromisso político (a monarquia parlamentarista), num *fair play* que desde então entrou na formação do espírito britânico, inclusive esportivo. É esse espírito, prosseguem aqueles autores, que está na base da regra de ouro do futebol, a do *offside*. Fica “fora de jogo” quem adota comportamento furtivo. Quem se esconde nas costas do adversário para fazer o gol ... Mais do que ilegal, o *offside* seria imoral (FRANCO JÚNIOR, 2007 p. 31)

¹⁶ A regra do *offside*, no Brasil é conhecida como a regra do impedimento. É considerada uma das regras de maior dificuldade de interpretação pelos árbitros, que contam com os árbitros auxiliares para sua aplicação.

Foi necessário determinar a uma pessoa a função de averiguar a aplicação da regra, “nascia” então o árbitro.

Quando falamos averiguar, essa era a função específica do árbitro, visto que naquele momento, ele ficava fora do campo de jogo, sendo convidado a interferir apenas quando alguma equipe reclamava.

O aumento das infrações e divergências durante um jogo foi igualmente proporcional ao crescimento de sua importância, que deixava de ser uma prática apenas das elites e começava a se popularizar.

No ano de 1868, o árbitro adentra ao campo do jogo e em 1878 passa a utilizar o apito, como objeto de trabalho¹⁷, objeto impregnado de simbolismo, dentre eles a manutenção da ordem. Um objeto de poder.

O linguajar popular refere-se ao árbitro como juiz, no entanto, o julgamento do primeiro difere do segundo, pois esse para tomar uma decisão lança mão de alguns procedimentos como consultar a lei, defender uma tese, invocar uma doutrina e discursar para jurados, antes de pronunciar a sentença, enquanto que o árbitro de futebol, para tomar uma decisão é ao mesmo tempo o delegado, promotor, júri e juiz.

As regras são fruto do pensamento e ideais de uma época, com o passar do tempo vão se modificando e não temos como escapar delas, mas podemos questionar, construir ou desconstruir tais aparatos jurídicos, sociais e culturais que se constituem como instâncias de poder.

1.2 – Um palco para disputas e representações

Com o passar dos tempos, o futebol se popularizou. Para termos uma ideia da proporção que tomou, a ONU - Organização das Nações Unidas possui 193 países filiados¹⁸ enquanto que a FIFA – Fédération Internationale de Football Association, possui 211¹⁹.

¹⁷ Essas informações podem ser confirmadas no trabalho de Alberto Inácio da Silva, Ciro Romélio Rodrigues Añez e Edgardo Romero Frometá “O árbitro de Futebol – Uma abordagem histórico-crítica”. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3722/2561> Acesso em: 05 de maio de 2018.

¹⁸ A ONU foi fundada no dia 24 de outubro de 1945 e “é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundial”. Disponível em: <https://nacoesunidas.org> O número de países filiados à ONU, foi retirado do site <https://nacoesunidas.org/conheca/paises-membros/>, acesso em: 12 de dezembro 2019.

¹⁹ Disponível em <https://www.fifa.com/associations/>, acesso em: 12 de dezembro de 2019.

No trajeto entre a Inglaterra do século XIX até a atualidade, o futebol serviu de palco para inúmeras disputas, principalmente no campo político.

Governos de cunho totalitarista como o de Benito Mussolini na Itália, que entre os anos de 1922 e 1945 fincou as bases do fascismo, souberam atuar nos palcos futebolísticos, utilizando-os como veículo de propaganda para mobilizar a opinião pública, através dos laços entre os envolvidos com este esporte.

A Copa do Mundo de 1934, disputada em solo italiano e vencida pela seleção deste país, foi um exemplo de como isso ocorreu. Georges Vigarello (2008), ao se referir ao uso político do futebol, na Copa do Mundo de 1934, escreveu:

(...) o time italiano já entrou em campo fazendo a saudação fascista ... O Duce, onipresente, multiplicava palavras de ordem e declarações a ponto de Jules Rimet, presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), confessar sua exasperação semanas depois. “Tive a impressão durante essa Copa do Mundo, que verdadeiro presidente da FIFA era Mussolini” (p. 462-463)

Se na Copa de 1934, o futebol foi o palco para desfiles de uma ideologia nacionalista, ele também já foi palco para a luta contra regimes totalitários.

Foi num campo de futebol que se abriu, pela primeira vez, na História, uma faixa pela anistia aos presos políticos brasileiros; foi no Morumbi, com cem mil pessoas, num jogo entre Corinthians e Santos... Foi num campo de futebol, no Estádio Nacional de Santiago ... a primeira manifestação por liberdade, durante a ditadura Pinochet. Quando as pessoas se deram conta estava tudo apagado, e começou um canto: “libertad, libertad, libertad...” Havia sessenta mil pessoas no jogo entre Universidad Católica e o Colocolo, e seria impossível colocar sessenta mil pessoas dentro de camburões. (KFOURI, 2000, p. 61-62).

Gostaríamos de citar um outro exemplo de como o palco do futebol foi utilizado para ampliar o debate político, trazendo para o foco de nossa reflexão, um jogador que na década de 1980, quando o Brasil começava a debater a abertura política aos exilados pela ditadura militar, juntamente com outros jogadores, instalaram uma democracia em plena ditadura, a Democracia Corinthiana²⁰, que foi “um breve e significativo movimento pela emancipação dos costumes servis impostos ao jogador de futebol, preconizando a sua maior consciência política”. (WISNIK, 2008, p. 333).

²⁰ Democracia Corinthiana, foi o nome dado pelo publicitário Washington Olivetto ao período em que os jogadores do Corinthians participavam das decisões do clube. De 1981 a 1985, tudo era resolvido pelo voto, das contratações ao local de concentração.

Nos referimos à Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, conhecido também como doutor Sócrates²¹, um jogador que “assumiu uma posição iluminista, ligada à promoção de cultura letrada e da consciência política” (WISNIK, 2008, p. 333).

Como jogador, Sócrates, jogou duas copas do mundo, 1982 e 1986, mas sua atuação para nós se destaca pelos seus posicionamentos além dos campos de futebol.

Durante o movimento “Diretas Já” que clamava pela aprovação da emenda proposta pelo deputado Dane de Oliveira, para reinstalar as eleições diretas para presidente da república, Sócrates esteve nos palanques atuando como agente político.

Sua performance em campo reforçava tais posicionamentos, pois ele costumava comemorar seus gols com os braços estendidos para cima e o punho cerrado, herança dos movimentos reivindicadores do século XIX, bastante empregado no século XX, pelos movimentos que lutavam pelos direitos civis, como os “Panteras Negras” nos Estados Unidos.

Segundo Lima (2016), o gesto de levantar o braço com o punho fechado retoma a memória de uma expressão de enfrentamento e resistência que já era utilizada pelos movimentos reivindicadores do século XIX ... o punho cerrado está associado às reivindicações dos movimentos de trabalhadores por melhores condições e direitos e se consolida como símbolo de contestação política durante o século XX. Esse gesto esteve presente durante vários acontecimentos históricos, inclusive em movimentos de extrema direita, sendo adotado como símbolo de diferentes grupos incluindo o Movimento pela Libertação das Mulheres. Durante a primeira onda do feminismo (SANTOS, 2014), as sufragistas que reivindicavam direitos civis (ao voto, à propriedade, ao divórcio) para as mulheres, também faziam uso desse gesto. (PEREIRA e GARCIA, 2018, p. 48-49)

Consideramos que o gesto utilizado por Sócrates durante a comemoração do gol²², contém um valor simbólico de luta, resistência e companheirismo e se configura como uma performance, por ser constituído pelo que Schechner (2006) denominou como comportamento restaurado, que é,

²¹ Doutor Sócrates é considerado um dos maiores jogadores do futebol brasileiro. Era chamado de doutor pois além de jogador era formado em medicina. Foi também comentarista esportivo e articulista.

²² Anexo D – Imagens que ilustram a comemoração de Sócrates.

o processo principal de todos os tipos de performance, seja na vida cotidiana, na cura, nos ritos, em ações, e nas artes. O comportamento restaurado está “lá fora”, a parte do “eu”. Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado “sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi” (p. 33).

Temos, até o momento, visto o futebol como palco sendo utilizado para manifestações, celebrações, comemorações, lutas e poderíamos buscar em sua história outros atos e performances.

Contudo, não podemos deixar de observar que os atos e imagens até aqui apresentados, assim como outros que povoam nossas memórias foram protagonizados por homens, o que nos leva a compreender esse esporte como um território predominantemente masculino.

Ao nos referirmos a ele como um território masculino, compartilhamos da colocação de Porto-Gonçalves (2008), ao afirmar que “o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele... Todavia, o território tende a naturalizar as relações sociais e de poder, pois se torna abrigo, lugar onde cada qual se sente em casa, mesmo que numa sociedade dividida” (p. 42).

O futebol feminino, durante a Primeira Guerra Mundial²³, na Inglaterra, teve momentos de prestígio, porém, com o fim da guerra, os homens retornaram dos campos de batalha e reassumiram seus cargos que estavam ocupados por suas mulheres nas indústrias e nos times de futebol, com isso no pós-guerra, a popularidade do futebol feminino decaiu e ele deixou de ser reconhecido pela FA - Football Association, entidade que regulariza o futebol inglês.

No Brasil, restrições já foram impostas ao futebol feminino.

Por lei, o futebol praticado por mulheres foi proibido no Brasil de 1941 até 1979 (algumas fontes informam essa data como sendo 1981). Mesmo quando a proibição foi finalmente retirada, o Conselho Nacional de Esportes implementou uma série de regras para reduzir tanto suas habilidades como suas realizações, como a exigência de protetores para os seios e tempos de jogo mais curtos. A Federação Paulista de Futebol sustentou que a aparência “feminina” e a beleza seriam pré-requisitos para formar o time. Seu presidente, Eduardo

²³ In England, women’s football enjoyed spectacular popularity during the First World War. The most successful team of the era was Dick, Kerr’s Ladies from Preston, which pulled in a 53,000-strong crowd to one game in 1920 (with thousands more fans locked outside). That was the high point in England: as the men returned from the war, the women’s game was effectively banned, with the Football Association saying it was “quite unsuitable for females”. <<https://presspage-production-content.s3.amazonaws.com/uploads/1369/fifpro-women-15-12-final.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro 2019.

Farah, disse: “Temos que tentar combinar a imagem do futebol com a feminilidade”. Renato Duoprat, outro dos charmosos burocratas de futebol do Brasil, torceu o nariz: “Aqui ninguém joga com cabelo curto. Consta no regulamento”. (ZIRIN, 2014, p. 142-143).

Imagine ter como pré-requisito para poder jogar futebol o critério de boa aparência, vivendo em um país colonizado, que apresenta em sua história, passada e atual, demonstrações explícitas de racismo e sexismo.

Não podemos deixar de pensar que essa boa aparência, se trata de corpo moldados sob a lógica etnocêntrica, que coloca a Europa e os Estados Unidos como o centro hegemônico de poder, tendo o corpo branco, heterossexual e cis, como o modelo a ser seguido.

1.3 – Um palco normativo

Vivemos em um país líder em mortes relacionadas à comunidade LGBTQIA+.

Saímos de 130 assassinatos e suicídios no ano 2000, para 420 em 2018²⁴, segundo dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia²⁵.

A homofobia encontra-se instalada em praticamente todos setores da sociedade, inclusive em locais que teoricamente deveriam trabalhar para eliminá-la.

Uma matéria publicada no dia 19 de janeiro de 2019, no site da Folha de S. Paulo²⁶, revela que entre o final de 2014 e início de 2015, no Anexo 2 da ala Teotônio Vilela do Senado Federal, fora colocada uma placa com o número 26 sobre a placa de número 24²⁷. Fato que retornou ao original, após divulgação na mídia.

Borrilo (2016), nos apresenta que a homofobia, dentre outras manifestações arbitrárias, como a xenofobia e o racismo, designam o outro como contrário, inferior ou anormal. Para o autor, a homofobia chega a ser uma agressão contra os valores que fundamentam a democracia, podendo ser definida,

²⁴ Dados disponíveis em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em 13 fevereiro 2019.

²⁵ “O Grupo Gay da Bahia foi fundado em 1980 e é a mais antiga associação, em funcionamento, de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. O GGB foi registrado como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983” (COLLING, 2018 p.19).

²⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/gabinete-24-some-dos-corredores-do-senado.shtml> Acesso em: 13 de fevereiro de 2019

²⁷ Na atividade ilegal praticada no Brasil conhecida como jogo do bicho o número que representa o veado é o 24, fator esse que contribui para relacionar esse número com os gays.

como a hostilidade geral, psicológica e social, contra aqueles e aquelas que supostamente, sentem desejo ou têm prática sexual com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica de sexismo, a homofobia rejeita igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e extrai dela consequências políticas (p. 34).

Se analisarmos o desrespeito, as agressões e violências sofridas pela comunidade LGBTQIA+, podemos, sem correr o risco de estarmos sendo alarmistas, afirmar que vivemos em um país homofóbico, ao ponto do Partido Popular Socialista entrar com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão – ADO, contra o Congresso Nacional no Supremo Tribunal Federal, alegando que o Congresso Nacional vem permitindo em razão de sua inércia a exposição e a sujeição de todos os membros da comunidade LGBTQIA+, contra seus direitos fundamentais, caracterizados por atos de violência física e moral, ameaças, práticas criminosas contra a sua própria vida ou sua dignidade sexual, condutas geralmente impregnadas de ódio homofóbico e/ou transfóbico.

Em fevereiro de 2019, no início do julgamento desta ação, o ministro Celso Mello, apresentou voto favorável, abrindo precedente para a criminalização da homofobia. Em uma passagem de seu voto, o ministro defere a seguinte crítica.

Nada mais nocivo, perigoso e ilegítimo do que elaborar uma Constituição sem a vontade de fazê-la cumprir integralmente ou, então com o intuito de apenas executá-la com o propósito subalterno de torná-la aplicável somente nos pontos que se mostrarem convenientes aos desígnios dos governantes ou de grupos majoritários, em detrimento dos interesses maiores dos cidadãos ou, muitas vezes, com frontal desrespeito aos direitos das minorias, notadamente daquelas expostas a situações de vulnerabilidade. (MELLO in ADO 26, 2019, p. 52)

Agora imagine, se a suprema corte do país necessita atuar em uma ação, tendo o Congresso Nacional, a dita casa do povo, como um local de desinteresse e desrespeito às questões ligadas a comunidade LGBTQIA+, nos perguntamos como são tratadas tais questões dentro do universo do futebol.

Vivemos em um país homofóbico e sendo o futebol o esporte de maior projeção deste país, não o vemos se constituir como um referencial no combate aos preconceitos de gênero e sexualidades, visto que com o campo esportivo,

constitui-se num espaço de perpetuação e reforço da discriminação às práticas e às identidades que se afastem do espectro de configurações heteronormativas. O esporte apresenta-se como uma instituição social que tanto reforça determinados aspectos das expressões humanas quanto, escamoteia, silencia e rechaça manifestações plurais da sexualidade que perturbem a ordem vigente (ROSA, 2010, p. 44)

Exemplos de jogadores de futebol que “saíram do armário”²⁸ não são vastos, o que nos leva a olhar para o futebol e todo o movimento esportivo a partir do estudo de Eve Kosofsky Sedgwick (2007) sobre a epistemologia do armário, que interpreta o armário como uma estrutura definidora da opressão homossexual “como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores” (SEDGWICK, 2007, p. 19).

Entre os jogadores de futebol profissional, um caso emblemático é o do inglês Justin Fashanu, que em uma entrevista para o jornal The Sun em 1990, afirmou que era gay, sendo considerado o primeiro jogador de futebol profissional a sair do armário.

Filho de pai nigeriano e mãe guianense, Justin e seu irmão, Jonh Fashanu, foram deixados em um orfanato quando crianças. Adotados por uma família do condado inglês de Shropham, eles cresceram em uma sociedade predominantemente branca e , aos poucos, foram se destacando na área esportiva, tornando-se ambos jogadores de futebol.

No entanto, a carreira profissional de Justin que iniciara brilhantemente, começou a tomar outros rumos assim que surgiram registros de sua presença em boates gays. Estes boatos chegaram até seu técnico, sendo que este pediu que o jogador fosse retirado do clube. Desde então, Justin Fashanu passou por diversos clubes e em 1998, quando atuava como técnico de futebol em um time dos Estados Unidos, foi acusado de ter estuprado um garoto menor de idade, culminando com a morte trágica em decorrência de seu suicídio.

²⁸ Expressão utilizada para se referir à pessoa que manifesta publicamente sua orientação homossexual.

Uma matéria publicada na internet pelo jornalista Rafael Oliveira, em dezembro de 2018, nos mostra a situação vivida pelos membros da comunidade LGBTQIA+, no futebol brasileiro. Nela, Igor Julião, jogador do Fluminense naquele momento, deu a seguinte declaração, sobre o ambiente do futebol,

É um lugar extremamente hostil para alguém da comunidade (LGBTQ) ou uma mulher trabalharem. E não adianta eu brigar com as pessoas porque essa é a mentalidade do meio... Falo por conhecer pessoas que são homossexuais e não podem se assumir com medo de perder o emprego e da torcida. Seja jogador ou outras pessoas que trabalham no futebol. Triste isso, né? (JULIÃO, 2018)²⁹

No Brasil, um caso de repercussão midiática aconteceu no ano de 2007 com o jogador Richarlyson Barbosa Felisbino, que processou um dirigente esportivo por colocar em dúvida sua orientação sexual, em um programa esportivo de televisão.

No pronunciamento da queixa-crime, movida pelo jogador contra o dirigente, o juiz de direito da nona vara cível da Comarca de São Paulo, Manuel Maximiano Junqueira Filho, deferiu uma sentença atravessada pela homofobia.

Quem se recorda da 'copa do mundo de 1970', quem viu o escrete de ouro jogando (Félix, Carlos Alberto, Brito, Everaldo e Piazza; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Pelé, Tostão e Rivelino), jamais conceberia um ídolo seu homossexual. [...] Quem vivenciou grandes orquestras futebolísticas [...] não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol. [...] Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si. [...] Ora, bolas, se a moda pega, logo teremos o 'sistema de cotas', forçando o acesso de tantos por agremiação [...] O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal (JUNQUEIRA FILHO apud ALMEIDA e SOARES, 2012, p. 309)

Para Rosa (2010), em seu estudo sobre possíveis relações entre a homofobia e os esportes, o caso envolvendo o ex-jogador Richarlyson, é um marco na história do movimento LGBTQIA+ brasileiro, “por tratar-se da primeira ocorrência de uma ação organizada desta militância com desdobramentos jurídicos, em oposição a um ato considerado homofóbico que tenha ocorrido no campo do esporte” (p. 71)

²⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/o-perfil-nada-boleiro-de-igor-juliao-lateral-do-flu-fa-de-frida-kahlo-critico-da-homofobia-no-futebol-1-23298917?fbclid=IwAR1wLgIHGc IXHKhwald00ygu1lqITyw12aNO0TTz7JuBHjc3ADzoWpcF1s>. Acesso em 20 dezembro 2018.

Ao analisar a sentença proferida pelo juiz, Rosa, afirma que ele se apoia em artifícios comuns de depreciação da homossexualidade no seio esportivo, pois,

os argumentos ao mesmo tempo negativadores, essencializadores e universalizadores que diriam que homossexuais não renderiam em certas práticas, que seriam menos habilidosos, menos aptos, menos dispostos, ou ainda demasiado perturbadores, muito alvoroçados, femininos, indiscretos ou por fim, “sexuais” demais, desejosos e perigosos porque sempre prontos a atacar o objeto de sua vontade ou a contagiar outras pessoas com seus perniciosos desvios. (ROSA, 2010, p. 147)

Pessoas envolvidas com o futebol, ao sair do armário, despertam o que Sedgwick descreveu como as antenas finas da atenção pública, sendo que,

o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome. (SEDGWICK, 2007, p. 21)

Um caso de conhecimento público no Brasil de um atleta de nível mundial, que anunciou sua saída do armário, no primeiro semestre de 2019, foi o do medalhista olímpico e mundial, Diego Hipólito, que procurou a imprensa para pronunciar sua orientação sexual, saindo do armário, porém, seu posicionamento, aconteceu em um momento onde ele se aproxima do final de sua carreira profissional.

O 'sair do armário' – de forma relativamente segura e positiva para quem o deseja – comumente só é possibilidade efetiva para pessoas independentes financeiramente de suas famílias, profissionalmente estáveis e com carreira consolidada. Mesmo nestas condições, assumir-se não é algo 'natural' ou automático, pois depende de uma valorização subjetiva da sua (homo)sexualidade como importante, ou até mesmo central nas suas relações sociais. (DUQUE, apud ROSA, 2010, p. 127)

Os casos apresentados de Justin Fashanu e Richarlyson Barbosa, assim como o depoimento de Igor Julião, nos levam a pensar na constituição de uma abjeção aos corpos e aos jogadores dentro do palco do futebol, quando estes saem do armário.

Quando uma figura de destaque assume, publicamente, sua condição de gay ou de lésbica também é frequente que seja vista como protagonizando uma fraude; como se esse sujeito tivesse induzindo os demais a um erro, a um engano. A admissão de uma nova

identidade sexual ou de uma nova identidade de gênero é considerada uma alteração essencial, uma alteração que atinge a “essência” do sujeito (LOURO, 2000, p.13)

Ao colocarmos o futebol como um esporte armário, como palco homofóbico, devemos associá-lo a dois outros conceitos fundamentais para essa compreensão e para reflexões posteriores desse trabalho. Referimos aos conceitos de heterossexualidade compulsória e de heteronormatividade.

A heterossexualidade compulsória consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade. Essa ordem social/sexual se estrutura através do dualismo heterossexualidade versus homossexualidade, sendo que a heterossexualidade é naturalizada e se torna compulsória. (COLLING, 2018, p.45)

Assim, a heterossexualidade passa a ser a única possibilidade de vivenciarmos nossa sexualidade, sendo que as demais passam a ser “consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização”. (BORRILLO, 2016, p. 31)

Enquanto que o conceito de heteronormatividade, exige que todos organizem suas vidas a partir do modelo da heterossexualidade, independente da sua orientação sexual.

Por essa perspectiva,

é preciso que a erotização (não heterossexual) seja invisibilizada, isto é, dois homens podem aparecer como parceiros, mas esse vínculo não pode ser erotizado/ sexualizado, ou, como dizem as pessoas: “o sexo é dentro de quatro paredes, pode fazer o que quiser na cama, mas na rua se comporte como homem”, o que obviamente não vale para os casais heterossexuais. (COLLING, 2018, p. 47)

Tanto a heterossexualidade compulsória como a heteronormatividade, garantem privilégios aos heterossexuais. Privilégios presentes no palco do futebol, seja em competições profissionais, nas aulas de educação física para crianças e adolescentes, ou nas ruas, praças e campos espalhados nesse e em outros países.

Connel (2016) analisa que os esportes de equipe, organizados e competitivos, são segregados por gênero e dominados por homens, uma atividade de lazer que envolve corpos em combate ritualizado e juntamente com outras práticas corporais, são espaços de produção das masculinidades hegemônicas e subordinadas.

A relação entre homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, se configura em um problema não apenas aos homossexuais, mas também aos heterossexuais.

Para aqueles que possuem antolhos que os focam na homofobia, trocas de carinho e afeto entre homens, podem ser julgadas e penalizadas, mesmo se que seja uma relação entre pai e filho.

Contudo, no futebol, demonstrações de afetividade entre homens pode ser vivenciada, sem passar pelo crivo da homofobia.

Bandeira (2010), ao buscar consatar um currículo presente nos estádios de futebol, nos diz que que é neste contexto de homofobia e violência potencial “que aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos ou de afetos masculinos. Os gritos de “Te amo” dos estádios de futebol são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa. (BANDEIRA, 2010, p. 349)

Um outro autor que contribui com essa reflexão é Pinto (2014), ao apontar que os estádios de futebol são *locus* por excelência de uma homossociabilidade, assim, “admite demonstrações de afetividade entre homens que não costumam ser manifestadas no dia-a-dia. Abraços intensos e calorosos na comemoração de gols do time pelo qual se torce”. (PINTO, 2014, p. 06)

Ao olharmos para este esporte pelo prisma do ritual-performance, analisamos esta possibilidade de rompimento de determinadas normas instituídas, na relação afetiva entre homens, como sendo geradas pelos momentos de liminaridades e *communitas*, instituídos durante uma partida e assim vemos possíveis fisuras, neste palco normative representado pelo futebol.

Sabemos que essa possibilidade de contato entre corpos masculinos, só se viabiliza a partir do encontro de corpos que torcem para o mesmo time, pois nos estádios os gritos e cânticos homofóbicos aparecem para diferenciar e hierarquizar uma torcida perante a outra, desta forma, os afetos entre homens de uma mesma torcida, não colocam sua virilidade e masculinidades, sob suspeita.

O futebol tem servido como palco para as normas de gênero e sexualidades, contribuindo com a homofobia e misoginia, no entanto, acontecimentos como o ocorrido no dia 25 de agosto de 2019 em um jogo válido pelo campeonato brasileiro de futebol, nos surge como uma fagulha de esperança.

Pela primeira vez em solo brasileiro, um jogo foi paralisado pelo árbitro, para advertir um dos técnicos, sobre possíveis penalizações ao seu time, devido os gritos

homofóbicos que vinham da torcida.

Na rodada seguinte, o time envolvido no caso entrou em campo carregando uma faixa com a seguinte frase: “Homofobia é crime: respeito e igualdade são a nossa história”. Ver anexo C.

A presença de tal faixa em um campo de futebol, pode ser entendida como parte de uma ação educativa, reconhecendo o erro de sua torcida, mas também pode ser analisada como uma maneira para tentar junto às instituições que regem o futebol brasileiro, se livrar de uma possível penalidade.

Levando em consideração que a pouco tempo, uma faixa dessa seria impensável dentro de um campo de futebol, somos levados a crer em caminhos que nos apontem mudanças deste panorama de discriminações.

Para os menos otimistas ou mais realistas como queiram, nos surge pelo menos como uma possibilidade para revermos pontos pelos quais possamos questionar este palco normativo.

2 – UMA “NOVA” VELHA ERA: REPENSANDO AS MASCULINIDADES

Ser um homem feminino
 Não fere o meu lado masculino
 Se Deus é menina e menino
 Sou masculino e feminino
 Pepeu Gomes

A sala de espera do consultório de um ginecologista está cheia.

Mamães, papais, vovôs, vovós, tios, tias, demais parentes e agregados aguardam o momento do resultado que virá da sala de ultrassonografia. Após algum tempo, geralmente o sorriso se mistura ao choro emocionado. No entanto, não é raro vermos indiferença e até chateação com o resultado.

A partir deste momento, o quarto do bebê poderá ser decorado, seguindo tons de azul ou rosa. Os brinquedos e demais penduricalhos do enxoval passam a ser adquiridos, orientados pelo diagnóstico.

Para Colling (2018), no momento que somos classificados como homens ou mulheres, após a realização de um exame de ultrassom, passamos a existir enquanto sujeitos, “sem nenhuma liberdade, o bebê passa a ter um gênero e todas as normas de gênero passam a incidir sobre aquele ser que sequer nasceu” (p.19).

A filósofa Judith Butler, *persona non grata* por parte dos brasileiros, aliás, uma minúscula pausa para um comentário: Tem hora que dá uma vergonha de ser brasileiro³⁰.

Butler considera que há gêneros inteligíveis, aqueles que em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, sendo que,

A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. (BUTLER, 2019, p. 44)

³⁰ Nos referimos aos atos ocorridos em novembro de 2017, em decorrência da presença de Judith Butler ao Brasil, para um ciclo de palestra, onde embates foram travado entre os que defendiam a presença dela e quem era contra. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html Acesso 10 de setembro de 2019.

Louro (2015) se referindo à Butler, nos diz,

O anúncio “é um a menina” ou “é um menino” feito diante de um aparelho de ultrassonografia ou do corpo de um bebê se constitui, segundo ela, em uma espécie de “interpelação fundante”, que desencadeia o processo de fazer desse corpo um sujeito de gênero (feminino ou masculino). Butler aposta no caráter performativo da linguagem, ou seja, supõe que a linguagem produz aquilo que nomeia... Essa declaração é feita no âmbito de uma matriz heterossexual e, portanto, espera-se que tenha o efeito de produzir também o desejo por sujeitos de sexo/gênero oposto. (p. 270)

Com o nascimento, nosso corpo é marcado e atravessado por normas que tentarão manter seu desenvolvimento em coerência com essa matriz de inteligibilidade, atuando para constituir suas identidades e subjetividades, a partir do modelo da heterossexualidade.

Entendemos que nosso corpo não pode ser compreendido apenas como um conglomerado de órgão, divididos em sistemas que atuam simultaneamente para que possamos respirar e fazer o sangue circular. Como apresenta Goellner (2010), ele se constitui pelas roupas, acessórios, intervenções, sentidos, gestos e silêncios, que nele incorporam, “enfim, é um sem limites de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem”. (p. 29)

Um outro autor que se refere a Butler e nos auxilia com a reflexão é Thürler (2011), para quem a autora,

não vê o sujeito livre para evitar as normatizações, muito ao contrário, o sujeito é constituído a partir dessas normas e mediante sua repetição. Os corpos se tornam textos, falas que se constroem para serem percebidas e reconhecidas. Assim, Butler aplica o sentido amplo de performatividade à produção da identidade, que implica sua concepção como resultado de um processo de repetição. (p. 13)

Nesse sentido, o gênero se constitui de um modo performativo deslocando,

a ênfase na identidade como descrição, como algo pronto, ‘algo que é’ para a ideia de ‘tornar-se’, dando ao conceito de identidade um sentido de movimento e transformação”, sendo que “a noção de performatividade de gênero pode contribuir - e muito - para a desmistificação da heterossexualidade compulsória (THÜRLER, 2011, p. 13)

As reflexões de Butler apontam para a imposição de que todas as pessoas devem se orientar por uma linha na qual o sexo determina o gênero e partir de então o desejo e a práticas sexuais, por pessoas do sexo/gênero oposto.

Poderíamos apresentar outras possibilidades que borram a linha de coerência de inteligibilidade, no entanto, aqueles e aquelas que se orientam por tal caminho, se tornam vítimas de preconceitos, discriminações, agressões, marginalizações, dentre outras violências, passando a viver nas sombras, como fantasmas, como destacou Butler (2016).

Corroborando com essa possibilidade, o atual momento político que atravessamos no Brasil, tem nos abastecido de preocupações. Já nos primeiros dias após a posse do governo que ganhara o pleito eleitoral presidencial em 2018, tivemos uma demonstração do que viria pela frente.

No dia 02 de janeiro de 2019, um vídeo publicado na rede mundial de computadores viralizou. Nele, pessoas comemoravam aos gritos e saltos, a declaração sustentada pelo binarismo de gênero, da nova ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que decretava uma nova era para o país, lançando a frase “menino veste azul e menina veste rosa”.

Para Louro (2016), é impossível lidar com as questões de gênero e sexualidade, apoiadas apenas em esquemas binários, visto que devemos nos ater que, “as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (p. 212).

A repercussão do pronunciamento da ministra, foi justificada como sendo uma metáfora. Berenice Bento contesta a utilização do termo “metáfora”.

As cores são a metáfora de uma concepção de gênero e sexualidade que nega direitos fundamentais àqueles que divergem da posição dos ideólogos da “ideologia de gênero”... Não se trata, portanto, de uma metáfora mas de uma antítese. E aqui talvez tenhamos que sair do mundo das figuras de linguagens, para entrar no mundo das figuras grotescas. (BENTO, 2019)³¹

³¹ Disponível em: https://outraspalavras.net/feminismos/a-mal-disfarcada-ideologia-de-genero-de-damares/?fbclid=IwAR2aZrBcuiD_t6ZnKrARSI5JUYP_8HCeGPym_f5hLHIqw7avhPiumCIPoE. Acesso em: 15 janeiro 2019

De acordo com Bento, ao se apoiar no binarismo de gênero, o governo que se instalou no Brasil deu o recado de que não haverá qualquer espaço para o debate ou formulação de políticas públicas para a população LGBTQIA+, fato materializado ainda no início do governo, com a retirada da cartilha “Homens Trans” do site do Ministério da Saúde, dentre outras ações instituídas.

O ministro do Supremo Tribunal Federal, Celso Mello, em pronunciamento de seu voto, dado na ação do ADO 26, reforça a crítica ao discurso da ministra, ao proferir,

Essa visão de mundo, Senhores Ministros, fundada na ideia, artificialmente construída, de que as diferenças biológicas entre o homem e a mulher devem determinar os seus papéis sociais (“meninos vestem azul e meninas vestem rosa”), impõe, notadamente em face dos integrantes da comunidade LGBT, uma inaceitável restrição às suas liberdades fundamentais, submetendo tais pessoas a um padrão existencial heteronormativo, incompatível com a diversidade e o pluralismo que caracterizam uma sociedade democrática, impondo-lhes, ainda, a observância de valores que, além de conflitarem com sua própria vocação afetiva, conduzem à frustração de seus projetos pessoais de vida. (MELLO in ADO 26, 2019, p. 15)

O discurso, debate e disputa no que tange às questões de gênero se constituem como um ato político de relações de poder e a inserção do gênero como categoria de análise científica, se configura como tal.

Avaliamos que a anunciada “nova era”, nos impõe um retrocesso, cruel e bárbaro, pois caminha lado a lado com um discurso de ódio, que busca apagar e/ou silenciar vozes discordantes³², principalmente aquelas que defendem os direitos relacionados a gênero, raça e classe.

Apoiar-se em uma concepção binária para construção do gênero e da sexualidade é excluir aqueles que rompem e vivem nas fronteiras, além de demarcar ideias como as de que menino brinca com carrinho e menina brinca com bonecas, análoga ao menino veste azul e menina veste rosa, sustentando uma única possibilidade de construção do que é ser homem e ser mulher.

³² Alguns exemplos são: o assassinato em 2018, da vereadora da cidade do Rio de Janeiro/RJ, Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes e o auto-exílio da antropóloga e professora da Universidade de Brasília, Débora Diniz e do Deputado Federal Jean Wyllys, ambos ameaçados de morte.

Revisitando minhas memórias, lembro de meus brinquedos de criança e principalmente do apreço que tinha pelos meus carrinhos, alguns repassados aos meus pais antes mesmo do meu nascimento.

Com eles eu dirigia, apostava corrida, capotava, salvava pessoas, tudo em um mundo externo à minha casa, o espaço público, enquanto via meninas brincando de ser mãe com suas bonecas, seu fogãozinho, suas panelinhas e vassourinhas, reservadas ao espaço doméstico.

Essa relação entre a rua e a casa, foi compreendidas por Roberto DaMatta, como categorias sociológicas, que não designam apenas espaços geográficos, pois são acima de tudo,

entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p. 14)

O autor diz também que “a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa ideia de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘calor humano’, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso” (DAMATTA, 1997, p. 52).

Outro ponto conflitante no processo de construção cultural das masculinidades e feminilidades, se traduz pela frase “pare de chorar, homem não chora”, a que fui submetido inúmeras vezes, experiência que minha irmã, não passou, visto que, nossa sociedade destinou o ato de chorar às meninas que, via de regra, são educadas para se tornarem “belas, recatadas e do lar”³³.

Frases como “Homem não chora”, “Se apanhar na rua vai apanhar em casa também”, “Vai chorar igual uma mulherzinha”, visam produzir um tipo de homem apto a viver quase que exclusivamente em função do *status*, sucesso, resistência, independência, dominação, virilidade e agressividade, como atributos da masculinidade.

Concordamos com Santos ao afirmar que as , masculinidades “são produções não apenas de aparatos institucionais culturais, mas também semióticas, isto é, as

³³ A expressão “Bela, recatada e do lar”, foi utilizada em uma matéria de abril de 2016 da revista Veja, referido-se à Marcela Temer, esposa de Michel Temer, vice presidente do Brasil, que se tornaria presidente após concluído o processo de impeachment de Dilma Rossef.

masculinidades como um discurso, narrativas imaginadas, que se constituem em um processo social controlado, autovigiado, disputado e carregado de poder”. (SANTOS< 2013, p. 77).

O controle das emoções para os homens é apenas um dos artifícios utilizados no processo de definição de sua masculinidade e essas variam de cultura para cultura, no decorrer do tempo e da vida de qualquer homem, sendo construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionais de poder, nas relações de homens com mulheres e nas relações de homens com outros homens.

Como modelo a ser seguido e quase sempre inalcançável, surge o conceito de masculinidade hegemônica, uma masculinidade branca, cis, heterossexual que garante privilégios para aqueles que se aproximam de seu modelo.

o conceito de “masculinidade hegemônica” ajuda a determinar como certos grupos de homens exercem versões dominantes da masculinidade ocupando e sustentando relações de poder pela legitimação e reprodução social. Esses relacionamentos geram domínio sobre outras formas de masculinidades... é um ideal ou um conjunto de normas sociais prescritivas, simbolicamente representadas, uma parte crucial da textura de muitas atividades rotineiras e está, como dito anteriormente, atrelada ao ser racional, bem-sucedido, controlador de emoções e longe de atributos femininos. (DUTRA e ORELLANA, 2017, p. 146)

Para Rosostolato (2018), o conceito de masculinidade hegemônica é uma das violências sociais mais intransigentes na construção do sujeito e de suas subjetividades, pois, “se baseia numa fantasia egóica falocentrada, determinando o que é diferente, minoria e transgressor, e assim, possui como característica a punição ao que julga abjeto”. (p. 60)

No caso, por abjeto entendemos como sendo as mulheres e as masculinidades que foram classificadas como subordinadas, aquelas que estão associadas à feminilidade, vítima direta da homofobia.

Outras masculinidades tensionam suas experiências e existências com o modelo da masculinidade hegemônica. Um exemplo são as masculinidades marginais, uqe se baseia nas combinações e relações entre classe, raça/etnia, “são as masculinidades associadas às relações acerca de raça e classe social, cujo contexto reverbera nas questões que estão implicadas no status social. (SANTOS, 2013, p. 94)

As masculinidades não se resumem apenas a essas acima citadas, outros autores categorizam as masculinidades como precárias, cúmplices, épicas, excêntricas dentre outras, sendo que, “as diferentes masculinidades não simplesmente coexistem lado a lado. Existem relações concretas de hierarquias, exclusão e, por vezes, tolerância, entre elas”. (CONNELL, 2016, p. 154).

No entanto, gostaríamos de trazer o conceito de masculinidade tóxica, que juntamente com a masculinidade hegemônica, tem sido requisitada no ambiente esportivo e futebolístico.

A masculinidade tóxica pode ser definida pela uso da violência e a supressão de sentimentos, entendidos como sinais de fraqueza, sendo que a falta de incentivo em procurar ajuda, pode acarretar questões mais graves “como perpetuação e encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo”. (CONFORT, apud ROSOSTOLATO, 2018, p. 62)

A relação entre masculinidade hegemônica e masculinidade tóxica integra dinâmicas individuais e institucionais que intensificam a masculinidade tóxica, ocasionando, muitas vezes, obstáculos estruturais ao tratamento de saúde mental. Geralmente a masculinidade tóxica está atrelada à violência e agressão como um ideal cultural da própria masculinidade onde a força é tudo, e onde, como consequência, acidentes e até mortes acontecem. (DUTRA e ORELLANA, 2017, p. 152)

Connel (2016) apresenta que frequentemente as práticas corporais adotadas por meninos são aquelas com efeitos mais tóxicos sobre seus corpos, “fumar, dirigir imprudentemente, praticar a violência física e o sexo desprotegido... as consequências desse comportamento podem ser fatais, não somente para os homens jovens como também para as mulheres jovens em suas vidas”. (CONNELL, 2016, p. 145)

Para Rosostolato (2018), alguns homens ocupam o lugar do sofrimento e da dor, pela insatisfação com os padrões de comportamento impostos pela cultura hegemônica, portanto, “sucumbidos pelo machismo e pelo regime patriarcal que os violentam. Aniquilam-se através do silenciamento do próprio sofrimento, afinal, não demonstram seus sentimentos, uma vez que isto implicaria em expor suas vulnerabilidades” (p. 63).

Compreendemos que estes modelos de masculinidade, contribuem para estabelecer juntamente com outras instituições, como a família, a igreja, os esportes,

dentre outros setores da sociedade, um *status* normativo para a heterossexualidade, tornando as demais sexualidades anormais ou desviantes.

Se faz necessário que os homens olhem para os homens, discutam e reflitam sobre as múltiplas possibilidades de vivenciar suas masculinidades, pois, “diante da falta de representações masculinas positivas, a violência emerge como um recurso para tirar alguns homens do ‘apagão’ em que se encontram” (NOLASCO, 2001, p. 15).

As discussões a respeito das masculinidades, tem ganhado espaço não só no meio acadêmico, mas em toda sociedade.

Um comercial da Gillette³⁴, lançado em janeiro de 2019 se tornou *trending topics*³⁵ mundial ao questionar a masculinidade tóxica e seus efeitos. A campanha publicitária intitulada “The Best a Men Can Get”³⁶, se aproximou do movimento #Me Too³⁷ e dividiu opiniões.

A peça publicitária da Gillette, mescla imagens ficcionais, com jornalísticas e documentais, sendo que inicialmente apresenta homens assediando e menosprezando mulheres, adolescentes e crianças todos do sexo masculino brigando e os supostos pais apenas dizendo “coisas de meninos”. Em seguida, mostra uma mudança de atitude de alguns homens, que buscam interferir nas situações apresentadas, separando as brigas e apontando o caminho do diálogo, e abordando homens que pretendiam assediar alguma mulher na rua, fazendo com que ela siga seu caminho sem ser incomodada.

O comercial sugere uma mudança de paradigma nas atitudes masculinas, finalizando com o seguinte texto: “Porque os meninos vendo isso hoje, serão os homens de amanhã”.

Não nos cabe nesse trabalho analisar o mérito ou não, da campanha publicitária da Gillette, no entanto, logo após o lançamento dessa campanha, a mesma empresa lançou uma outra, onde um pai acompanha a primeira vez que seu filho, um homem trans, faz a barba.

³⁴ Empresa criada por King Camp Gillette que no ano de 1901 lançou lâminas de barbear descartáveis.

³⁵ Trending Topics ou TT'sé uma lista em tempo real das palavras mais postadas no Twitter em todo o mundo.

³⁶ “O novo vídeo da campanha ‘The Best a Men Can Get’, da Gillette, marca o aniversário de trinta anos do slogan, originalmente lançado em 1989”. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2019/01/15/gillette-debate-masculinidade-toxica-em-campanha.html>. Acesso em: 24 janeiro 2019.

³⁷ “Apesar de ter tido bastante repercussão no ano de 2017, foi ainda em 1996 que a expressão #MeToo foi pensada pela primeira vez. Foi a ativista Tarana Burke, que luta pelo empoderamento das jovens mulheres negras, que iniciou o movimento”. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/o-que-e-o-movimento-metoo/>. Acesso em 24 janeiro 2019.

Ao colocar em xeque³⁸ os efeitos tóxicos de uma masculinidade hegemônica, a Gillette estaria apontando que as masculinidades não hegemônicas, passam por um momento de valorização? Estaria a Gillette vislumbrando novos tempos e novos mercados, ao mudar o discurso de sua campanha publicitária, visto que durante anos ela buscava atingir o público que se identifica com o conceito de masculinidade que agora critica?

Outro exemplo do debate em torno das masculinidades, para além da produção acadêmica, encontra-se na produção de documentários que debatem o tema, como o “The mask your live” produzido nos Estados Unidos, ou o produzido no Brasil, intitulado “O silêncio dos homens”.

Neles são visualizados homens que passaram ou vem passando por testes de virilidade, tendo seus corpos vigiados e controlados, durante o processo de constituição de suas masculinidades, um processo que Santos (2013) classificou como, doloroso e marcado por incursões arbitrárias e violentas.

Tem que ter pau grande, tem que ser musculoso, tem que ter dinheiro, tem que ter *status social*, tem que ser forte, tem que ser isso ou tem que ser aquilo... É um devir entre a hegemonia e a precariedade. Ser homem é ter limites, é ter um universo de possibilidades e se enquadrar apenas em uma unidade fixa, estável e essencial. (p. 159)

Precisamos refletir sobre possíveis modelos de homens, para além dos constituídos pelas masculinidades hegemônica e tóxica. O promotor de justiça Fausto Rodrigues de Lima, apresenta o seguinte,

nós, homens do século 21, somos seres pensantes. Não queremos prover ninguém, almejamos unir esforços. Se por acaso nossa renda for insuficiente ou nula, que nos respeitem. Gostamos, sim, de sexo, mas não pensamos nisso 24 horas por dia. Nos interessa o futebol mas também o balé, a música, a arte, a poesia. E choramos, sim. (LIMA, apud, THÜRLER e ARAGÃO, 2012, p. 14)

Nós, homens do século 21, queremos isso e muito mais. Lógico que não todos, pois, modificar as relações impostas pelas normas de gênero, resultaria na perda de privilégios. No entanto, pensamos ser necessário repensar as masculinidades, desconstruindo suas hierarquias.

³⁸ No jogo de xadrez a expressão “xeque” indica que um jogador realiza uma jogada real de captura da peça Rei, do jogador adversário.

Como um atacante parte em direção ao gol, partimos para uma análise das masculinidades presentes em um dos redutos símbolo de hegemonia e toxicidade. Falamos do futebol.

2.1 – Gênero e masculinidades no futebol brasileiro

Ao se constituir como um esporte, o futebol assume a capacidade de produzir e reproduzir relações sociais e culturais, se tornando “um *locus* constituído por lutas, contestações, interesses; um terreno onde estão também envolvidos discursos e representações (de corpo, feminilidades, masculinidades, sexualidade, entre outros)”. (ALMEIDA, DERÓS e MÜHLER, 2008, p. 01).

De acordo com Roberto DaMatta, o futebol no Brasil, “possui uma forte demarcação de gêneros que o torna um domínio masculino por excelência. É um esporte que contém todos os diversos elementos usados tradicionalmente para definir a masculinidade” (DAMATTA, apud ZIRIN, 2014, p. 142)

Souza (1996) apresenta que existem normas de masculinidade no futebol, onde, a virilidade masculina é exaltada “na aceitação e no controle da dor, e na ausência de sentimentalismos durante lutas duras, em suma, em não ser covarde” (p. 51)

Tais normas de masculinidade impressas no futebol, podem ser compreendidas através da relação entre masculinidade hegemônica e tóxica, moldando corpos que confluem para o desenvolvimento de uma virilidade esportiva, da superação do oponente, do controle das emoções, da supressão do choro e da demonstração de desejos heterossexuais, excluindo aqueles que se opõem a essas normas.

A sustentação da ideia de dominação masculina se dá também pelo esforço de negação da legitimidade e do direito à apropriação do futebol por pessoas que não se conformam com esse modelo de masculinidade reverenciada, contribuindo para fixar estereótipos, como a de que gays e mulheres não gostam ou não se interessam por futebol (PINTO, 2014, p. 08)

Observemos esta afirmação, “Se eu jogasse futebol masculino, não ia precisar de trabalhar mais nunca. Se eu parar, ainda vou precisar fazer alguma coisa (SILVA, 2018)³⁹.

Imagine.

Você é eleita cinco vezes a melhor profissional de sua área de atuação, em uma premiação organizada por uma instituição com representantes em todos os continentes e mesmo assim declara ser necessário continuar trabalhando após obter sua aposentaria.

Os valores investidos no futebol masculino e feminino são muito distantes um do outro. Devemos ter em mente duas situações. A primeira é que a distância no mercado de trabalho entre homens e mulheres não ocorre apenas no futebol, assim como não é uma exclusividade brasileira e a segunda é que essa distância não é apenas financeira, é também de representatividade.

Podemos avaliar essa situação observando os resultados obtidos no pleito eleitoral de 2018, no Brasil. O número de mulheres eleitas para o cargo de deputada federal aumentou quando comparado ao pleito realizado em 2014. No entanto, a distância entre o número homens e mulheres eleitos é considerável, visto que temos 436 deputados e 77 deputadas⁴⁰, enquanto que no Senado, dos 54 senadores em exercício, apenas 07 são mulheres⁴¹.

De acordo com Anna-Karin Jafors⁴², diretora regional da ONU Mulheres:

O que se observa globalmente é que nenhum país atingiu a igualdade de gênero, independentemente do nível de desenvolvimento, da região e do tipo de economia. A desigualdade de gênero é uma realidade em todo o planeta, e estamos vendo isso em todos os aspectos da vida das mulheres (JATFORS, 2018).

Na conclusão e recomendação de um estudo desenvolvido em 2017 pelo Sindicato Internacional de Atletas de Futebol (FIFPro) em parceria com a Universidade de Manchester, com aproximadamente 3.600 jogadoras da Europa, África, Ásia e

³⁹ Declaração de Marta Vieira da Silva, eleita cinco vezes a melhor jogadora de futebol do mundo, em premiação concedida pela FIFA. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/12/se-jogasse-no-futebol-masculino-nao-precisaria-trabalhar-nunca-mais-diz-marta.shtml> Acesso em: 27 dezembro 2018.

⁴⁰ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/camara-dos-deputados-tera-15%25-de-mulheres> Acesso em 02 fevereiro 2019.

⁴¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/no-de-mulheres-eleitas-se-mantem-no-senado-mas-aumenta-na-camara-e-nas-assembleias.ghtml> Acesso em: 02 fevereiro 2019.

⁴² Disponível em <https://www.msn.com/pt-br/dinheiro/carreira/mulheres-v%C3%A3o-ganhar-o-mesmo-que-homens-%E2%80%93-daqui-a-202-anos/ar-BBRbluY?li=AAggXC1> Acesso em : 05 janeiro 2019.

Américas, sobre as condições de trabalho do futebol feminino, são levantados seis itens que devem ser considerados para que o futebol feminino desenvolva.

Destacamos um trecho do item de número cinco que se refere à discriminação e assédio em nível individual e institucional, que as atletas de futebol enfrentam.

Discrimination and harassment are very serious issues in both the women's and men's game. While discrimination on the basis of race, sexuality, religion and gender permeate many aspects of football, gender discrimination is particularly prevalent in the women's game. Our headline global figures on discrimination and harassment are likely to be lower than the experienced reality for female footballers. This may be due to the fact that these are sensitive subjects on which to report. The revelations in late 2017 about sexual harassment in the entertainment industry, sport, media and politics (and the subsequent #MeToo campaign) revealed the scale of this problem in the wider community and the difficulties in speaking out. Nor is this just about individual cases: structural discrimination is also a problem across institutions – although it was not captured in this survey. We need to conduct more in-depth qualitative work such as focus group discussions with players to understand more about player experiences, and the real challenges in addressing these issues (2017, p. 49-50)⁴³

Transpondo essa colocação para a realidade brasileira, trazemos alguns exemplos da construção sobre o imaginário do futebol feminino a partir das publicações da Revista Placar.

No Google-Books estão disponibilizadas 808 edições da Revista Placar, publicadas entre os anos de 1970 e 2010. Ao analisarmos as capas da revista ali postadas, encontramos apenas cinco edições na qual a capa tem como assunto principal o futebol feminino e em todas elas as mulheres aparecem em alguma posição e/ou vestimenta com apelo sensual e/ou sexual, sendo que em alguns casos as imagens são reforçadas pelo texto.

Destacamos três dessas capas.

⁴³ Discriminação e assédio são questões muito sérias no jogo das mulheres e dos homens. Embora a discriminação baseada em raça, sexualidade, religião e gênero permeie muitos aspectos no futebol, a discriminação de gênero é particularmente prevalente no futebol feminino. Nossas manchetes globais sobre discriminação e assédio provavelmente são mais baixas do que a realidade vivida por mulheres futebolistas. Isto pode ser devido ao fato de que estes assuntos sensíveis sobre os quais relatar. As revelações, no final de 2017, sobre assédio sexual na indústria do entretenimento, esporte, mídia e política (e a subsequente campanha #MeToo) revelaram a dimensão desse problema na comunidade em geral e as dificuldades em falar. Não se trata apenas de casos individuais: a discriminação estrutural é também um problema entre instituições – embora não tenha sido captada nesta pesquisa. Precisamos conduzir um trabalho qualitativo mais aprofundado, com discussões em grupo com os jogadores, para entender mais sobre as experiências dos jogadores e os desafios reais para lidar com essas questões. Disponível em: <https://presspage-production-content.s3.amazonaws.com/uploads/1369/fifpro-women-15-12-final.pdf> Acesso em: 02 fevereiro 2019.

A primeira⁴⁴ apresenta uma jogadora dentro do vestiário apenas com camiseta, calcinha, chuteira e meião em uma perna e ataduras na outra perna. A segunda⁴⁵ apresenta quatro mulheres, todas de costas, vestindo um micro short e uma blusa colada ao corpo e com a seguinte manchete: “Futebol feminino, as garotas batem um bolão, e até trocam as camisetas ao final do jogo”. A terceira⁴⁶ apresenta quatro mulheres, todas de biquíni e com a seguinte manchete, “GOSTOSA! quem são as deusas do futebol feminino”.

Realizamos também um levantamento de todas as edições da Revista Placar disponíveis no Google-Books, para averiguar o quantitativo de capas que estampam mulheres e encontramos 30 edições que apresentam mulheres na capa, além das cinco já mencionadas.

Dessas 30 capas, apenas três relacionam as mulheres com a modalidade esportiva que praticam. Cinco apresentam as mulheres a partir de seus relacionamentos, casamentos e namoros com atletas masculinos. Uma trás a foto do cineasta José Mojica Marins, vestindo as roupas de seu personagem Zé do Caixão e segurando uma foto da corredora norte-americana Florence Griffith Joyner e as outras 21 edições apresentam as mulheres com o mesmo tom sensual e/ou sexual das capas inicialmente descritas.

Duas dessas capas com apelo sensual/sexual, também estampam imagens de mulheres, sem apelar para este tom. A edição de nº 965⁴⁷ de 02 de dezembro de 1988 trás a foto de Luiza Erundina, que havia vencido a eleição para a prefeitura da cidade de São Paulo, naquele ano, com o seguinte texto: “Por quais times torcem os novos prefeitos” e a edição de nº 967⁴⁸, de 16 de dezembro de 1988 apresenta a foto de uma briga entre jogadoras de basquete com o seguinte texto: “Exclusivo: as fotos do quebra pau no basquete feminino”.

Um levantamento realizado em jornais e revistas de Portugal no mesmo período de algumas das capas acima citadas, apresenta uma situação semelhante

⁴⁴ Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=3VxTL4P3bV4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em 15 de dezembro de 2018.

⁴⁵ Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=dnD_Gfc1lhoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

⁴⁶ Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=wUgNnLN9SjUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

⁴⁷ Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=H8nWX4O5o4YC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

⁴⁸ Disponível em https://books.google.com.br/books?id=ZKU5OxMorlUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

sobre a imagem da mulher apresentada pela revista Placar, sendo que foi revelado em ordem decrescente, “em primeiríssimo lugar, a mulher sedutora; depois, a mulher-mãe e esposa; ao jeito tradicional; por fim, a mulher-objeto, ostentando seu corpo em modos provocantes” (CUNHA, 1995, p. 201).

Continuando a discussão sobre a relação entre masculinidades e futebol, na Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, em um jogo válido pelas oitavas de final, disputado no Estádio do Mineirão, na cidade de Belo Horizonte/MG, entre as seleções brasileira e chilena, o resultado no tempo regular e na prorrogação foi um empate em um a um, levando a partida a ser definida na cobrança de pênaltis.

O capitão da seleção brasileira, naquela Copa, Thiago Silva, antes de iniciar as cobranças dos pênaltis, se distanciou do restante do grupo, sentou em cima de uma bola e foi flagrado chorando.

Parte da imprensa esportiva questionou a capacidade de Thiago Silva de continuar como capitão da seleção brasileira masculina de futebol, por entender aquele choro como um sinal de fraqueza.

Se bem que parte dessa mesma imprensa sequer conseguem entender os gritos homofóbicos deferidos nas arquibancadas como um ato de violência, pois, “eles podem ser lidos como uma prática saudável, o que dá graça, faz parte do futebol. Em outras palavras, esses gritos parecem ser, de algum modo, naturalizados”. (BANDEIRA, 2010, p. 349)

Mourão, Novais e Soares ao estudar as situações e discursos provenientes do choro de Thiago Silva, perceberam que o choro no futebol é ritualizado, sendo que há momentos que ele é permitido, quando os atletas rememora sua trajetória de vida e de superação, porém, em outros momentos o choro deve ser interdito para

não ser confundido com “descontrole”, “covardia”, “medo” ou qualquer conduta que “abale” a virilidade dos atletas, como nos confrontos corporais com outros atletas e demais dinâmicas da modalidade e nos momentos decisivos das partidas – como nas cobranças de pênaltis. (MOURÃO, NOVAIS E SOARES, 2017, p. 06)

Entendemos que os momentos de contenção do choro no futebol equivalem ao pai dizer para o filho que homem não chora.

Poder chorar, até que pode, o que não pode é ter o choro associado à fraqueza pois o homem “fraco” não é benquisto no futebol.

Dentre todos os envolvidos com esse esporte, talvez o que mais sofra com gritos homofóbicos e atos depreciativos, seja o árbitro, pois ele é a “única unanimidade no futebol: todos o odeiam. É vaiado sempre, jamais é aplaudido” (GALEANO, 2013, p. 17).

A relação de um árbitro de futebol com os demais envolvidos com esse esporte em determinados momentos beira a insanidade. Vaias, xingamentos, humilhações, insultos e agressões.

“Ei juiz vai tomar no cu”.

“Bicha, Bicha. Bicha. Biiiiiiiiiiiiichaaaaaaa”.

“Filho da puta. Filho da puta. Filho da puta”.

Esses são alguns gritos e cânticos deferidos em um campo de futebol, não só para os árbitros, mas para todos aqueles que defendem o escudo do time contrário e assim são alçados à categoria do outro.

Das expressões acima destacamos aquela que se refere ao cu, pois, devemos repensar este órgão deixando de associá-lo exclusivamente ao sistema excretor de nosso corpo, uma vez que o ato de tomar no cu, pode expressar dentre inúmeras possibilidades, o prazer.

É preciso que reflitamos, que falemos e que nos encantemos pelo cu.

Não dá para ele carregar a marca do pecado, que os discursos, dos quais destacamos o religioso, tem imposto a ele. Como o ativismo gay tem colocado, “O cu é laico”.

Nos sentimos atravessados por esta questão no decorrer deste estudo, contudo como nosso foco caminha por outro viés, no momento nos ateremos em pontuar que o cu,

cumprir um papel primordial na construção contemporânea da sexualidade, na medida em que está carregado de fortes valorações sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, sobre o que é ser um corpo valorizado e um corpo abjeto, um corpo bicha e um corpo hetero, sobre a definição do masculino e do feminino. (SÁEZ e CARRASCOSA, apud ROSOSTOLATO, 2018, p. 60)

O ato de ser penetrado em uma relação entre homens, tende a ser utilizado como processo para estabelecer quem cumpre o papel de feminino, pelas valorações descritas acima.

Rosa (2010) se referindo a Liotard (2003), nos apresenta que presença de homossexuais nos esportes é percebida, como uma dificuldade, um problema que precisa ser silenciado ou negado.

Acreditamos que vai além, precisa ser massacrada, utilizada para agredir e para subjugar o outro.

Eis que surge então o grito de viado, nos estádios de futebol.

Evidentemente, “viados” são, sempre, os jogadores e os torcedores do time adversário ou, muitas vezes, o bandeirinha ou o juiz que deixou de ver ou de apitar a falta ou o gol que favorece nosso time. A frequência desses gritos parece ter banalizado o insulto. Mas não resta dúvida de que a expressão é usada como insulto... A recorrência do uso da expressão não apaga sua história. Na verdade, a expressão funciona como insulto, porque ela é uma “citação”. Como demonstrou Derrida, para que um enunciado performativo seja bem-sucedido, quer dizer, para que ele “funcione” e produza o que está enunciando, deverá repetir algo que é reconhecível, ele deverá acionar um código, algo que “entendemos”. Essas expressões “funcionam” como insulto precisamente porque “ecoam” histórias de desprezo. (LOURO, 2015, p. 275)

Tais fatores, associados aos demais discutidos até esse momento fazem com que entendamos a “inexistência de revelações gays entre atletas profissionais do futebol brasileiro, maximizam-se as potencialidades dos mecanismos heteronormativos que afastam, silenciam ou punem quaisquer traços de sexualidades dissidentes”. (ROSA, 2010, p. 113)

Se no Brasil, não tivemos ainda um atleta de futebol masculino, que saiu do armário, não podemos dizer o mesmo de nossos personagens, que a partir de agora adentram em nosso palco.

Que as luzes da ribalta iluminem Margaridas.

2.2 – Os árbitros gays do futebol brasileiro e o “sindicato”

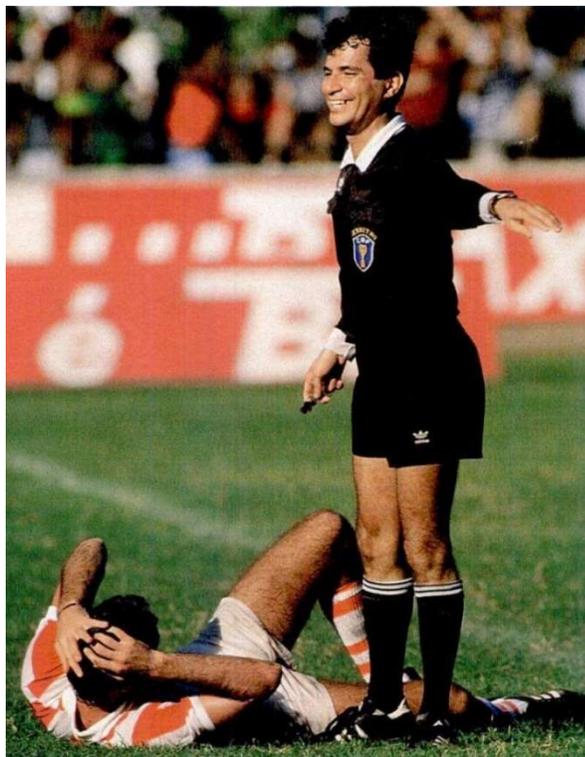
As cortinas de nosso palco continuam abertas e saindo de seus vestiários-camarins, aparece em cena Jorge José Emiliano dos Santos e Clésio Moreira dos Santos.

Ao realizarmos uma analogia do futebol com um espetáculo cênico, inicialmente somos levados a pensar nos jogadores como sendo os personagens principais, mas ao nos depararmos com os Margaridas, árbitros de futebol que

trouxeram o gay para dentro do campo, passamos a tê-los como os personagens principais e não meros figurantes, buscando compreender seus discursos como possíveis geradores de fissuras nas masculinidades predominantes no futebol.

Jorge Emiliano, gay totalmente fora do armário, tornou-se árbitro profissional de futebol, ligado a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1988, no entanto, já era conhecido no meio esportivo desta cidade, pois desde a década de 1960, atuava como árbitro de futebol de areia, onde herdou o apelidado de Margarida.

Figura 1: Jorge José Emiliano dos Santos – Margarida



Fonte: Revista Placar nº 1248, outubro 2002, p 73.

Uma entrevista com Jorge Emiliano em 1988, publicada na Revista Placar pela jornalista Marta Esteves, apresenta o seguinte título: “Margarida. ‘Ser Juiz é tudo’ O controvertido árbitro carioca assume publicamente a condição de homossexual e se transforma na sensação do campeonato” (ESTEVEES, 1988, p. 49).

O fato de termos um gay considerado a “sensação” de um campeonato de futebol não é habitual, não presenciamos esse fato na atualidade, nem sequer temos no futebol brasileiro na atualidade algum jogador ou árbitro assumidamente gay.

Porém, durante as décadas de 1960 e 1970, tivemos dentro dos campos, um outro árbitro, bastante popular que poderia também ser considerado uma sensação.

Estamos falando de Armando Nunes Castanheira da Rosa Marques, o Armandinho como era conhecido no cenário do futebol, a “musa inspiradora”.

Para o ex-árbitro Dulcídio Wanderlei Boschila (1988), existe duas fases na arbitragem brasileira, uma antes e outra após Armando Marques.

Marques foi considerado o melhor árbitro de seu tempo, começou a atuar como árbitro na década de 60 e parou em 1980. Em seguida se tornou instrutor de árbitros da FIFA e entre 1997 e 2005 comandou a Comissão Nacional de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol.

Figura 2: Armando Marques: Armandinho



Fonte: <http://blog.chicomaia.com.br/2014/07/17/armando-marques-morre-sem-explicar-o-motivo-da-anulacao-do-gol-que-daria-o-titulo-de-1974-ao-cruzeiro/>

A expressão “musa inspiradora” para se referir a Armando Marques, foi utilizada por Jorge Emiliano, na entrevista publicada na Revista Placar, acima citada, na qual ele diz o seguinte: “Meu modelo ideal de juiz é Armando Marques. Assisti a várias partidas que ele apitou para observar seus gestos, sua disciplina, a cada trejeito dele eu ficava fascinado. Foi minha musa inspiradora” (MARGARIDA, apud ESTEVES, 1988, p. 51).

Marques possuía tamanho prestígio que chegou a ser apresentador de um programa de auditório, transmitido pela extinta Rede Manchete, onde também foi

comentarista esportivo, além de ser convidado para participar de diversos programas televisivos⁴⁹

Hebe Camargo ao anunciar Armando Marques em um programa de televisão apresentado por ela e convidá-lo para se sentar ao seu lado, chamou-o de vedete.

Mesmo sendo considerado uma referência na arbitragem, Armando Marques recebia críticas por seu trabalho, não era uma unanimidade.

Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas publicadas no jornal O Globo, em outubro de 1968, ao se referir a um lance, no qual Marques deixou de marcar uma falta que resultou na marcação de um gol, escreveu o seguinte: “Ora, o nosso melhor árbitro ganha 12 milhões antigos. É um salário de Walther Moreira Salles. E ninguém entendeu que, tão bem pago, Armando Marques fosse cego, surdo e mudo para a evidência estarrecedora”. (RODRIGUES, 1993, p.135)

Amado por uns, odiado por outros, ele era recebido pela torcida nos estádios aos gritos de “Bicha”, mas declarava que isso não o incomodava, ao contrário: “Eu adorava os gritos de bicha. Era minha marca registrada... Eu estimulei os gritos de bicha, símbolo meu. Imortalizado” (MARQUES apud REZENDE, 1985, p. 35).

No ano de 1971 ele já havia se pronunciado sobre os gritos de “Bicha”, ao dizer: “Tenho o maior respeito pela torcida, não recebo seu coro como insulto. Até já o aceitei como meu grito de guerra. Só fico triste porque esse grito “bicha” já está meio desmoralizado. Agora o coro é utilizado para qualquer juiz por aí”.(MARQUES , apud, HEIZER, 1971, p. 23)

Não cabe a nós declarar se Marques era ou não gay, no entanto, seu posicionamento a respeito do grito ecoado das arquibancadas, chamando-o de bicha, pode ser fundamental na consolidação de um posicionamento contra a homofobia, pois pode criar uma potência discursiva.

A estratégica de ressignificar um termo injurioso pode se mostrar interessante e produtiva e vem sendo utilizada pelos movimentos sociais. Foi o que fez o movimento negro, que se apropriou com orgulho e de modo afirmativo da palavra “negro”, até então empregada para discriminar ou subordinar. (LOURO, 2015, p. 275)

⁴⁹ Alguns programas televisivos que Armando Marques participou estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=FtkAUF74wU0> e <https://www.youtube.com/watch?v=nnjhe3pD2SA>. Acesso em: 01 fevereiro 2019.

Ao ver Marques fazer do xingamento de bicha seu “coro”, entendemos como uma maneira de dizer que não interessa a mais ninguém a não ser a ele mesmo, qual é sua orientação sexual.

Uma edição do programa televisivo Roda Viva, exibido em 11 de janeiro de 1988, no qual o entrevistado foi o já citado, ex-árbitro Dulcídio Wanderley Boschilla, apresenta momentos onde Marques e Jorge Emiliano, Margarida, são citados.

As declarações do entrevistado revelam traços de misoginia e homofobia, impregnados de agressividade e violência.

Oldemário Touguinhó, que era repórter do Jornal do Brasil, de O Estado de S. Paulo, do Jornal da Tarde e da TV Record, faz a seguinte pergunta:

Oldemário Touguinhó: *Como você vê esse caso do machão? O Armando Marques, que nunca foi machão, todo mundo sabe disso, e foi considerado um dos grandes árbitros nossos. E, agora, lá no Rio de Janeiro, estão lançando dois árbitros...*

Dulcídio Wanderley Boschilla: *Gays.*

Oldemário Touguinhó: *...que são sucesso na praia, na segunda divisão. Um deles se chama Margarida e o outro Ofélia.*

Dulcídio Wanderley Boschilla: *Só posso, só posso...*

Oldemário Touguinhó: *Os dois foram defendidas...*

Dulcídio Wanderley Boschilla: *Defendidas? Defendidas?*

Oldemário Touguinhó: *As duas estão sendo defendidas por toda a parte, por torcedor... Todo mundo acha que não tem influência nenhuma o gay apitar o jogo, ele tem que ser bom árbitro. Se ele é gay ou não é gay... Ele foi num programa que eu faço na televisão lá no Rio, lá no [programa] Camisa Nove, e ele explicou: “Eu sou gay depois que acaba o jogo. Na hora do jogo sou durão: errou, expulso. Quem já apitou e quem já trabalhou no jogo comigo sabe quem eu sou.” Como é que você está vendo essa situação?*

Dulcídio Wanderley Boschilla: *Ainda bem que eu estou parando, meu Deus!... Existem duas fases que eu conheço na arbitragem: uma antes do Armando e outra após o Armando Marques... O Armando veio e valorizou o profissional. O Armando dizia: “Quanto mais ladrões tiverem na arbitragem melhor para mim.” Armando dizia isso para quem quisesse ouvir. Então o Armando valorizou e muito a arbitragem. Agora, com referência a esse tipo de coisa...*

A entrevista prossegue e Touguinhó, pergunta:

Oldemário Touguinhó: *Eu quero que você me diga desses dois, o que você acha desses dois, o Ofélio e o Margarida?*

Dulcídio Wanderley Boschilla: *Primeiro lugar eu acho que cada um dá o que tem. [OldemárioTouguinhó ri]*

Silvio Luiz: *Alemão, e mulher apitando?*

Dulcídio Wanderley Boschilla: *Em segundo lugar... - [dirigindo-se a Silvio Luiz] espera um pouco. Como hoje está tão difícil o cara ser homem, que me desculpem as meninas, mas hoje homem é artigo de luxo. Hoje homem é artigo de luxo, eu juro por Deus.*

Flávio Adauto: *Dulcídio, eu ainda prefiro mulher.*

Dulcídio Wanderley Boschilla: Mas homem hoje é artigo de luxo, não está tendo homem. Os caras estão indo para bi, para tri, para vi, para mi e para não sei o que lá. Homem que é bom de fato e de direito está em falta.

[...]: Você é preconceituoso, Dulcídio?

Dulcídio Wanderley Boschilla: Eu não, não tenho preconceito, mas se eu tivesse um filho [assim] já teria sido assassinado. Em outros casos não tenho preconceito nenhum.

Oldemário Touguinhó: Margarida não tem condições de apitar?

Augusto Nunes: Se fosse filho dele seria assassinado.

Dulcídio Wanderley Boschilla: Eu estou falando em tom de gozação, porque eu não posso ir contra a natureza ou a cabeça do cara. Se eu tivesse um filho, se eu tivesse uma filha ou coisa que o valha que tivesse se desvirtuado na vida, eu pediria a Deus que me castigasse, mas que não fizesse isso com meus filhos.

Juca Kfourí: Dulcídio, você prefere ter um filho gay ou árbitro de futebol?

Dulcídio Wanderley Boschilla: Nenhum dos dois.

Silvío Luiz: E mulher apitando futebol?

Augusto Nunes: Essa é a pergunta feita por vários telespectadores.

Dulcídio Wanderley Boschilla: Mulher apitando futebol para futebol feminino, que teria de ser implantado no Brasil, como em todo o mundo. Eu não conheço a Europa, vocês conhecem, na Europa tem campeonatos europeus de futebol feminino. (RODA VIVA, 1988, grifus nosso)⁵⁰

Um outro árbitro que cabe destaque em nossas reflexões é Roberto Nunes Morgado, que com 1,71m de altura e 59Kg, ganhou o apelido de Pantera Cor de Rosa.

Figura 3: Roberto Nunes Morgado – O Pantera Cor de Rosa



Fonte: <https://tardesdepacaembu.wordpress.com/tag/roberto-nunes-morgado/>

Ele atuou profissionalmente entre os anos de 1969 e 1987 e teve uma carreira conturbada, envolvendo polêmicas em campo e passagens por clínicas psiquiátricas.

⁵⁰ A entrevista com Dulcídio Wanderley Boschilla, para o Programa Roda Viva, na íntegra, está disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/485/entrevistados/dulcidio_wanderley_boschilla_1988.htm. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

Roberto Nunes Morgado também teve Armando Marques como ídolo se inspirou nele para atuar como árbitro.

De acordo com reportagem na Revista Placar de 09 de dezembro de 1988, ele era homossexual assumido, no entanto, o assunto principal da matéria desta edição da revista é a notícia da internação de Morgado em decorrência do vírus da Aids. O título da matéria é o seguinte: “O drama de um aidético” (OGAWA, 1988, p. 24).

Além de trazer uma matéria abordando o assunto a revista apresenta na capa uma foto dele com o seguinte texto, “Exclusivo: AIDS. O drama de Morgado”.

Passados mais de 30 anos da edição dessa revista, a proposta de estampar a capa da revista o tema da Aids, demonstrando na matéria o sofrimento pelo qual passava Morgado, em um momento de descobertas com relação a uma doença recém surgida e que estigmatizou toda a comunidade LGBTQIA+, é por nós compreendido como uma atitude sensacionalista que visava a espetacularização.

Cremilda Medina (2008) apresenta uma classificação sintética, sobre a formulação e condução de entrevistas na comunicação, dividindo-as entre as que tem o objetivo de espetacularizar e aquelas que esboçam a intenção de compreender.

A espetacularização vai bem na terceira pessoa, porque em geral é construída de forma artificial através de “liberdades” opinativas do jornalista, que atribui qualificações, cacoetes, idiosincrasias ao entrevistado, segundo os modismos vigentes. Se o chique for falar das bolinhas da gravata, fala-se das bolinhas... Se os ditames do mercado voltado para o sensacionalismo exigirem pitadinhas de vida sexual, contam-se algumas fofocas. E assim por diante (MEDINA, 2008, p. 57)

Louro, ao se referir a Aids, aponta duas vertentes deflagradas pela doença, sendo uma que reforça a homofobia e outra surge com um impacto “positivo”,

Apresentada, inicialmente, como o “câncer gay”, a doença teve o efeito imediato de renovar a homofobia latente da sociedade, intensificando a discriminação já demonstrada por certos setores sociais. A intolerância, o desprezo e a exclusão – aparentemente abrandados pela ação da militância homossexual – mostravam-se mais uma vez intensos e exacerbados. Simultaneamente, a doença também teve um impacto que alguns denominaram de “positivo”, na medida em que provocou o surgimento de redes de solidariedade. (LOURO, 2016, p. 216)

A autora também apresenta um depoimento de João Silvério Trevisan, destacando o que poderíamos ver como “positivo” ou como um paradoxo gerado a partir do surgimento da Aids.

o vírus da AIDS realizou em alguns anos uma proeza que nem o mais bem-intencionado movimento pelos direitos homossexuais teria conseguido, em muitas décadas: deixar evidente à sociedade que homossexual existe e não é o outro, no sentido de um continente à parte, mas está muito próximo de qualquer cidadão comum, talvez ao meu lado e - isto é importante! - dentro de cada um de nós, pelo menos enquanto virtualidade (TREVISAN apud LOURO, 2016, p. 217)

Jeffrey Weeks apresenta um posicionamento com uma visão negativa com relação à Aids, se referindo a população LGBTQIA+ e negra, ao dizer que

O fato de que as primeiras pessoas no mundo ocidental identificadas como portadoras de AIDS fossem homens gays marcou profundamente as respostas à crise da saúde, levando a uma estigmatização geral das pessoas com a síndrome. A AIDS serviu para cristalizar um conjunto de ansiedades sobre mudanças no comportamento sexual, as quais, desde 1960, se focalizavam no crescimento de uma consciência gay auto-afirmativa... Da mesma forma que os homens gays, especialmente nos Estados Unidos, as pessoas negras eram vistas como uma fonte potencial de “poluição” - elas também estavam fortemente ligadas ao novo vírus. Tanto a diversidade sexual quanto a racial eram vistas como uma ameaça aos valores hegemônicos das sociedades modernas (WEEKS, 2010, p. 79)

Analisamos que os valores hegemônicos citados por Weeks, fazem o Brasil ter a cada 20 horas uma vítima de homolebotransfobia, conforme relatório divulgado em 2018 pelo Grupo Gay da Bahia, já citado. Valores hegemônicos que colocam os homens em situação de superioridade em relação as mulheres e que reforçam hierarquias de um tipo de masculinidade em detrimento de outras. Valores hegemônicos que fazem um entrevistado de um programa televisivo dizer que se tivesse um filho gay já o teria assassinado ou que mulher tem que apitar jogo de mulher. Valores hegemônicos sustentados por atitudes provenientes de uma masculinidade tóxica.

E Margarida, onde está nesse momento?

Assim como Armando Marques, Margarida foi árbitro profissional de futebol e ambos chamavam a atenção por seus trejeitos corporais em campo. Assim como Roberto Nunes Morgado, Margarida veio a falecer em decorrência da Aids.

No entanto, o que acreditamos fazer de Jorge Emiliano, o Margarida, a sensação do campeonato e nossa intenção em torná-lo personagem principal de nossa pesquisa, está em seu posicionamento.

Em entrevista para uma emissora de televisão, após sua estreia como árbitro profissional, ainda nos vestiários, ele deu a seguinte declaração:

É muito difícil você num país preconceituoso como o nosso, assumir certos posicionamentos e conseguir vencer. Eu acredito que com essa arbitragem eu deva ter dado uma resposta àqueles que diziam que tem uns lugares que a bicha não pode apitar. (MARGARIDA, 1988)⁵¹

Armando Marques fez do termo “bicha” seu coro, Margarida fez dele uma potência discursiva.

Ao dizer em sua estreia como árbitro profissional, que a sua arbitragem era uma resposta para aqueles que diziam que em certos lugares a bicha não poderia apitar, Jorge Emiliano busca sair da margem se colocando ao centro, ressignificando o termo bicha e potencializando um discurso, que deixa de ser uma injúria e passa a ser uma afirmação.

Somos levados a compreender que este deslocamento foi impulsionado por uma coletividade, que ficou conhecida dentro do ambiente futebolístico como o “Sindicato”.

Dentre muitas expressões que surgiram no futebol brasileiro, uma delas é afirmar ou perguntar se alguém é gay, ao se referir a esta pessoa como um membro do sindicato.

Em entrevista para a Revista Placar publicada em 25 de março de 1988, ao ser questionado por que resolveu assumir publicamente sua homossexualidade, Jorge Emiliano respondeu: “Porque não sou hipócrita como muitos. Faço de minha vida o que bem quero” (p. 50). Mais à frente quando perguntado o porquê de ter sido escalado para trabalhar em um jogo juntamente com Bianca⁵², Robson de Oliveira (o Gazela) e Reinaldo Barros (o Pinah) todos árbitros e auxiliares tidos como homossexuais, Jorge Emiliano responde: “Acho que isso foi uma brincadeira para reunir todo o sindicato” (MARGARIDA, apud, ESTEVES, 1988, p.50).

⁵¹ Trecho de entrevista para uma emissora de televisão, logo após sua estreia como árbitro profissional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wGpaRFiQXlc>. Acesso em: 20 outubro 2018.

⁵²Bianca era o apelido de Valter Sena, árbitro e bandeirinha gay, amigo de Jorge Emiliano (Margarida).

Novamente vemos Margarida empenhado em potencializar uma expressão homofóbica, que originalmente foi constituída para colocar os gays pertencentes ao universo do futebol em uma espécie de gueto, um sindicato.

A existência de um “sindicato” se por um lado atua segregando, por outro pode ser fundamental, podendo contribuir com laços de amizade entre os árbitros gays, visto que “os amigos homossexuais são uma fonte de afecto e apoio na sociedade heteronormativa, mas são, também, o ‘outro eu’... aqueles com quem poderemos ser autênticos e verdadeiros conosco e com o outro” (VIEIRA, 2010, p.10).

Breiller Pires publicou uma matéria na internet, em 2016, que abordava como a homofobia no alto escalão do futebol brasileiro impedia árbitros e bandeirinhas de trabalharem. Além das colocações de Pires, a matéria apresenta depoimentos de Sérgio Cenedezi, ex-auxiliar de arbitragem.

Margarida foi o primeiro a se declarar. Peitou o então manda chuva da Comissão de Arbitragem, João Ellis Filho, que chegou a dizer que, enquanto fosse presidente, nenhum juiz homossexual apitaria jogos. Em sua defesa, Margarida era enfático: "Antes ser lembrado como um juiz bicha do que como um juiz desonesto". Surgia ali o sindicato... Naquela época tinha mais gay do que hétero no quadro de árbitros (CENEDEZI, apud, PIRES, 2016)⁵³.

O deslocamento das margens ao centro que acreditamos ter sido um caminho trilhado por Jorge Emiliano, não é um percurso plácido quando o centro é dominado e defendido pela heteronormatividade.

Bicha, veado, filho da puta, se tivesse um filho gay eu assassinava, são expressões que marcam e buscam silenciar gays, lésbicas e trans e o futebol como um esporte de alto poder de penetração na sociedade, assume características colocadas por ela como a predominância de uma masculinidade que só reconhece o masculino como espelho do macho-machista-machão, o “macho escroto”⁵⁴.

Nessa perspectiva, corpos como do Margarida, dentre outros que buscaram e buscam viver não pautados pelas normas de gênero, foram e são marcados, tendo como resultado a sustentação e ampliação do armário gay no futebol, assim como em toda sociedade.

⁵³ Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/z4b7y9/sindicato-secreto-arbitros-gays. Acesso em: 08 abril 2018

⁵⁴ O termo macho escroto foi colocado por um dos membros de minha banca de qualificação. Utilizo para me referir aos homens que referenciados pela masculinidade hegemônica, vivenciam sua masculinidade impregnada de toxicidade.

Para fechar nossas reflexões a partir dos árbitros gays no futebol brasileiro, trazemos ao palco um personagem que saiu do armário sem nunca ter estado dentro dele.

Falamos de Clésio Moreira dos Santos, que em 1989 começou a atuar como árbitro auxiliar, conhecido popularmente como bandeirinha. No ano de 1994 se tornou árbitro principal.

Em entrevista ao programa “De frente com Gabi”⁵⁵, ele se declara heterossexual, casado com uma mulher e pai de três filhos. No entanto, Clésio ganhou notoriedade dentro do futebol ao criar um personagem gay para atuar como árbitro, passando a ser chamado também pelo apelido de Margarida.

Em entrevista postada na internet, ele dá a seguinte explicação sobre a origem de seu personagem.

Esse personagem surgiu a partir de 1998, 1999. Muitos confundem o Margarida catarinense, dizendo que é um imitador do Margarida carioca. Eu posso garantir a vocês que nada tem a ver o Margarida catarinense com o Margarida do Rio de Janeiro. Até é engraçado, porque o apelido de Margarida, que eu recebi, foi de um companheiro da imprensa, hoje ele é do departamento de comunicação do Avaí, Gastão Dubois, que trabalhou na imprensa do Rio, e quando veio pra Santa Catarina ele me achou parecido fisicamente com o Jorge Emiliano. Aí ele começou a dizer: “tu é parecido com o Margarida”. Começou a rotular isso na imprensa, na época, e pegou. Eu comecei a gostar porque eu comecei a ver vídeos de árbitros folclóricos do futebol brasileiro, como Jorge Emiliano, como o próprio Armando Marques, como o Carlos Valdir Henze, de Santa Catarina, o Morgadinho, de São Paulo. São árbitros folclóricos, pitorescos, cheios de trejeitos, e eu comecei a gostar daquilo. Então eu comecei a botar na cabeça e em prática esses trejeitos dentro de futebol amador, dentro de peladas de fim de semana, de amigos, quando não era escalado pela federação, quando era da Segunda Divisão, quando era o campeonato Catarinense de Juniores, e eu via que aquilo chamava a atenção do público. (Clésio Moreira dos Santos, 2018)⁵⁶

Começamos justamente pelo fim dessa resposta onde Clésio Moreira, diz que o seu estilo de apitar chamava a atenção do público.

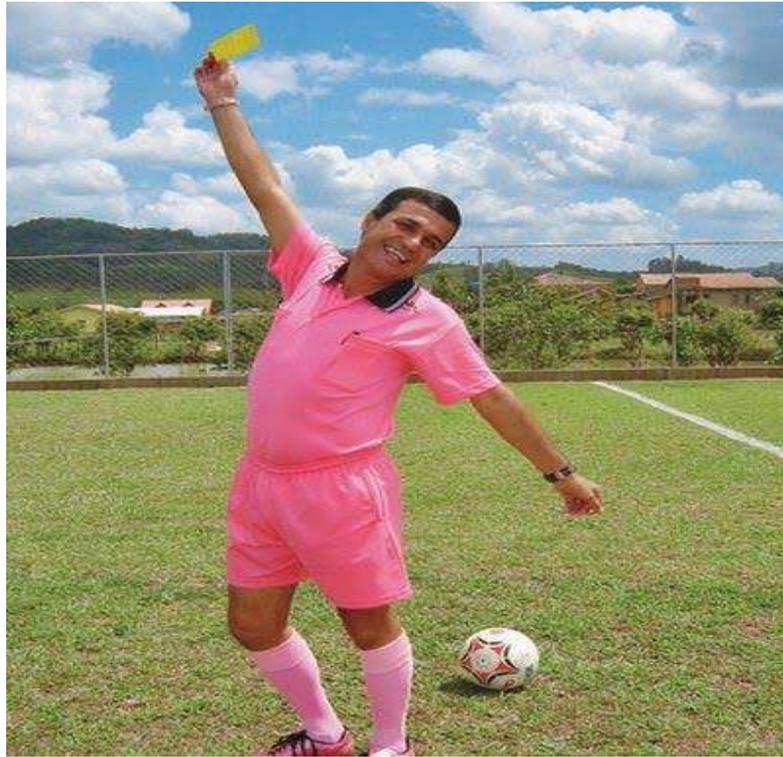
Seu estilo pode se traduzir em gestos e movimentos estereotipados que remetem aos gays afeminados, buscando provocar o riso nas pessoas que assistiam aos jogos que ele apitava. Com movimentos mais exagerados do que os demais árbitros aqui citados, Clésio Moreira, ao criar um personagem caricatural do gay

⁵⁵A entrevista de Clésio Moreira dos Santos, no programa de Frente com Gabi está disponível no Youtube e foi dividida em 04 blocos: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFB3o-gXp0&t=1s>, <https://www.youtube.com/watch?v=ql-F09NTZgw>, <https://www.youtube.com/watch?v=MsAEZBPsQYE>, <https://www.youtube.com/watch?v=CHevWCHAlgY>. Acesso em: 20 outubro 2017.

⁵⁶Disponível em: <http://www.velhosamigos.com.br/publicacao/que-saudade/arbitro-margarida> Acesso em: 10 setembro 2018.

afeminado, acaba por colocar sobre o foco do riso, não apenas os gays, mas também as mulheres, pois o que provoca o riso são os padrões impostos pela sociedade de um corpo feminino no corpo masculino.

Figura 3: Clésio Moreira dos Santos - Margarida 2



Fonte: <https://www.petrolandia.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/19904/codNoticia/200275>

Uma das características de Clésio Moreira, que passaremos a nos referir como Margarida 2, em relação aos outros árbitros, consistia no ato de deslocar em campo utilizando a marcha reversa, conhecida popularmente como correr de costas, denominado por ele como “passo da gazela”.

Outro diferencial de Margarida 2, consiste em utilizar um uniforme todo cor de rosa. Ele inclusive se declara o introdutor da cor rosa no futebol masculino e passou a usar essa cor como marca de sua performance, pois sempre está vestido de rosa, seja em entrevistas realizadas em campos de futebol ou em estúdios de emissoras de televisão.

Porém, este uniforme só foi utilizado por ele nos jogos amadores, pois em partidas oficiais a regra não permite aos árbitros a utilização dessa cor, mas permite aos times, sendo que alguns já usaram em jogos oficiais⁵⁷.

Sua performance rechaça o feminino no corpo masculino, e devemos sempre ter em mente que enquanto as pessoas riem de seu personagem gay afeminado nos estádios e campos de futebol, mulheres e gays estão sendo violentados e assassinados nas ruas deste país.

Na entrevista ao programa televisivo já mencionado, quando indagado se, além de defender o Margarida como um personagem, ele defende a orientação sexual do Margarida, ele responde que “não”.

A entrevistadora insiste no assunto dizendo que essa seria uma oportunidade para acabar com preconceitos e pergunta o que ele diz para seus filhos quando vai atuar como árbitro, a resposta apresenta é que o que ele faz dentro de campo é puro teatro para levar alegria ao torcedor.

Algumas vezes, paródias de gênero ou outras práticas que desnaturalizam a heterossexualidade podem ser “domesticadas” de tal forma que acabam perdendo seu potencial subversivo. Não são poucos os filmes, as novelas e os shows que seguem esse tom e se prestam mais ao que Butler chama de “entretenimento hetero de luxo” do que a ensaios de subversão. Nesses casos, as fronteiras de sexo e gênero, as fronteiras entre identidades hetero e não-hetero parecem ficar inalteradas, sendo, talvez, até reforçadas. (LOURO, 2015, p. 277)

Acreditamos que Margarida 2, provoca uma negação de determinados corpos, corpos que não se conformam com as normas de gênero e não se orientam pela matriz de inteligibilidade de gênero, corpos que se tornaram abjetos.

⁵⁷ Consultar: <https://esportes.r7.com/futebol/fotos/nao-e-coisa-de-mulher-conheca-os-times-que-ja-tiveram-cor-de-rosa-em-seus-uniformes-05032016#!/foto/1>, <https://www.portalt5.com.br/noticias/esportes/2019/1/174599-veja-quais-times-de-futebol-ja-aderiram-ao-uniforme-cor-de-rosa>, <https://esportefera.com.br/galerias/futebol,cor-de-menina-relembre-camisas-rosa-de-grandes-times-de-futebol,39054>

3 UMA PLATEIA RETORCIDA

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar.

Paulo Freire

Era uma tarde de domingo. Uma macarronada com frango assado foi servida, acompanhada por uma garrafa de Coca-Cola, que naquela época era consumida apenas em refeições especiais, não por questões anti-imperialista e muito menos por cuidados com a saúde, mas porque a situação financeira só permitia o consumo de refrigerante em ocasiões especiais, e aquele domingo era um.

Nosso pai estava presente à mesa, fato que nem sempre ocorria aos domingos em virtude de sua profissão. Após o almoço enquanto jiboiávamos⁵⁸, ele sem dizer onde iríamos me chamou para passear. Imediatamente pulei do sofá e fui colocar meu tênis.

Ao chegamos ao destino meus olhos se inebriaram com a proporção do local onde adentraria pela primeira vez. Estávamos diante de um estádio de futebol, mais especificamente em frente ao Estádio Serra Dourada⁵⁹, e assim que entramos me emocionei ao ver o campo de futebol com um gramado verde cintilante.

“Nascia” ali um torcedor. Nascia talvez seja um apelo literário, digamos que eu começava a herdar a filiação futebolística de meu pai.

O ato de torcer para um time de futebol pode ser comparado ao ato de um apreciador de artes cênicas. Ambos se constituem como público que se desloca de casa e/ou trabalho até um determinado local para assistir a realização de um espetáculo, uma performance, um ritual. Mas o torcedor possui um vínculo afetivo com o seu time-clube, um pertencimento afetivo e social que demanda lealdade.

Daquele dia em diante, fui inúmeras vezes com meu pai assistir jogos em estádios e o trajeto de ida e volta cumpria uma rotina ritualizada, sendo que sempre finalizávamos nossa ida ao estádio, na companhia dos amigos de meu pai em algum bar, onde eles tomariam algumas cervejas, estava ali instalada a pós- liminaridade dos jogos de futebol das tardes de domingo.

⁵⁸ O ato de jiboiar consiste em digerir lentamente uma refeição, repousar.

⁵⁹ Estádio de futebol situado na cidade de Goiânia-GO, inaugurado no ano de 1975.

Eu ficava sentado no canto da mesa, geralmente com um picolé ou um refrigerante entre a mão e a boca. Ouvia, sem me interessar, as conversas dos adultos, mesmo porque não tinha outra opção, talvez se estivéssemos vivendo essa situação nos dias de hoje, meu pai me cederia seu celular.

Tais conversas se resumiam a dois assuntos: futebol e mulheres.

As conversas de futebol eu até tentava compreender, afinal acabávamos de vir de um estádio, mas quando o assunto eram as mulheres eu ficava sem entender porque sempre este assunto aparecia na conversa, sendo que, praticamente todo trajeto casa-estádio-bar-casa, era realizado exclusivamente na presença de homens.

Naquela época não me interessava saber o porquê de sempre escutar piadas e insinuações sobre mulheres e nunca elas estarem presente, aliás a presença delas em estádios de futebol ainda pode ser considerada pequena.

Campos, aponta que foram abertas concessões para que as mães, esposas, namoradas e filhas frequentassem os estádios, desde que acompanhadas pelos homens, visto que, a entrada das mulheres nesse espaço, “não foi marcada pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelece na sociedade”. (CAMPOS, apud SILVA JÚNIOR, 2016, p. 15)

Para as mulheres que desejam estar inseridas no universo futebolístico como torcedoras, o que temos presenciado é a necessidade de terem que demonstrar um comportamento esperado pelos homens, com atitudes que geralmente ganham espaço naquele ambiente, banalizando o ato de torcer, com palavrões que se naturalizam.

Poderíamos refletir sobre o estado liminar em um estádio de futebol como participante de fortalecimento de agressões e preconceitos, ao associar a violência nos estádios como parte da “cultura do jogo”, na qual, a ausência de comportamentos reconhecidos de uma específica masculinidade representa uma falta de virtude e até mesmo um desvio de caráter, “os xingamentos e associações à homossexualidade e à feminilidade soam como ofensas para desqualificação do outro, conformando um cenário de rivalidades em que tais expressões são entendidas como parte da ‘cultura do jogo’”. (PINTO e BERGAMIN, 2014, p. 04)

Bandeira (2010) ao delimitar um currículo para as masculinidades nos estádios de futebol e sistematizou em quatro conteúdos, a) Raça, garra e luta, b) Violência e socialização, c) Um amor de macho e d) Masculinidades subalternas. Sobre este último conteúdo, o autor nos diz que,

é na masculinidade da *outra torcida* que a *nossa* garante a sua supremacia. Nesse contexto de produção da identidade de forma tão binária, é com base na masculinidade inadequada deles que garantimos a *normalidade* da nossa. Somos mais homens porque eles são “putos” e “cagões”. (BANDEIRA 2010, p. 350)

Como em uma partida de futebol, geralmente temos duas torcidas e elas se relacionam subalternizando suas masculinidades, as arquibancadas se tornam o reino da homofobia, pois ambos os lados travam uma batalha a partir da masculinidade que está do outro lado.

No entanto, as arquibancadas brasileiras já foram frequentadas por torcidas gays⁶⁰, que reivindicaram a possibilidade de torcer e *performar* nesse espaço heteronormativo.

Como nosso jogo vem de história em história, de conto em conto, de gol em gol, antes de dialogarmos com o grupo focal a respeito de Margarida, apresentamos a Coligay, torcida gay do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Performando e agitando as arquibancadas dos estádios onde o time do grêmio de Porto Alegre jogava, a Coligay penetrou, ou como acharem melhor, ela frequentou um espaço público amplamente regido pelas normas de gênero, propondo o reconhecimento ao direito de estarem ali.

As normas de gênero estão profundamente relacionadas a como e de que maneiras nós podemos aparecer no espaço público; a como e de que maneiras o público e o privado são diferenciados, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual; quem será criminalizada com base na aparência pública... quem não conseguirá proteção pela lei, ou, mais especificamente, pela polícia, na rua, ou no emprego, ou em casa – em códigos legais ou instituições religiosas. (BUTLER, 2016, p. 34)

Silva Júnior analisa que o ato de torcer é fruto, dentre outras questões, de uma educação viril. No entanto, a presença de uma torcida gay pode distorcer e retorcer o espaço de uma arquibancada impregnada pela virilidade, se tornando “uma torcida que destoa, incomoda, desequilibra a imagem “reta” do torcedor”. (SILVA JÚNIOR, 2016, p. 11)

⁶⁰ No mesmo período tem o registro de outras torcidas organizadas gays, como a Fla-gay, Raposetes Independentes, que representavam o Cruzeiro Esporte Clube de Belo Horizonte-MG, porém, a Coligay e a Fla-Gay foram as de maior representatividade.

Criada em plena ditadura militar, a sua trajetória foi marcada por hostilidades e conflitos. Contudo, “além de mostrar que gays poderiam gostar e fazer parte do contexto futebolístico, havia também a consciência de que estava em jogo a conquista de mais um espaço de visibilidade pública de corpos e subjetividades consideradas dissonantes, abjetas” (PINTO, 2018, p. 109).

O jornal alternativo *Lampião da Esquina*, importante e atuante periódico inserido no ativismo gay brasileiro, contemporâneo da *Coligay*, publicou uma espécie de pedido de desculpas para ela, reconhecendo-a como um dos grupos pioneiros do movimento gay brasileiro

Viva o Auê, viva o Somos/RJ, viva o Gols ABC, viva o bando de cá/Niterói, viva o GGB Bahia, viva todos os demais da nossa lista do 'Escolha seu grupo' e viva, também, o que acaba de entrar na lista, o *Coligay*, que surgiu antes dos outros, mas que tinha sido, até aqui (pedimos desculpas pelo nosso preconceito), esnobado por todos nós: comparados com certos ativistas homossexuais que se escondem debaixo da mesa quando vêem um fotógrafo, ou que só se apresentam em recintos fechados e sob pseudônimo, vocês, turma da *Coligay*, que desfaldam suas bandeiras em estádios ocupados por mais de 80 mil pessoas, são verdadeiros Panteras Negras. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, n. 31, p. 12, apud ROSA, 2010, p. 165)

O pedido de desculpas está relacionado ao fato do mesmo jornal ter classificado em sua edição de número 03, as atitudes da *Coligay*, como incapazes de questionar a ordem que desqualificava os homossexuais, servindo para entreter os demais torcedores nos estádios.

Os componentes do grupo, ao unirem-se pela identidade dos gestos afetados, dos requebros e do agressivo exibicionismo, representam exatamente o papel que a eles atribuem os machões, o de bichas efeminadas e escandalosas... Sem se darem conta, atuam como machistas, pois introjetaram os estereótipos da nossa sociedade, que erradamente – e de má-fé – identifica homossexualidade com efeminação. Ao aceitarem, felizes, convites para exibirem-se pelo interior, mostram que se acham prontos a servir de palhaço a machistas basbaques desejosos de conhecer as novidades da capital. Ao uniformizarem-se e ao serem treinados, para manterem-se obedientes e diferenciados, levam separação ao paroxismo. Os amplos cafetãs trazem-me à memória o triângulo rosa que os nazistas pregavam nas batatas dos homossexuais encarcerados em campos-de-concentração. (sic)(João, Antônio Mascarenhas, “Noticiário Esportivo (2)”, LAMPPIÃO, n. 03, p. 05, apud ROSA, 2010, p. 161-162)

Cabe refletir se Margarida 2, assim como a Coligay, reforçavam estereótipos ou “transformavam o torcer, pluralizavam o conceito de torcidas organizadas, assombravam a heteronormatividade em um dos seus ninhos mais profícuos e protegidos” (ROSA, 2010, p. 172).

Na esteira do tempo, avanços e retrocessos colidem.

Temos visto um ressurgir dessas torcidas, porém, elas estão se articulando e torcendo através de ambientes virtuais, visto que, teoricamente, nesses espaços pelo ao menos fisicamente, possuem uma proteção.

Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Grêmio Queer, Queerlorado, entre outras, são comunidades resultantes da articulação de torcedores, que produzem e divulgam conteúdos com o propósito de colocar em xeque a ideia tão propalada de que futebol é “coisa pra macho”, reivindicando o reconhecimento da participação de homossexuais e mulheres, figuras historicamente segregadas de práticas que dão sentido ao esporte, como o jogar e o torcer. Essas páginas são curtidas e acompanhadas por milhares de pessoas. (PINTO e BERGAMIN, 2014, p. 02)

Entendemos que dentro ou fora dos estádios, tais torcidas tencionaram e tencionam as normas de gênero, servindo como um canal de debate para revermos e refletirmos sobre preconceitos, violências e agressões, contribuindo assim para vislumbrarmos possíveis mudanças dentro do movimento esportivo, do futebol mais especificamente, podendo torna-lo uma prática menos excludente e quem sabe vencendo o jogo contra a misoginia e homofobia.

Entra em campo o grupo focal

3.1 Uma plateia para Margaridas

Para fecharmos a tríade teatral que propusemos seguir para a realização deste trabalho, realizamos um Grupo Focal - GF, no qual os participantes se constituíram em nossa plateia, um torcedor/plateia.

Doze homens com idade superior a quarenta anos sendo seis heterossexuais e seis gays, todos com alguma relação profissional com o teatro, foram convidados e aceitaram participar.

A idade mínima de quarenta anos foi estipulada, com o objetivo de que os participantes, tivessem no mínimo dez anos de idade, quando Jorge Emiliano, Margarida 1, tornou-se árbitro profissional, pois nos interessava acessar suas lembranças e memórias, visto que, “a opção pela memória se dá porque o que interessa são situações vividas que, embora possam parecer insignificantes à primeira vista, após a análise, poderão se mostrar plenas de significados (BERNARDO, 1998, p. 29).

Com relação a todos atuarem profissionalmente com o teatro, primeiramente se explica pela aproximação com a estrutura da dissertação que se apoia na tríade teatral palco, ator e plateia, e também porque acreditamos que o universo das artes possibilita uma vivência em torno das masculinidades, para além do conceito de masculinidade hegemônica.

Não estamos declarando que todos os envolvidos com o universo das artes e especificamente com as artes cênicas, vivenciam suas masculinidades indiferentes a este conceito, no entanto, avaliamos que vemos uma abertura para repensar e aceitar outras masculinidades nos profissionais que atuam neste campo.

Considerando o argumento de Bosi (1994), de que a memória do indivíduo “depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (p. 54), temos todos os participantes do grupo focal envolvidos com o teatro, nos propiciou aprofundarmos o debate em torno do futebol e suas masculinidades.

A organização para realização do GF, foi viabilizada da seguinte forma.

Oferecemos aos participantes três opções de datas e optamos pela que tivemos o maior número de confirmação, totalizando oito, sendo quatro heterossexuais e quatro gays.

Para a pesquisa a relevância de termos homens de orientações sexuais diferentes participando do GF, foi fundamental, para observarmos os pontos conflitantes e concordantes em seus pontos de vista.

Porém, no dia da realização do GF, aproximadamente duas horas antes do horário definido, três participantes desmarcaram via mensagens pelo grupo de whatsapp⁶¹

⁶¹ Aplicativo de mensagens instantâneas e de chamada de voz para smartphones.

criado especificamente para nossa comunicação, alegando imprevistos que surgiram em seus locais de trabalho.

O GF foi realizado na Oficina Cultural Geppetto, situada na rua 1013 no setor Pedro Ludovico, bairro tradicional da cidade de Goiânia. A escolha deste local foi por ele atender as condições técnicas e de estrutura que necessitávamos, além, de ser de fácil acesso para todos os participantes.

O horário marcado para o início das discussões foi às 15h, do dia 04 de novembro de 2019. No entanto, iniciamos às 15h e 15min, pois esperamos todos chegarem.

A duração do GF foi de 1h e 58min, sendo finalizado às 17h e 13 min.

Todos os cinco participantes, autorizaram a divulgação de seus nomes na pesquisa. Porém, optamos por não identificar nominalmente, passando a partir de agora a denomina-los como interlocutores.

Logo no início foi explicado para eles o teor da pesquisa e seus direitos, reforçando ainda que tais direitos e demais esclarecimentos constavam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, que eles receberam assinaram e nos devolveram ao final.

Durante a realização do GF foi capturado imagens dos participantes em fotografia digital. Também foi captado o áudio do debate em formato digital. Esse material, juntamente com o TCLE, ficará arquivado sobre responsabilidade do autor desta pesquisa e após o decorrer de cinco anos será destruído.

Destacamos também que a realização do GF foi autorizado, pelo Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, e que a pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil com o título, "Apareceu o Margarida: estudo da performances de árbitros de futebol", porém, no decorrer do processo modificamos o título.

Bosi (1994), aponta que a memória "é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão" (p. 39).

Nosso cabedal aflorou antes mesmo de iniciarmos o GF, pois enquanto aguardávamos o último interlocutor, um dos que estava presente, nos perguntou se conhecíamos uma música gravada pelo Ney Matogrosso, que abordava a mesma temática.

Ele nos relatou que a música apresenta como personagem, o diretor de uma multinacional que resolve ir em um estádio pela primeira vez e no momento de comemoração de um gol, um outro homem, o abraça e o beija, “é uma música super legal que o Ney gravou, que fala sobre essa relação sobre a torcida, que todo mundo lá na hora se solta e vive um momento feliz da vida” (INTERLOCUTOR 1)

A música referida, se chama “Johny Pirou” e é uma paródia da música “Johny Be Good” composta por Chuck Berry. A letra encontra-se no anexo E, e traz os conceitos de liminaridades e masculinidades, discutidos neste trabalho e do racismo que intersecciona nossas reflexões.

No momento que o último interlocutor chegou ao local marcado, iniciamos o GF, apresentando mais especificamente a temática da pesquisa e dizendo que eles se caracterizavam como nossa plateia/torcida. Uma plateia para Margarida.

Em seguida foi exibido dois vídeos⁶², sendo o primeiro uma montagem com imagens de Margarida 2, enquanto atuava como árbitro profissional e o outro uma matéria de um programa de televisão referente ao primeiro jogo profissional que Jorge Emiliano dos Santos, Margarida 1, atuou como árbitro profissional.

Iniciamos o debate, perguntando aos nossos interlocutores se eles sabiam que havia dois margaridas que atuaram como árbitro na mesma época. Os interlocutores 3, 4 e 5 responderam que não, já os interlocutores 1 e 2 nos informaram que sim. Contudo, o interlocutor 1 afirmou que essa informação foi por ele obtida recentemente, em uma matéria jornalística de um programa de televisão.

3.1.1 Escalando nossa plateia

Para darmos continuidade em nosso trabalho, neste momento passamos a apresentar nossos interlocutores ou melhor escalamos eles para que contribuam em nosso jogo/pesquisa.

⁶² https://www.youtube.com/watch?v=jxY7e41g_vU, e <https://www.youtube.com/watch?v=wGpaRFiQXlc> acesso em 04 de janeiro de 2018

TABELA 1: SÚMULA DE ESCALAÇÃO DE PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais						
JOGO: APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO FUTEBOL						
Árbitro: Lázaro Moreira Gomes Júnior				Função: Mestrando		
Árbitro Auxiliar: Luciene de Oliveira Dias				Função: Orientadora		
Escalação dos participantes do Grupo Focal: Plateia/torcedores						
Interlocutor	Idade	Naturalidade	Profissão	Estado Civil	Raça Cor	Orientação Sexual
1	59	Presidente Prudente/SP	Diretor de Teatro	Casado	Branco	Gay
2	43	Anápolis/GO	Ator e arte educador	Casado	Branco	Gay
3	54	Ceres/GO	Ator, diretor e produtor teatral	Casado	Branco	Gay
4	49	Goiânia/GO	Professor e diretor de teatro	Casado	Negro	Heterossexual
5	65	Piracanjuba/GO	Professor, ator e diretor de teatro	Separado	Branco	Heterossexual
Goiânia. 04/11/2019 Local: Oficina Cultural Geppetto						

Uma vez traçado o perfil de nossos interlocutores, passamos a relatar o debate ocorrido durante realização do Grupo Focal.

Após apresentado o vídeo sobre os Margaridas e tendo informado aos nossos interlocutores que havia dois e não um, perguntamos a eles quais eram suas primeiras lembranças com o futebol, pois gostaríamos de saber como este esporte se apresentava em suas vidas, visto que a função da lembrança,

é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN apud BOSI, 1994, p. 68)

De forma geral, as lembranças de nossos interlocutores com o futebol nos conduziram para suas infâncias, sendo através de momentos festivos e/ou de profunda tristeza e melancolia como a decepção gerada com a perda de uma Copa do Mundo. Também nos foi relatado a dificuldade quando criança de jogar futebol, devido a composição corporal.

Esta lembrança me tocou pois gerou uma identificação com o interlocutor, que relatou ter dificuldades em jogar futebol na infância por ser gordo. Geralmente nesta fase da vida quando se é gordo, você não será escolhido para iniciar as partidas ou terá que jogar no gol. Este foi meu destino e com o tempo se tornou uma vantagem, pois ninguém quer jogar no gol e você acaba participando de todos os jogos.

Outra pessoa que participa de todos os jogos é o dono da bola. Aliás melhor jogar com uma bola de verdade, do que com as possíveis bolas apresentadas na crônica de Luís Fernando Veríssimo, que vimos ainda no primeiro capítulo.

O dono da bola é visto como um ser supremo possuidor do principal objeto “sagrado” do futebol, se bem que ele pode ser é o detentor do meio de produção, talvez este momento seja uma boa oportunidade de explicar a uma criança princípios do capitalismo.

Abandonemos nosso lado pedagógico e retornemos aos interlocutores, relatando em súmulas, suas lembranças com o futebol.

Tabela 2: INTERLOCUTOR 1

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais
JOGO - APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO FUTEBOL
<p>O interlocutor 1 declara que a sua história com o futebol sempre foi forte e legal. Adora ir ao estádio Serra Dourada comer amendoim e tomar cerveja, independente do jogo que esteja sendo disputado e que devido sempre ter sido gordinho e ruim de bola, só jogava porque era o dono da bola.</p> <p>Ele nos disse que desde seus nove anos de idade, torce para o Corinthians e que no ano de 1976 ao mudar para a cidade de Goiânia, conheceu um vizinho que,</p> <p style="text-align: center;"><i>era Vila Nova doente, daquele que quando o Vila Nova perdia ele chorava quatro dias seguidos, aí vai nós para o Serra Dourada. Vila Nova e Atlético na final do campeonato, 78/79 e quem ganha, o Atlético, passei a ser Atleticano, só para azucrinar a vida do meu amigo (INTERLOCUTOR 1)</i></p> <p>Uma outra lembrança relacionada ao futebol foi a respeito da Copa do Mundo de 1970.</p> <p style="text-align: center;"><i>Eu morava em uma cidade muito pequena só tinha rádio, e de repente eu vejo fogos sendo soltados na rua, todo mundo saindo na rua, o pessoal com uns acordões saindo das casas tocando, uma festa, eu perguntei o que foi? “O Brasil ganhou”, aí foi uma festa e foi ótimo. A noite toda de festa, na Copa de 70. (INTERLOCUTOR 1)</i></p> <p>A Copa do Mundo de 1970, disputada na cidade do México e vencida pela seleção brasileira, consagrou uma geração de jogadores liderados por Edson Arantes do Nascimento, o eleito atleta do século XX e mais conhecido por Pelé.</p> <p>Aquela seleção se tornaria a primeira tricampeã mundial de futebol e seu estilo de jogo passaria a se chamar futebol-arte. Sua imagem seria utilizada pela ditadura militar que governava o país naquela época, fato que marcou negativamente nosso interlocutor 5 como veremos mais adiante.</p>
Goiânia. 04/11/2019 Local: Oficina Cultural Geppetto

Tabela 3: INTERLOCUTOR 2

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em performances Culturais
JOGO - APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO FUTEBOL
<p>O interlocutor 2 diz que desde criança foi ligado aos esportes, praticando diversas modalidades e que chegou a receber dinheiro para jogar futebol, quando morava em Anápolis, no entanto, paralelamente aos esportes, começou a frequentar aula de teatro, vindo a se tornar sua profissão. Quando mudou para Goiânia foi assistir um jogo do Vila Nova no estádio Serra Dourada, e nunca mais largou este time,</p> <p style="text-align: center;"><i>foram seis anos puxando a bateria da Esquadrão Vinalonense, com um propósito de cultura da paz levando arte e educação sem eles perceberem... poxa torcida organizada, porque são tidos como violentos, como bandidos, covardes, drogados, essas coisas todas, então foram seis anos muito positivos, onde trabalhando voluntariamente em um torcida organizada com fins de arte e educação para pacifismo e igualdade. (INTERLOCUTOR 2)</i></p> <p>Uma outra Copa do Mundo, povoou as lembranças, deste interlocutor,</p> <p style="text-align: center;"><i>Na Copa de 82 eu tinha seis anos, lá em Anápolis e quando o Brasil saiu da Copa, eu que estava assistindo um jogo com uma imagem do papa João Paulo II, eu rasguei ela todinha. Que nada essa fé não dá em nada não. (INTERLOCUTOR 2)</i></p> <p>A Copa de 1982, já foi citada na introdução deste trabalho. Ela habita minha memória de forma melancólica, pois como foi dito, foi a Copa que me fez chorar, assim como foi a que alimentou meu desejo de ser jogador de futebol por anos e anos.</p> <p>Disputada na Espanha e vencida pela seleção italiana, a mesma que eliminou a seleção brasileira com três gols de Paolo Rossi.</p>
Goiânia. 04/11/2019 Local: Oficina Cultural Geppetto

Tabela 4: INTERLOCUTOR 3

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais
JOGO - APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO FUTEBOL
<p>O interlocutor 3, até os treze anos morava na zona rural, sendo que sua principal brincadeira era jogar futebol. Assim como o interlocutor 1 ele relata não ter habilidades para jogar futebol desde aquela época, mas como era o dono da bola, sempre estava dentro do time.</p> <p>Ao mudar para Ceres em sua adolescência, perdeu o contato com o futebol e desde que chegou em Goiânia no ano de 1982, só frequentou um estádio de futebol por duas ocasiões, uma em Goiânia e outra na cidade do Rio de Janeiro, na qual, com um grupo de amigos fizeram um passeio no estádio do Maracanã, onde teve a ousadia de gritar gol para um time, estando sentado na área reservada para a torcida do time adversário.</p> <p>Tirando essas experiências, o interlocutor 3 diz que o futebol é uma coisa estranha para ele, que não entende nada, mas mesmo que este esporte não faça parte de suas preferências, ele tem lembranças de ver em programas de televisão o Margarida.</p> <p style="text-align: center;"><i>Talvez por causa da minha homossexualidade não assumida, não exercitada, mas eu achava ele muito interessante de assistir e ver aquela figura fazendo aquelas corridinhas e gestos, marcar o cartão ali, enfim, era diferente, feminino, essa coisa da gazela, essa coisa do sensível, performance mesmo. (INTERLOCUTOR 3)</i></p> <p>Quando realizamos o convite para o interlocutor 3, ele questionou o fato de como contribuir com um trabalho sobre futebol, mesmo não entendendo praticamente nada sobre este esporte. Achamos interessante mantê-lo como integrante do GF justamente por este fator, visto que, mesmo não se interessando por futebol, ele tinha lembranças de Margarida e isso para nós era importante.</p>
Goiânia. 04/11/2019 Local: Oficina Cultural Geppetto

Tabela 5: INTERLOCUTOR 4

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais
JOGO - APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO FUTEBOL
<p>O interlocutor 4, diz ter uma memória afetiva muito boa com o futebol, desde quando jogava em campinho de terrenos baldios com outros meninos.</p> <p style="text-align: center;"><i>tenho memórias muito boas desse tempo de achar que podia até ser profissão, menino da periferia, aquele sonho de ser jogador de futebol. O primeiro time que eu torcia era o Flamengo, por causa do Zico e porque havia uma rixa entre eu e meu irmão, aonde ele tinha um time eu torcia ao contrário... ia ter um jogo a gente brigava e tudo, mas até isso é uma memória afetiva que tenho em relação a família e ao futebol... hoje eu não posso jogar mais, tive que abandonar porque meu joelho não me permite essas imposturas né. (INTERLOCUTOR 4)</i></p> <p>Assim como o interlocutor 2, ele nos relatou uma lembrança relacionada à Copa do Mundo de 1982, onde chegou a pensar que a seleção brasileira havia perdido a Copa por causa dele.</p> <p style="text-align: center;"><i>Em 82 eu achei que o Brasil perdeu por minha culpa porque tinha que concentrar e torcer junto, aí começou o jogo e tinha que comprar uns fogos de artifício porque acharam que era pouco, sobrou para o menor fazer isso. No que eu fui lá, desandou o negócio e o Brasil perdeu (INTERLOCUTOR 4)</i></p> <p>A Copa de 82 não deixou marcas apenas em minha pessoa. Como que uma seleção com Waldir Peres, Leandro, Oscar, Luizinho, Toninho Cerezo, Júnior, Paulo Isidoro, Sócrates, Serginho, Zico, Éder Aleixo, Paulo Sérgio, Edevaldo, Juninho, Falcão, Edinho, Pedrinho, Batista, Renato Frederico, Roberto Dinamite, Dirceu e Carlos, poderia perder aquela Copa.</p> <p>Aquela Copa deixou marcas também na forma de se jogar futebol, pois o futebol pragmático de marcação apresentado pela seleção italiana passava a superar o dito futebol-arte, no qual, o Brasil era o principal representante desde que vencera a Copa de 1970, na Cidade do México.</p>
Goiânia. 04/11/2019 Local: Oficina Cultural Geppetto

Tabela 6: INTERLOCUTOR 5

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em performances Culturais
JOGO - APARECEU O MARGARIDA: LIMINARIDADES E MASCULINIDADES NO FUTEBOL
<p>O interlocutore 5 é o mais empolgado com o futebol e chegou a assistir em um estádio que tinha Margarida, como árbitro. Não soube dizer qual deles, mesmo porque até o dia do GF para ele só existia um.</p> <p>Quando era criança morava no Setor Universitário, onde havia muitos lotes vago e juntamente com seus amigos, ele pegava a enxada e capinava o lote para transformar em um campinho, onde após chegarem da escola, jogavam praticamente o dia inteiro, até quando a mãe ia buscar para tomar banho, jantar e dormir.</p> <p><i>Minha relação com o futebol ela é uma relação interessante, eu gosto muito de jogar futebol, se eu soubesse jogar futebol eu seria jogador de futebol. Gosto muito, gosto de jogar, gosto de assistir, eu sou daquele tipo que andava na rua, minha mãe mandava eu buscar alguma coisa no supermercado e se tivesse uma pelada eu parava e ficava olhando o jogo, as vezes até entrava e jogava. Quando eu era bem criancinha eu morava na Vila Abajá em Campinas, e todo domingo eu via aquele pessoal com bandeira do Atlético andando em direção ao estádio Antonio Ancioly, para ver jogo, eu acabei virado atleticano por conta disso. (INTERLOCUTOR 5)</i></p> <p>Ele nos relatou suas conquistas como jogador, como o gol que fez na final de um campeonato entre times de bancários, profissão que exerceu durante um tempo ou no dia que entrou no meio do jogo e assim que recebeu a bola passou ela por baixo das pernas de Luiz Dário, um ex-jogador de futebol profissional, pegando a bola do outro lado e marcando o gol que deu a vitória ao seu time.</p> <p>Este interlocutor, apresentou uma criticidade com relação à seleção brasileira.</p> <p><i>Não torço contra mas também não vejo jogo, eu acredito que foi por conta talvez da década de setenta, pela utilização do futebol como mecanismo de política da ditadura e aquilo para mim foi terrível, ganhei uma desatenção ferrenha pela seleção brasileira... para mim a seleção brasileira virou vitrine de craque de futebol e muitas vezes craques construídos pela mídia. (INTERLOCUTOR 5)</i></p>
Goiânia. 04/11/2019 Local: Oficina Cultural Geppetto

Estes foram nossos interlocutores.

Suas histórias e vivências foram fundamentais, para compreendermos os Margaridas pelo olhar do torcedor, visto que, “não é na história apreendida, é na história vivida que se apoia a nossa lembrança” (HALLBWACHS, apud BERNARDO, 1998, p. 50)

3.1.2 Margarida visto por nossa plateia

Agora que nossa torcida/plateia foi apresentada, passemos a narrar as lembranças que ela tem de nossos personagens.

Nos referimos a personagens no plural, pois nossa pesquisa assim foi delineada, mas para três de nossos interlocutores até o momento do GF era no singular, apenas um Margarida.

A descoberta de dois Margaridas e sendo um heterossexual com um personagem gay, acreditamos ter impregnado as declarações do GF de um posicionamento político. O que nos direciona para uma memória política, onde, segundo Bosi (1994) os juízos de valor intervêm com mais insistência, sendo que, “O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a” (BOSI, 1994, p. 453).

Para nossos interlocutores, os jogos nos quais Margarida atuava, ele não passava despercebido, sendo considerado inclusive em alguns jogos a principal atração da partida, para os torcedores.

eu me lembro da reação da arquibancada, havia reações de todo tipo, gente que uivava, que assobiava, enfim, ele mexia muito com os sentimentos das pessoas que estavam vendo o jogo... que que é isso que esse homem está fazendo aí, que coisa feia, eu ouvia esse tipo de comentário das pessoas, ele agitava bem mais, eu me lembro que o jogo foi pouco interessante e ele acabou sendo a performance mais assistida, mais apreciada pela plateia. (INTERLOCUTOR 5)

O depoimento revela que Margarida não passava despercebido dentro de campo, visto que em jogos com um nível técnico insatisfatório, ele se transformava na principal atração do jogo, despertando reações como uivos e assobios e sua performance provocava reações na plateia.

Eu via pela televisão alguns jogos dele e até minha mãe na época falava assim “olha isso aí é um artista, está fazendo tudo isso aí só para se aparecer”, eu sei que muita gente não via a ação dele em cena a coisa pra mostra a sexualidade dele, via muito mais como uma artista um cara fazendo coisas engraçadas para poder tornar mais bonito o jogo de futebol essas coisas toda, então a gente via muito nesse sentido, não era como uma ativista (INTERLOCUTOR 1)

As declarações de nossos interlocutores apontam para um Margarida que atuava em campo buscando tornar o jogo mais alegre, mais divertido, no entanto, como já discutimos no capítulo anterior, essa alegria, essa diversão está sustentada pela negação da mulher e do gay afeminado.

Esta característica de provocar o riso pode estar associada aos trejeitos em campo de Margarida que beiram ao caricato como aponta o interlocutor 1.

a gente via muito mais os trejeitos dele que era muito grande, braços imensos pra lá, braços pra cá, perna, bunda pra cima, muitas coisas. Ficava até caricato... eu achava muito exagerado o formato dele... essa visão ainda que pra ser gay tem que ter trejeitos ou ser afeminado, ou ser a bichinha, um termo que se usa, a bichinha alegre, quer dizer todo homossexual que vai assumir tem que ser engraçado, tem que ser caricato, para as pessoas poderem rir, não sei. Eu via o formato dele, sei lá se era esse o pensamento dele, entendeu. (INTERLOCUTOR 1)

O interlocutor 1 nos coloca diante da possibilidade de refletirmos sobre o processo de construção das masculinidades, que delega aos homens gays características como a alegria ou a fraqueza ao utilizar o termo “bichinha”, se afastando do ideal da masculinidade hegemônica. No entanto, da mesma forma que encontramos homens heterossexuais que tentam constituir suas masculinidades sem se pautar pelos valores hegemônicos e tóxicos, também temos gays que se distanciam dessa imagem alegre e requebrante.

A declaração de Jorge Emiliano no vídeo apresentado no início do GF, onde ele diz que seu trabalho era uma resposta para aqueles que diziam que em certos locais a bicha não pode apitar, tensionada com o personagem gay de Clésio Moreira, foi denominada pelo interlocutor 4, como desvio ético.

Este interlocutor não associava o Margarida a questões afirmativas, mesmo porque, segundo ele na época era um tabu, maior do que na atualidade.

O interlocutor 1 afirma que naquela época não se tinha discussão sobre homossexualidade, “você tinha experiências sexuais que iam acontecendo na sua vida”.

Abramos um parêntese, pois durante os anos 80 do século XX, o movimento gay brasileiro já havia se constituído e portanto havia uma discussão estabelecida, o que avaliamos é que a história de vida de nossos interlocutores não proporcionou a eles tais discussões, que nos últimos ganhou projeção social e que vem sendo bombardeada pelos paladinos da moral e dos bons costumes. Os cidadãos de bem.

Ai, ai, ai, tenho *paúra* desta expressão.

Fechando o parêntese, ao se referir a um desvio ético nosso interlocutor coloca uma interrogação.

Para ele, o discurso de Jorge Emiliano, Margarida 1, fortalece o debate das questões de gênero e sexualidade, no entanto, nosso interlocutor, interroga se o personagem de Clésio Moreira, Margarida 2, também não contribuiria com esse debate.

De certa maneira a sua afirmação da sua identidade acaba por abrir uma discussão e uma aceitação de um campo dessa homossexualidade, agora o outro do ponto de vista ético, estou aqui jogando em cima disso de um fim que é muito mais de negócio seria do ponto de vista ético um problema ou não, de alguma forma ele acabou também trazendo uma bandeira. (INTERLOCUTOR 4)

Para os interlocutores 2 e 5, o posicionamento de Jorge Emiliano está bem definido, no entanto, o de Clésio Moreira gera dúvidas.

o que eu acho que é dúbio, por exemplo, um levanta a bandeira da questão do gênero falando, porque que não pode caber uma bicha fazendo o seu trabalho como árbitro, o outro utiliza da performance corporal que remete a homossexuais, mas para auto promoção. (INTERLOCUTOR 2)

O que este interlocutor nos apresenta é uma diferenciação fundamental entre os dois Margaridas, sendo que o primeiro apresenta um discurso político e ao se posicionar o faz em diálogo com uma coletividade, pois assume uma bandeira, já o segundo Margarida apresenta uma atitude individual de auto promoção. Esse pensamento é compartilhado pelo interlocutor 5, que expressa o seguinte,

o primeiro Margarida levantou uma bandeira política, de defender, inclusive ele foi felicíssimo na imagem de dizer questionar que uma bicha não pode apitar, e apitar

não é apitar, dar palpite, é decidir, foi muito rica a frase dele. Agora o segundo eu não sei muito bem qual é o propósito interior dele. (INTERLOCUTOR 5)

No decorrer do GF, o interlocutor 4 verticalizou sua posição sobre os dois Margaridas, analisando a partir de possíveis leituras de masculinidades, entre Jorge Emiliano e Clésio Moreira, para ele,

a discussão e limites sobre as masculinidades, vai ter uma diferença sobre o que levanta a bandeira e sobre o que não, fazendo uso seja festivo, porque eu acho que ali há dissonâncias entre eles. O segundo faz uma mescla de teatralidade entre três juízes para criar uma performance, então é a virtualidade de um limite. Então, dentro da sociedade pós-moderna eu posso discutir essa liminaridade, essa masculinidade fake, feita a partir de uma expressão ficcional que talvez é mais próxima do que essa que em si é a performatividade ou a teatralidade do ponto de vista do ritual da existência ou que é a aparência do que é a representação (INTERLOCUTOR 4)

De fato, há uma diferença entre os dois Margaridas. No entanto, também há similaridades, visto que, até o início do processo de elaboração do projeto de pesquisa para a inscrição no processo seletivo ao mestrado, assim como para parte de nossos interlocutores e para a maioria das pessoas que conversamos em ambientes acadêmicos ou não, Margarida era apenas um, assim sem conhecer trajetória de ambos, eles de fato se tornam apenas um.

Desta forma, Margarida, se tornou sinônimo de árbitro gay.

Uma outra similaridade entre os dois Margaridas está na seguinte afirmação de um de nossos interlocutores: “Dentro de campo os dois são performáticos” (INTERLOCUTOR 5).

O interlocutor 1, sabia que eram dois Margaridas e se referindo a Clésio Moreira, revela que este em entrevistas também desmunheca.

De fato, as entrevistas que observamos com Clésio Moreira, seja dentro de campos de futebol ou em estúdios de emissoras de televisão, além de sempre estar usando roupas na cor rosa, ele continua quase que o tempo todo com a mesma performance que tem dentro de campo, de um gay afeminado.

No entanto, o interlocutor 4 aponta para a seguinte questão,

esses personagens amplificaram a questão deste conceito de masculinidade, relativizaram esse conceito... quais deles talvez tenha contribuindo ou friccionado mais o conceito no sentido da gente rever. Hoje nós estamos num tempo que esse conceito de masculino tem outros elementos que inclusive a viadagem nele se incorpora com outros elementos, a sensibilidade, a feminilidade. Não sei, eu penso

que é um pouco isso, nessa visão pra dentro pra gente enxergar também de forma diferente. (INTERLOCUTOR 4)

Ao perguntar qual dos Margaridas tenha contribuído mais para rever o conceito de masculinidade, nosso interlocutor, dialoga com os apontamentos que no decorrer do trabalho vem sendo desenvolvido, mas, ao colocar essa questão ele também nos aponta que Clésio Moreira ao colocar um personagem gay dentro de um esporte carregado de machismo e preconceito, talvez também tenha contribuído para a reflexão sobre a presença de gays no futebol.

Nossa partida se aproxima do fim, estamos quase chegando nas prorrogações.

3.1.3 Desdobramentos sobre Margaridas

Durante a realização do GF alguns temas que não abordados neste trabalho foram levantados. Acreditamos ser de profunda importância para futuros debates, como a inserção e/ou exclusão de atletas trans em competições esportivas.

Porém, alguns temas já discutidos nas linhas acima traçadas, foram explicitados por nossos interlocutores. Um deles foi o armário gay e suas possíveis relações com os esportes.

Para o interlocutor 2, vivemos em uma sociedade preconceituosa, principalmente em áreas masculinizadas, como o futebol e a polícia. Ele comenta que, em nosso país o preconceito relacionado à homossexualidade, faz com que as pessoas se relacionem,

Debaixo do pano, eles não querem se mostrar. Normal fazer, contando com que as pessoas não saibam, por isso que um monte de pessoas casadas com filhos e outros que tem uma posição na sociedade é que não gosta de citar essa posição, justamente porque se vê oprimido (interlocutor 2)

Observamos no trecho acima a imposição da ordem heteronormativa, pois vemos que as relações homossexuais acontecem, mas necessitam ser por de baixo dos panos, precisam ser escondidas, precisa que as pessoas não saibam e caso saibam tais relações devem se orientar pela heterossexualidade e para isso armários precisam ser construídos.

Para o interlocutor 5 há uma tentativa de criminalização das relações homossexuais, em nome de um discurso que estabilize os valores reais da família e caso essa realidade se desdobre radicalmente,

vai chegar num ponto de estabelecer que é norma, que é crime isso. Já há criminalização, por exemplo: a discussão de gênero na escola, porque isso aí é orientação é tentativa de condução, uma forma de vida afetiva que vai destruir os valores radicais da família, esse discurso preconceituoso está na base disso aí. (INTERLOCUTOR 5)

O mesmo interlocutor aponta que no futebol a questão dos preconceitos de gênero é reforçada uma vez que obedece a uma lógica de mercado, ao se constituir em comércio, que necessita de patrocínio, sendo que há setores dominantes que coordenam tais recursos e desejam uma sociedade heterossexual,

colocando os menininhos para viver de azul as meninas de rosa e tal, e aí se o atleta se declara homossexual, no começo de carreira ou no meio de carreira, as portas se fecham, então o homossexual é obrigado para garantir espaço no mercado de trabalho, a se manter no armário. (INTERLOCUTOR 5)

O depoimento acima aponta para uma sociedade pautada pelo binarismo de gênero, heterossexualidade compulsória e armário gay.

Outros interlocutores fizeram relações do futebol com o mercado, sendo que esta relação fortalece o armário.

a gente não pode dissociar que futebol desde sempre foi um lugar de mercado, então, penso que por parte dos jogadores, assumir um posicionamento homossexual declaradamente isso é uma questão de negócio, mais do que de identidade, talvez esse fosse o mecanismo (INTERLOCUTOR 4)

Este depoimento aponta para uma questão já discutida aqui, que em determinados casos a saída do armário está associada a uma situação de independência financeira ou de uma carreira profissional consolidada, tornando o que o interlocutor denominou como uma questão de negócio.

O depoimento abaixo, também aponta a questão financeira, assim como para um possível isolamento como entraves para a saída do armário,

imagina o Neymar assumindo que é gay, com toda aquele sentadinha, ia falar a bichona está caindo, a bichona cai, a bicha não dá conta, tem que ser uma pessoa

forte, viril para aguentar o tranco de correr 90min, uma bichinha um gay não dá conta disso, então talvez por causa disso por questão comercial que todos eles visam essa questão financeira, isso acaba depondo... Então, às vezes, é por isso que a pessoa não se assume, para não ser evitado, vaiado (INTERLOCUTOR 3)

Para o interlocutor 1, Margarida foi o que podemos chamar de ponto fora da curva, pois foi aceito pela sociedade,

o juiz sempre foi uma pessoa mal vista pra quem ia ao estádio, sempre você ia lá pra ver se o juiz ia errar e xingar a mãe dele. Ele a sociedade aceitou e nem um jogador entre aspas hétero se assumiu, se fosse o contrário, se fosse um jogador, será que a sociedade tinha aceito na época também, não aceitaria até hoje (INTERLOCUTOR 1)

Não temos registro de jogadores brasileiros que saíram do armário, enquanto atuavam profissionalmente. O trágico exemplo citado no capítulo anterior de Justin Fashanu, contribui para ratificarmos o depoimento de nosso interlocutor 1, quando ele se refere aos jogadores que continuam no armário. No entanto, seria preciso refletirmos sobre esta aceitação de ambos Margaridas.

A presença deles em campo gerava o riso nas arquibancadas, mas um riso que deprecia mulheres e gays afeminados. Compreendemos que a sociedade, e aqui estamos nos referindo à parcela que acompanha futebol, usou eles para reforçar presença e potência masculina, ampliando assim o machismo, a homofobia e a misoginia.

a gente sabe também que tem outros Margaridas que não se assumem, outros que são hétero, mas o que todos eles tem em comum, todos eles, todos são seres humanos, iguais e diferentes. Então a gente às vezes fala com essa questão de afirmar a homossexualidade, afirmar a heterossexualidade ou comportamento e a gente esquece que todos somos seres humanos, que somos livres para amar e fazermos o que a gente quiser, dentro da lei, da ética, do respeito, do amor (INTERLOCUTOR 2)

Estamos diante de um longo caminho para podermos ser livres para amar e fazer o que a gente quiser, como aponta nosso interlocutor e o caminho nos direciona para reflexão, questionamento e desconstruções dos conceitos que perpassamos, o da heterossexualidade compulsória, da heteronormatividade e da masculinidade hegemônica e tóxica.

Apenas estes? Não. Precisamos rever também o machismo, patriarcado, homofobia, misoginia, racismo, xenofobia, dentre outras possíveis intersecções.

O futebol necessita seguir esse caminho.

Alguns atos mesmo que timidamente, tem contribuído para isso.

A criação em 2017 da LIGAY Nacional de Futebol Society do Brasil, instituição que organiza duas edições anuais da Champions LIGAY, competição de futebol *society*, para times formados por atletas gay é um exemplo.

Podemos citar outros, como a ação do time do Bahia que no dia 15 de setembro de 2019, em um jogo válido pelo campeonato brasileiro de futebol da primeira divisão, no estádio da Fonte Nova, colocou no mastro de escanteio a bandeira arco-íris, símbolo do movimento LGBTQIA+.

Também temos o exemplo da Premier League, liga de futebol inglesa, que através da campanha Rainbow Laces (Laços de Arco-Iris) além dos mastros de escanteios terem a bandeira arco-íris, os capitães dos times utilizam suas braçadeiras com as cores do arco-íris. Ver Anexo F e G.

Todavia, em um esporte onde os torcedores tem por hábito desqualificar o torcedor e/ou o time adversário, chamando-os de veado, de gay, de bicha e de mulherzinha, muito ainda é preciso fazer, para além da utilização da bandeira arco-íris em campo.

Não fico com a pureza da resposta das crianças, fico com a irreverência de um de nossos interlocutores, que enquanto debatíamos sobre a utilização de todos os sinônimos de gay para desqualificar o time e torcedores adversários, ele pede a palavra e diz: “Se soubessem o quanto somos felizes né” (INTERLOCUTOR 3).

Sim, felizes. Mas nem todos pois o cotidiano de muitos está repleto das mais variadas possibilidades de agressões e violências, obrigando-os a habitarem seus armários, vestirem suas máscaras, se sujeitando em algumas situações a viverem o que não são.

CONSIDERAÇÕES

Viajemos no tempo e voltemos a década de 1980.

Especificamente ao ano de 1982, no qual iniciei meu processo de escolarização e chorei logo após o jogo entre a seleção brasileira e a italiana, na já referida Copa do Mundo da Espanha.

Outros acontecimentos me marcaram neste ano como a entrada pela primeira vez em uma sala de cinema. O filme era “ET: O Extraterrestre”.

Fatos que ainda tenho em minha memória desde os seis anos de idade, a mesma que hoje tem o meu filho mais velho, que juntamente com seu irmão, foram um de meus pilares nessa empreitada.

Era neles que pensava enquanto escrevia cada linha acima e inclusive as que virão abaixo. Foi pensando neles e para eles, que a cada etapa desse ritual acadêmico, refletia sobre os privilégios que habitavam e/ou ainda habitam em minha pessoa.

Privilégios que iniciaram no momento em que fui decretado como sendo do sexo masculino e que o fato de ter me tornado um homem cis heterossexual, me garantiram vantagens perante identidades e subjetividades não normativas.

No entanto, o caminho aqui trilhado, buscou refletir e questionar as implicações de tais privilégios. Para isso, nos aproximamos do que Denise Carreira classifica como um sujeito de reconhecimento,

que se reconhece e reconheça os outros como sujeitos de dignidade, de direitos, de conhecimentos, de projetos de sociedade, de vida. Um sujeito que se desenvolva com base na compreensão de sua incompletude e na alteridade, assumida como capacidade de se reconhecer nas relações de interdependência com as outras e os outros e com o meio ambiente. (CARREIRA, 2018, p. 05)

Em nosso percurso nos deparemos com o conceito de masculinidade hegemônica, que hierarquiza as relações entre homens e mulheres e entre as demais masculinidades, sendo que sobre as masculinidades não normativas recai a possibilidade concreta de se tornarem vítimas de violências de diversas ordens, física, verbal, simbólica, dentre outras.

Este conceito, que se caracteriza pelo ideal de como a masculinidade deve ser vivenciada. Um ideal de um homem branco, cis, hétero, viril, dominador, fazendo da

masculinidade um exercício cotidiano, porém, “nem todos os homens correspondem aos padrões de masculinidade e, apesar das regras existirem, podem não ser seguidas, o que gera a sensação de fracasso” (THÜRLER apud, HEMERLY, 2017)

Chimamanda Adichie, ao se referir à diferença de criação entre meninos e meninas, resume essa busca por determinada masculinidade, dizendo,

Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser. (ADICHIE, 2015, p. 29)

Associado ao conceito de masculinidade hegemônica, outros dois conceitos foram fundamentais em nossas análises, o de heterossexualidade compulsória e de heteronormatividade, que delimitam e regem as ações e normas a serem seguidas na sociedade, naturalizando a heterossexualidade.

A intersecção de tais conceitos contribuem para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos tóxicos ligados a prática da masculinidade, que atingem as mulheres e os próprios homens, fortalecendo cotidianamente a misoginia e homofobia.

Ao trazermos o futebol, considerado o maior fenômeno social e cultural brasileiro, pelos estudiosos de tal esporte, buscamos dialogar com ele a partir dos estudos de performances e de gênero na tentativa de vislumbrarmos possíveis fissuras nos conceitos acima referidos.

O futebol se constituiu como um território masculino, onde as mulheres e toda comunidade LGBTQIA+ se configuram como o “outro”, tornando-se *locus* de representatividade do armário gay e impondo a essa comunidade e também às mulheres silenciamento, apagamento e agressões.

Porém, ao analisarmos a presença de Margaridas dentro dos campos de futebol, orientados pelos conceitos de liminaridade, no qual os envolvidos se transformam temporariamente, observamos a possibilidade de refletirmos e questionarmos a masculinidade hegemônica e tóxica.

Compreendemos que a resposta de Jorge Emiliano, ainda no vestiário em seu primeiro jogo como árbitro profissional, afirma que o fato de ser gay, não o inferioriza perante nenhum outro homem e/ou outra masculinidade.

Para nossos interlocutores, Jorge Emiliano se destacou não apenas pela sua performance em campo, mas pelo seu discurso, levantando uma bandeira que contribuiu no debate em torno das questões de gênero e sexualidade.

Por outro lado, Clésio Moreira dos Santos, ao criar um personagem gay, com o objetivo de fazer o público rir, ridicularizou o gay afeminado e por consequência as mulheres, negando a possibilidade destes serem respeitados e até mesmo de existirem no ambiente futebolístico, pois sua representação caricatural, faz com que mulheres e gays afeminados sejam alvos de piadas e chacotas.

Devemos pontuar que parte de nossos interlocutores compartilham com essa ideia, com relação à Clésio Moreira, mas levantam a reflexão se no palco do futebol o personagem de Margarida 2, não poderia suscitar ao menos um debate em torno da presença de atletas e árbitros gays no futebol.

Avaliamos que Jorge Emiliano e Clésio Moreira entram em colisão, em um esporte que para atacar e inferiorizar os torcedores e jogadores do time adversário, as palavras gay e bicha são naturalizadas e se tornam um xingamento.

Contudo, desta colisão há também uma fusão, visto que para parte de nossos interlocutores e diversas outras pessoas que dialogamos durante o período da pós-graduação, havia apenas um Margarida, sendo que nos foi recorrente ouvirmos: esse árbitro não era aquele que usava uniforme rosa ou não é aquele que corria de costas.

Entendemos que Margarida 2, está mais presente na memória associada ao futebol. Devemos levar em conta que a morte prematura de Jorge Emiliano e o fato de Clésio Moreira ainda atuar como árbitro em jogo amadores, contribui para isso.

Um ponto importante é que Margarida se tornou sinônimo de árbitro gay no Brasil e ao ser lembrado como um árbitro que usa uniforme rosa, cor associada ao binarismo de gênero, ou pela corrida de costa o passo da gazela, nosso palco continua reforçando estereótipos e preconceitos, além silenciar e apagar vozes que destoam das normas de gênero.

Porém, assim como Margarida 1, outras vozes buscam romper o silêncio, para exemplificar destacamos duas jogadoras. Uma delas é a já citada do decorre deste trabalho Marta Silva e a jogadora de futebol norte-americana Megan Rapione que foi considerada a melhor jogadora de futebol em premiação realizada pela FIFA, no ano de 2019.

Marta durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino, disputada na França em 2019, marcou seu décimo sétimo gol em jogos de Copa do Mundo, superando o alemão Miroslav Klose que marcou dezesseis gols em edições de copa do mundo.

O fato a ser destacado desta conquista, foi a utilização por Marta de uma chuteira com o símbolo de uma ação promovida pelo movimento Go Equal, que busca discutir a equidade salarial entre homens e mulheres. Ver anexo H.

Algumas horas antes do jogo no qual Marta marcou este gol, o movimento Go Equal publicava via Instagram e Twitter a seguinte mensagem: “Bola Igual. Campo Igual. Regras iguais. Se as mulheres jogam futebol da mesma forma que os homens, por que elas não recebem o devido reconhecimento? O devido apoio? A devida remuneração?”⁶³.

Já Rapione capitã da seleção norte americana, campeã da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2019, em um trecho de seu discurso na cerimônia de premiação de melhor jogadora do mundo, disse:

O único jogador da MLS abertamente gay, o sr. (Collin) Martin, e as incontáveis outras jogadoras LGBTQ que lutam tão duro todos os dias para primeiro, apenas praticarem o esporte que amam, mas, segundo, também para combater a homofobia desenfreada que temos. Essas são todas as histórias que me inspiram tanto, mas que também me deixam um pouco triste e um pouco decepcionada... Se todos os outros fossem assim. Se todos estivessem tão indignados com a homofobia quanto os jogadores LGBTQ. Se todo mundo estivesse tão indignado com a igualdade de remuneração ou a falta dela ou a falta de investimento no esporte feminino além das mulheres, isso seria a coisa mais inspiradora para mim (RAPIONE, 2019)⁶⁴

A presença de árbitros e jogadores gays no futebol profissional pode se constituir como uma valorosa contribuição no confronto à heteronormatividade, à heterossexualidade compulsória, contra a misoginia e a homofobia, desde que possam viver suas masculinidades em plenitude, sem ter que se esconderem suas identidades, subjetividades e orientações.

Acreditamos que os instantes de transformação da ordem cotidiana, deflagrada pela liminaridade, pode potencializar o debate e combate da imposição das normas de gênero.

⁶³ Disponível em <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/06/13/com-chuteiras-simbolicas-marta-alerta-para-igualdade-salarial.html> acesso em 05/01/2020

⁶⁴ Disponível em <https://trivela.com.br/discurso-megan-rapione-the-best-premiacao-fifa/> acesso em 05/01/2020. O discurso completo de Megan Rapione na premiação de melhor jogadora de 2019, está no Anexo I.

Se associarmos esta relação ao discurso de Jorge Emiliano e não à performance de Clésio Moreira, vislumbramos a possibilidade de sonhar com a construção de um mundo diferente, como nos diz Adichie (2015) “um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos”. (p. 28)

Para finalizar, gostaria de citar uma conversa com um amigo da Pós-Graduação em Performances Culturais, ocorrida em uma mesa de bar, que para nós se constitui também como um lugar de fruição de conhecimento.

Ele referindo-se ao seu orientador, me relatou que este costuma dizer que pesquisa não tem fim, mas tem prazo.

Meu prazo chegou, no entanto, nosso jogo assim como nossa pesquisa não se encerra aqui, talvez estejamos apenas entrando em campo para uma disputa acirrada, contra os defensores da “moral” e dos “bons costumes”.

Esperamos estar caminhando para uma goleada, ou melhor, uma balbúrdia, de no mínimo 7 X 1.

Referências Bibliográficas

AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE POR OMISSÃO 26 DISTRITO FEDERAL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, MINISTRO CELSO DE MELLO, Brasília: 20/02/2019 Plenário.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2015.

ALMEIDA, Marco Bettine e SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: Caso de homofobia. *Movimento*, Vol. 18 ano 01, Porto Alegre. 2012. p. 301-321.

ALMEIDA, Thaís Rodrigues, Derós, Carolina de Campos e MUHLER, Johanna Von. *A ofensa, o juiz e a sentença: Gênero e sexualidade em jogo no futebol brasileiro*. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST67/Almeida_Deros_Muhlen_67.pdf. Acesso em: 24 março. 2018.

ALVES, Damares. *Damares e o meme pronto: "meninos veste azul, menina veste rosa"*. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/damares-e-o-meme-pronto-menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa/> Acesso: em 10/01/2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada e SEFFNER, Fernando, Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: Um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, ano XIV, n. 29, Oeste do Paraná. Universidade Federal do Oeste do Paraná. 2013. p. 246-270.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol, in *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 44. 2010. p. 342-410.

BARBOSA, Maria Jose Somerlate. Chorar verbo intransitivo. *Cadernos Pagú*, Campinas, n. 11, p. 327-328, 1998.

BENTO, Berenice. *A (mal-disfarçada) ideologia de gênero de Damares*. Disponível em: https://outraspalavras.net/feminismos/a-mal-disfarçada-ideologia-de-genero-de-damares/?fbclid=IwAR2aZrBcuiD_t6ZnKrARSI5JUYP_8HCeGPym_f5hLHlqw7avhPiumCIPoE. Acesso em: 15 jan.2019.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2016.

BUTLLER, Judith. *Problema de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. *Corpos que ainda importam*, in *Dissidências sexuais e de gênero*. COLLING, Leandro. Salvador, EDUFBA. 2016. p. 19-42

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Petrópolis. Editora Vozes. 2107

CARLSON, Marvin. O entrelaçamento dos estudos modernos da performance e as correntes atuais em antropologia. *Revista brasileira de estudos da presença*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2011. p. 164-188.

CARREIRA, Denise. O lugar do sujeito branco na luta antirracista. Disponível em: https://sur.conectas.org/o-lugar-dos-sujeitos-brancos-na-luta-antirracista/?fbclid=IwAR3rEdD8U1b1qPi9C1vodAOcHLzJVyXPpe_Ml_PswQxx5_CTMd65bMbOUC8. Acesso em: 20/03/2019

CLEZAR, Mateus de Souza. *Futebol e fascismo: Como o fascismo italiano se manifestou no cálcio*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

COLLING, Leandro. *Gênero e Sexualidade na atualidade*. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. UFBA. Salvador. 2018.

CONNELL, Raewyn e PEARSE, Rebecca. *Gênero um perspectiva global*. São Paulo. nVersos, 2015.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo. nVersos. 2016.

COSTA, Grasielle Alves da e CAMARGO, Robson Corrêa. Ritual em Richard Schecnher e Victor Turner: Aspectos de um diálogo interdisciplinar. In. CAMARGO, Robson Corrêa, CUNHA Fernanda e PETRONILIO, Paulo (org) *Performances da Cultura: Ensaios e Diálogos*. Goiânia: Kelps. 2015.

CREMILDA, Medina. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática. 2008.

CUNHA, Manuel Sergio Vieira, *Corpo Mulher e Sociedade ... ou uma certa prática*, in. *Corpo Mulher e Sociedade*. ORG. ROMERO, Elaine. Campinas, Papyrus, 1995

DAMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUTRA, Flora ardenghi e ORELLANA, Carlos. Selfies no Tinder: masculinidades hegemônicas como performance. Chasqui, *Revista Latinoamericana de Comunicacion*, nº 135. 2017. p. 143-158

ESTEVEES, Martha. Ser Juiz é tudo in *Revista Placar*, nº 929, São Paulo: Editora Abril. 1988.

FIFPRO, Word Players' Union. Working Conditions in Professional Women's Football. Disponível em: <https://presspage-production-content.s3.amazonaws.com/uploads/1369/fifpro-women-15-12-final.pdf>. Acesso em 02 fevereiro 2019.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A danças dos deus: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GASTALDO, Édison. Futebol e performances de gênero: Notas etnográficas sobre as relações jocosas futebolísticas, 2006. Disponível: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/futebol-e-performances-de-genero-notas-etnograficas-sobre-as-relacoes-jocosas-futebolisticas/> acesso: 02 de setembro de 2018

GIELOW, Igor. *Punho Cerrado é herança política do século XX*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1407254-punho-cerrado-e-heranca-politica-do-seculo-20.shtml>. Acesso em 12 fevereiro 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *A Produção cultural do corpo*. In: Louro, Guacira Lopes, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana Vilodre (org). *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOZZI, Ricardo, *Democracia Corintiana: A utopia em jogo*. Boitempo Editorial, São Paulo. 2011

HEIZER, Teixeira. Dois juízes é piada e a minha majestade in *Revista Placar*, nº 44. São Paulo, Editora abril. 1971.

HOLANDA, Cristina Buarque. O FUTEBOL NO IMAGINÁRIO DA INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA DE INÍCIOS DO SÉCULO XX: o embate teórico entre Lima Barreto e Coelho Netto. ENFOQUES – revista eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ. 2005. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/33/26>. Acesso: 15 de março de 2019

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo. Editora Perspectiva, 2018.

JATFORS, Anna-Karin. Mulheres vão ganhar o mesmo que homens – daqui 202 anos. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/dinheiro/carreira/mulheres-v%C3%A3o-ganhar-o-mesmo-que-homens-%E2%80%93-daqui-a-202-anos/ar-BBRbluY?li=AAqgXC1> Acesso em : 05 janeiro 2019.

JULIÃO, Igor. O perfil nada boleiro de Igor Julião, lateral do Flu, fã de Frida Karlo e crítico da homofobia no futebol. Disponível em: https://oglobo.globo.com/esportes/o-perfil-nada-boleiro-de-igor-juliao-lateral-do-flu-fa-de-frida-karlo-critico-da-homofobia-no-futebol-1-23298917?fbclid=IwAR1wLgIHGc_IXHKhwaJd00yqu1lqITyw12aNO0TTz7JuBHjc3ADzoWpcF1s . Acesso em: 15 dez. 2018.

KFOURI, Juca. O futebol entre palcos e bastidores. In: CARRARO, Paulo Cesar Rodrigues (org). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 45-64

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*. 1998. p. 103-117.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo. Companhia das Letras. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer uma política pós-identitária para a educação. *Problema de Gênero*. CARLA, Rodrigues, BORES Luciana e RAMOS, Tânia Regirna Oliveira. Rio e Janeiro, Editora Funarte, 2016.p. 211-228.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. IN: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Discursos de ódio. Cenas latino-americana para diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas pública. SEFFNER, Fernando e CAETANO, Márcio. Rio Grande, Editora da FURGS. 2015. p. 268-279

MATOS, Maria Izilda Santos de, Por uma história das sensibilidades em foco- a Masculinidade. *Histórias, questões e debates*. n.34.Curitiba:Editora da UFPR, 2001, p. 45-63.

MOURÃO, Ludmila, NOVAIS, Mariana e SOARES, João Paulo Fernandes, O dia em que o capitão chorou: Notas sobre performatividade de gênero e masculinidade no futebol profissional. *Seminário Internacional fazendo gênero*. Florianópolis, 2017. p. 1-12

NOLASCO, Sócrates. O apagão das masculinidades. *Trabalho e sociedade*. n. 02. Rio de Janeiro. 2001. p. 9-16

OGAWA, Alfredo. O drama de um aidético in *Revista Placar*, nº 966. São Paulo, Editora Abril. 1988

ORLETTI, Carlos. Apareceu o Margarida in *Revista Placar*, nº 894. São Paulo, Editora Abril. 1987

PEREIRA, Fernanda e GARCIA, Dantielli Assumpção. No Ranger da Memória: O movimento feminista e o Femen, In : *Mulheres sobre Mulheres: Reflexões à luz da análise do discurso*. Organização. TARINI, Ana Maria de Fátima Leme e ORSATTO, Franciele Luzia de Oliveira. Editora IFPR. Curitiba. 2018. E-book. p 38-60. Disponível em: <http://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Mulheres-Sobre-Mulheres.pdf#page=82>. Acesso: 10 de março de 2019.

PINTO, Maurício Rodrigues. *Torcidas livres e queer em campo: Sexualidade e novas práticas discursivas no futebol*. 2014. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/seminario2014/anais/GT1/5_Torcidas_Livres.pdf,. Acesso em: 24 março. 2018.

PINTO, Maurício Rodrigues e BERGAMIN, Marta de Aguiar. Torcidas livres e queer em campo: Sexualidade e novas práticas discursivas no futebol, in: III SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo-SP, 2014.

PINTO, Maurício Rodrigues. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro, disponível: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh. 2018. acesso 01 de julho de 2019.

PIRES, Breiller. *O Sindicato secreto dos árbitros gays*. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/z4b7y9/sindicato-secreto-arbitros-gays. Acesso em: 08 abril 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana , in De los saberes de la emancipación y de la dominación, Buenos Aires, CLACSO Editoria, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20160224041201/04porto.pdf>. acesso em: 10 de março de 2019.

RAPOSO, Silvia. *Antropologia e performance. Terra de ninguém ou de todos?* Revista de recerca i formacion em antropologia. 2017. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/periferia/article/view/v22-n1-raposo>. Acesso em 20 junho 2018.

REZENDE, Marcelo, O juiz que imitava Carmem Miranda in *Revista Placar*, nº 807. São Paulo, Editora Abril. 1985

RIBEIRO, Claudia Regina Santos e SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de, *Construindo a masculinidade hegemônica: Acomodações e resistências a parti da apropriação de personagens de novelas por adolescentes das camadas populares*. 28ª Reunião da ANPED, Grupo de estudo: gênero, sexualidade e educação. Caxambu, 2005. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/ge23.htm>. Acesso em: 25 março. 2018.

RIBERIO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo. Polén, 2019.

RODA VIVA, *Memória Roda Viva: Dulcídio Wanderley Boschilla*, Disponível em http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/485/entrevistados/dulcidio_wanderley_boschilla_1988.htm . Acesso em 02 fevereiro 2019.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: Crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. *Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte*. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2010.

ROSOSTOLATO, Breno. *O homem cansado: Uma breve leitura das masculinidades hegemônica e a decadência patriarcal*. Revista brasileira de sexualidade humana. 2018. p. 57-70

SANTOS, Clésio Moreira dos. Árbitro Margarida. Disponível em: <http://classico.velhosamigos.com.br/CantinhoSaude/saude19.html>. Acesso em 10 setembro 2018.

SANTOS, Clésio Moreira dos. *De Frente com Gabi Margarida parte 2*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qI-F09NTZgw>. Acesso em 20 outubro 2017.

SANTOS, Josué Leite dos. Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na educação básica. Universidade Federal da Bahia. 2013

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. LADO *HARD* DA CULTURA COOL: AS TORCIDAS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL. 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4a2c6e0c5fadb70d4f1777d288f64651.pdf> Acesso em: 15 de março de 2019.

SCHECHNER, Richard. Performance e Antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Maud. 2012.

SCHECHNER, Richard. O que é Performance, in *Performance Studie: na Introduccion*, second edition. New York & Londres, Routledge, p. 28-51. 2006. Disponível em: https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf Acesso em: 05 de março 2018.

SCHECHNER, Richard. Performance Theory. New York. Taylor & Francis e-Library. 2004

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia do armário*. Cadernos Pagu. Campinas, n. 28. 2007. p. 19-54.

SILVA, Alberto da Silva, RODRIGUES, Ciro Romélio Añez e FROMETÁ, Edgardo Romero. O árbitro de futebol – uma abordagem histórico-crítica. *Revista da Educação Física*, v. 13. n. 1. Universidade Estadual de Maringá. 2002. p. 39-45

SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Torcer, retorcer, distorcer e destorcer: Notas sobre futebol, homofobia e pertencimento, in: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER, Belo Horizonte-MG, 2016.

SILVA, Marta Vieira da. *Se jogasse futebol masculino, não precisaria trabalhar mais nunca, diz Marta*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/12/se-jogasse-no-futebol-masculino-nao-precisaria-trabalhar-nunca-mais-diz-marta.shtml> Acesso em: 27 dezembro 2018.

SOUZA, Marcos Alves de. *A “Nação em chuteiras”: Raça e masculinidade no futebol brasileiro*. Universidade de Brasília. 1996.

THÜRLER, Djalma. *Masculinidade precária*, in, Revista de artes e humanidades, n. 08, 2011.

THÜRLER, Djalma e ARAGÃO, Rafael. Representação feminina, identidade masculina. *Interfaces Científica – Humanas e Sociais*. Vol. 01, nº 01, 2012. p – 09-15

TURCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa. Editora Veja. 1999.

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015.

VELOSO, Sainy Coelho Borges. *Entre tabladós e arenas: Performances Culturais*. Urdimento. *Revista de estudos em artes cênicas*. Florianópolis. .2 n.23. 2014. Disponível: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102232014188> Acesso em 06 agosto 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Futebol de Rua*. 2016. Disponível em <http://contobrasileiro.com.br/futebol-de-rua-chronica-de-luis-fernando-verissimo/>. Acesso 02 de fevereiro 2019.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidiano Lésbicos e Gays em Espaço Urbano. *Revista latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v.1, n.1. 2010. p. 5-13.

VIGARELLO, Georges. Estádios – O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In. CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO Georges *História do Corpo – as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes. 2008.

ZIRIN, Dave. *O Brasil Dança com o Diabo: Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e a luta pela democratização*. São Paulo, Editora Lazuli. 2014.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2000. p. 35-82.

WISNIK, Jose Miguel. *Veneno remédio: O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

Anexos

ANEXO A

Foto vencedora do Prêmio Shell de jornalismo no ano de 1982, tirada por Reginaldo Manente, no Estádio di Sarriá, durante jogo entre as seleções do Brasil e da Itália.



Fonte - <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/10/31/menino-da-tragedia-do-sarria-lamenta-fim-de-jornal-tarde-e-conta-como-foto-historica-marcou-sua-vida.htm>

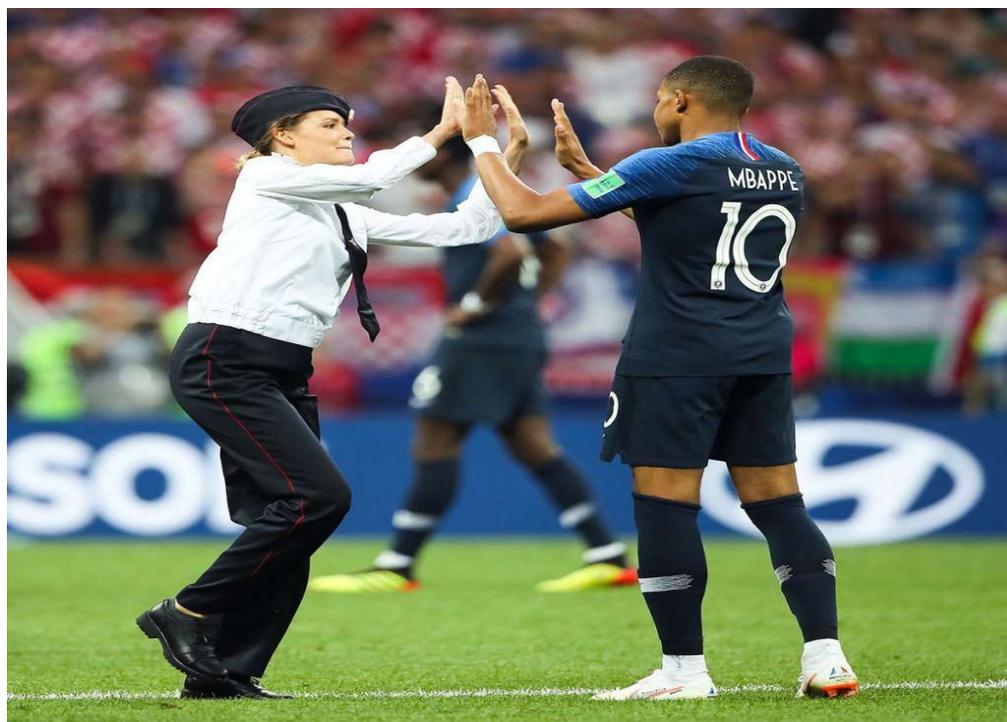
Acesso: 22 julho 2018

ANEXO B

Imagens da invasão do jogo final da Copa do Mundo da Rússia, em 2018, realizada pela banda de punk rock Pussy Riot.



Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/grupo-pussy-riot-invade-final-da-copa-do-mundo-em-protesto-contraputin-entenda.shtml> acesso: 04 janeiro 2020



Fonte: <https://jovempan.com.br/esportes/copa-2018/final-da-copa-e-paralisada-por-invasao-de-campo-grupo-musical-reivindica-ato.html> acesso: 04 janeiro 2020

ANEXO C

Imagem do protesto disfarçado “The Hidden Flag” organizado pela Federação estatal de Lésbicas, gays, Trans e Bissexuais da Espanha, durante a Copa da Rússia.



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/07/protesto-disfarçado-cria-bandeira-lgbt-com-camisas-da-copa.shtml> acesso: 20 outubro 2018

Faixa que o time do Vasco da Gama, entrou em campo, após paralisação de um jogo devido a gritos homofóbicos que vinham de sua torcida.



Fonte: <https://www.lance.com.br/vasco/apos-polemica-entra-campo-com-mensagem-homofobia-crime.html>
Acesso: 15 outubro 2019

ANEXO D

Gesto utilizado pelo jogador Sócrates para comemorar seus gols.



Fonte - <https://brasiliamaranhao.wordpress.com/2011/12/05/socrates-censurado-pela-globo/>
acesso 15 abril 2018



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/734931232911357878/>
acesso: 15 abril 2019

ANEXO E

Jonhy Pirou
 Era uma tarde de domingo e tinha muito sol
 Jogo do Flamengo e Fluminense legal
 Johnny viu anunciado no jornal
 E foi para o Maracá assistir na geral
 Pela primeira vez sentiu a sensação de um gol
 Foi gol
 Foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 Johnny pirou
 Johnny é executivo de uma multilegal
 E mora em suíte presidencial
 Mas naquela tarde tudo, tudo mudou
 Quando um negão sua cintura agarrou
 E com uma voz muito grossa em seu ouvido gritou
 Foi Gol
 Foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 Johnny pirou
 De repente o ponta pelo beque passou
 E com muito charme para a área lançou
 O goleiro apaixonado nem sequer reparou
 Quando entre suas pernas a bola entrou
 E o negão animação novamente
 A Johnny agarrou e beijou
 Foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 E Johnny pirou no negão
 Pirou, pirou no negão pirou
 Pirou, no negão pirou
 Pirou, no negão pirou
 Pirou, no negão pirou
 Johnny pirou
 Foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 Gol do Mengão, foi gol / Gol do Mengão, foi gol
 E Johnny pirou no negão
 Pirou, pirou no negão pirou
 Pirou, no negão pirou
 Pirou, no negão pirou
 Pirou, no negão pirou
 Johnny pirou

Fonte: https://www.google.com/search?rlz=1C1GGRV_enBR849BR849&sxsrf=ACYBGNTGEz9QZowFMCaxmkTU_nAfZNLf5HQ%3A1578239515903&ei=GwYSXoPhNoO25OUPqceKuAM&q=johnny+pirou+letra+ney+matogrosso&oq=johnny+pirou+letra+ney&gs_l=psy-ab.1.0.33i22i29i30.305.1167..3046...0.0..1.510.1545.0j2j3j5-1.....0....1..gws-wiz.....35i39j0i22i30.FSYDvYsOu7E acesso: 15 novembro 2019

ANEXO F

Time participante da Champions LIGAY



Fonte: <https://hornet.com/stories/pt-pt/belo-horizonte-sediara-champions-ligay/>
acesso 04 janeiro 2020



Fonte: <https://www.torcedores.com/noticias/2018/05/gay-tambem-joga-bola-ligay-promove-inclusao-lgbti-no-pais-do-futebol>
acesso 04 janeiro 2020

ANEXO G

Bandeira LGBT, no mastro do escanteio do Estádio da Fonte Nova.
Salvador/BA



Fonte:

https://www.google.com/search?q=BANDEIRA+LGBT+TIME+BAHIA&rlz=1C1GGRV_enBR849BR849&sxsrf=ACYBGNSJOcmOBj3y0g8iCO4ydeaKeXrNhQ:1575431510586&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj3urnci5vmAhUeGLkGHQ2wB9wQ_AUoAXoECAsQAw#imgrc=G26uSKz5QYNZXM; acesso: 10 dezembro 2019

Campanha Rainbow Laces na Premier League



Fonte: <https://observatorioracialfutebol.com.br/na-faixa-de-capitao-e-bandeirinha-de-escanteio-premier-league-vai-mostrar-bandeira-do-arco-iris-em-apoio-a-comunidade-lgbt/>

Acesso 10 dezembro 2019

ANEXO H

Foto da Marta comemorando o gol com a chuteira da campanha da Go Equal



Fonte: https://www.google.com/search?q=marta+chuteira+preta&rlz=1C1GGRV_enBR849BR849&sxsrf=ACYBGNRiC6F0D9ePSop3I4c30R0QmHFCig:1578239168399&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjP4IKI5-zmAhWPLLkGHUIBA6gQ_AUoAXoECAwQAw&biw=1366&bih=657#imgrc=cHETJinswLeLDM

acesso 05/01/2020

ANEXO I

Discurso de Megan Rapione na cerimônia de premiação de melhor jogadora de futebol de 2019 de FIFA

Estou um pouco sem palavras, se é que dá para acreditar. Isso raramente acontece comigo. Antes de mais nada, quero agradecer à minha família. Minha irmã gêmea está aqui comigo hoje. Todos os meus amigos e familiares lá de Redding, em casa. Minha adorável namorada que não pôde estar aqui. Muito obrigada a todos por todo o apoio que me deram durante todos estes anos e especialmente ao longo deste último ano.

Todas as treinadoras que tive durante toda a minha vida, mas particularmente este ano e os últimos dois anos. Nossa equipe técnica, com Jill Ellis e o resto deles, nos colocou em uma posição tremenda para sermos tão bem sucedidas quanto temos sido. Todas as minhas companheiras de equipe que aturam todas as minhas merdas o tempo todo e me deixam ser um pouco selvagem às vezes, mas me deixam em paz quando eu preciso de paz, obrigada a todas elas atualmente e a todas com quem joguei no passado.

Como dizia o Gianni (Infantino), este foi um ano incrível para o futebol feminino. Para aqueles de vocês que estão percebendo isso apenas agora, tudo bem, vocês estão um pouco atrasados para a festa, mas vamos perdoá-los. Estamos apenas começando. Foi realmente incrível. A Federação Francesa de Futebol e a FIFA realizaram uma Copa do Mundo absolutamente fantástica. Fazer parte dela é simplesmente indescritível. O público que tivemos e o entusiasmo, a qualidade em campo, foram incríveis.

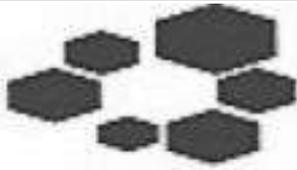
Eu disse ao Gianni que ele roubou um pouco do meu discurso, falando sobre todos os problemas, ele tirou uma pequena página da minha cartilha. Mas eu ia dizer algumas das histórias que mais me inspiraram neste ano: Raheem Sterling e (Kalidou) Koulibaly, seus desempenhos incríveis no campo, mas a maneira como eles enfrentaram o racismo nojento que eles têm que enfrentar, não só neste ano, mas provavelmente por toda a vida deles.

A jovem iraniana que acabou se incendiando porque não conseguiu ir ao jogo. O único jogador da MLS abertamente gay, o sr. (Collin) Martin, e as incontáveis outras jogadoras LGBTQ que lutam tão duro todos os dias para, primeiro, apenas praticarem o esporte que amam, mas, segundo, também para combater a homofobia desenfreada que temos. Essas são todas as histórias que me inspiram tanto, mas que também me deixam um pouco triste e um pouco decepcionada.

Sinto que, se realmente quisermos ter uma mudança significativa, o que acho que é mais inspirador seria se todos, mais do que Raheem Sterling, Koulibaly, ficassem tão indignados com o racismo como eles. Se todos os outros fossem assim. Se todos estivessem tão indignados com a homofobia quanto os jogadores LGBTQ. Se todo mundo estivesse tão indignado com a igualdade de remuneração ou a falta dela ou a falta de investimento no esporte feminino além das mulheres, isso seria a coisa mais inspiradora para mim. Sinto que esse é o meu pedido a todos. Temos uma oportunidade incrível de sermos jogadores profissionais de futebol. Temos tanto sucesso, financeiro e outros, que temos plataformas incríveis.

Peço a todos aqui – porque acho que todos neste salão provavelmente têm uma coroa que carregam – para que emprestem a sua plataforma para outras pessoas. Ergam as outras pessoas. Compartilhem o seu sucesso. Temos uma oportunidade única no futebol, diferente de qualquer outro esporte do mundo, de usar este belo jogo para realmente mudar o mundo para melhor.

Então, essa é a minha cobrança a todos. Espero que vocês levem isso a sério e façam alguma coisa. Façam qualquer coisa. Temos um poder incrível neste salão. Muito obrigado. É uma grande honra.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Apareceu o Margarida: Estudo da performance de árbitros de futebol.

Pesquisador: Lázaro Moreira Gomes Júnior

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 04307118.4.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Sociais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.410.604

Apresentação do Projeto:

O projeto pretende fazer um estudo a partir do campo das performances culturais, de dois árbitro de futebol: Jorge José Emiliano dos Santos e Clésio Moreira dos Santos, apelidados de "Margarida", levantando questões sobre corpo, gênero, sexualidade e futebol, buscando compreender os conflitos e tensões geradas pela presença de um árbitro de orientação homossexual e outro de orientação heterossexual, mas que criou um personagem gay, dentro de um esporte que é território masculino, guiado pela heteronormatividade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Estudar sobre corpo, gênero, sexualidade e futebol a partir da ótica das performances culturais, tendo como objeto a atuação como árbitro de futebol de Jorge José Emiliano dos Santos e Clésio Moreira dos Santos, apelidados de Margarida.

Objetivo Secundário:

* Participar de diálogos com o orientador ao longo do processo da elaboração da dissertação;* Levantar , selecionar e analisar as referências

bibliográficas e áudio visuais que abranjam o futebol, corpo, gênero e performance;* Escrever no mínimo um artigo sobre o tema e viabilizar sua

publicação;* Elaborar uma performance teatral e,ou um roteiro dramaturgico sobre a temática

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

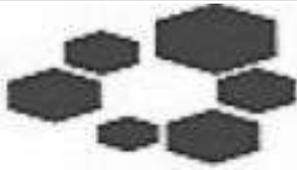
UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.410.604

estudada;* Participar de eventos científicos, apresentando o trabalho e seus possíveis desdobramentos;* Finalizar a escrita da dissertação e defende-la diante a banca, dentro do período de dois anos propostos pelo programa de Pós-graduação em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Avaliamos que os riscos aos participantes se estabelecem em duas vertentes, sendo a primeira de ordem física através de um imprevisto e,ou possível acidente no trajeto em direção ao local marcado para realização do grupo focal e o segundo através de um possível constrangimento e,ou inibição na participação do mesmo grupo focal.

Benefícios:

A presente pesquisa visa refletir sobre preconceitos de gênero presentes no esporte de maior visibilidade e penetração na sociedade brasileira, o futebol. Assim, acreditamos que o trabalho ao ser finalizado irá gerar benefícios para todos os envolvidos com a pesquisa, assim como para toda comunidade acadêmica e sociedade de forma geral, seja no debate, na reflexão e na crítica aos preconceitos apontados na pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

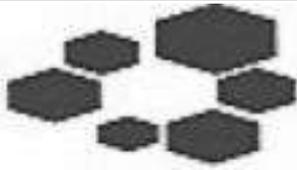
A pesquisa apresenta relevância do ponto de vista social, considerando a relação entre esporte e heteronormatividade. O cronograma tem previsão de início de coleta para outubro de 2019 e o orçamento é de R\$ 2400,00 por conta do pesquisador responsável.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Para esta versão do projeto, foram apresentados:

- Folha de Rosto devidamente assinada;
- Informações básicas do projeto;
- Brochura (Projeto completo);
- Carta de encaminhamento com as alterações realizadas nesta versão do projeto;
- Declaração de que ainda não iniciou a coleta de dados e que só o fará após a autorização do CEP;
- Atendimento de parecer do CEP;

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.410.604

- Novo TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as solicitações foram atendidas. Assim, considero o protocolo aprovado, salvo melhor juízo deste comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

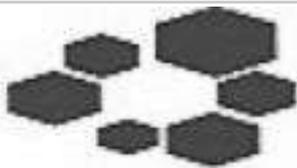
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1159171.pdf	13/06/2019 18:02:20		Aceito
Outros	carta.pdf	13/06/2019 17:59:21	Lázaro Moreira Gomes Júnior	Aceito
Outros	declaracao.pdf	13/06/2019 17:58:09	Lázaro Moreira Gomes Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	13/06/2019 17:51:11	Lázaro Moreira Gomes Júnior	Aceito
Outros	atendimento_parecer_CEP_UFG.pdf	26/03/2019 14:03:31	Lázaro Moreira Gomes Júnior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_compromisso.pdf	03/12/2018 17:11:31	Lázaro Moreira Gomes Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Apareceu_o_Margarida.pdf	03/12/2018 17:09:04	Lázaro Moreira Gomes Júnior	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_apareceu_o_Margarida.pdf	03/12/2018 16:47:13	Lázaro Moreira Gomes Júnior	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 3.410.604

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 25 de Junho de 2019

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com